

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

Ariel Finguerut

A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush



Araraquara – SP
2008

Ariel Finguerut

A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Estado e Políticas Públicas

Orientador : Luis Fernando Ayerbe

Bolsa: CNPq

Araraquara – SP
2008

Dedicado a todos aqueles que acreditaram no meu trabalho (especialmente Teresinha e Priscila) e que me incentivaram ao longo desta jornada que – às vezes – parece não ter fim.

Agradecimentos

Obrigado: Colegas e amigos da turma de pós - graduação em Sociologia de 2006, dos grupos de estudos GEICD, OREAL, IEEI e de Relações Internacionais; Luciana Carvalho, Beth Lisboa, Guilherme Antunes, Marcelo Yokoi, Eliane d. C. Silva, Gustavo R. Tessari, Thereza Cristina U. Alves e aos professores Marco Aurélio Nogueira, Milton Lahuerta, Raul Ficker, Renata Medeiros Paolielo, Eliana Maria de Mello Souza, Piero de Camargo Leirner, João Roberto Martins Filho e ao CNPq.

Muito Obrigado: Luis Fernando Ayerbe, Mário Martinez, Danilo Henrique Divardin, Jaime e Teresinha Finguerut, Esther, Adriano, José Rodolfo, Rebecca Serf e Priscila Elisabete da Silva (e família).

**Ich hatte schlechte Lehrer,
Das war eine gute Schule.
Arnfrid Astel**

[O sr. Keuner e a maré]

O sr. Keuner passava por um vale, quando notou de repente que seus pés estavam na água. Então percebeu que seu vale era na realidade um braço de mar, e que o momento da maré alta se aproximava. Imediatamente parou, buscando com os olhos uma canoa, e enquanto desejava uma canoa ficou parado. Mas, não aparecendo nenhuma canoa, ele abandonou essa esperança e esperou que a água subisse mais. Somente quando a água lhe atingia o queixo ele abandonou também essa esperança e nadou. Tinha percebido que ele mesmo era uma canoa.

Historias do Sr. Keuner – Bertolt Brecht

What he's typed will be a window into his madness.

Marge Simpson

Resumo

Com a ascensão de George W. Bush, as idéias neoconservadoras tornaram-se influentes na Casa Branca, especialmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, com a formulação de uma nova doutrina de segurança nacional que substituiu a dissuasão e a contenção, vigentes durante a Guerra Fria, pela ação preventiva contra potenciais inimigos da governabilidade global. Nessa dissertação propomos uma análise dessas idéias, seus principais representantes e sua influência nas políticas dos Estados Unidos. Tomaremos como referência os dois governos de George W. Bush, o primeiro mandato entre 2000 e 2005 e o segundo, em andamento. Buscaremos mapear seus secretários, assessores e nomeados, destacando neoconservadores ou pessoas próximas ao círculo neoconservador, mostrando assim, a influência neoconservadora nos temas da política externa da Casa Branca durante o governo George W. Bush.

Palavras-chave: Pensamento Neoconservador, Política Externa dos Estados Unidos, Relações Internacionais Contemporâneas, George W. Bush, História dos Intelectuais, Think Tanks.

ABSTRACT

With the rise of George W. Bush the neoconservative ideas became very influential in the White House, especially after the 11\09\01 acts, with the formulation of a new doctrine of national security that replaced the dissuasion and contained in force during Cold War by the preventive action against potations enemies of the global governability. In this dissertation we propose an analysis of those ideas, those representatives yours representatives and the influence of those ideas in the U.S politics. We will take as reference the two George 's W. Bush governments, the first government form 2000 to 2005 and the second in progress. We seek to map the Bush Cabinet looking for neoconservatives or people near by their ideas, showing the influence of the neoconservative ideas in the U.S foreign affairs during the George W. Bush presidency.

Keywords: Neoconservative Thinking, U. S Foreign Affairs, Contemporary International Relations, George W. Bush, history of the Intellectuals, Think Tanks.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Think Tanks que foram financiados pela John M. Olin Foundation _____	57
Tabela 2 - Think Tanks que foram financiados pela Bradley Foundation _____	58
Tabela 3 - Think Tanks financiados pela Fundação Smith Richardson _____	59
Tabela 4 - Comparação dos gastos militares do EUA frente a outros países (dados de 2007) _____	95
Tabelas 5 - Principais Think Tanks e seus respectivos web sites do movimento neoconservador e da Direita Cristã _____	106
Tabela 6 - Formação do gabinete do governo Bush (primeiro mandato) _____	107
Tabela 7 - Perfil comparado quanto a gênero e cor da pele, em porcentagem, entre os gabinetes de George H. W. Bush (1989- 1993) e os gabinetes de George W. Bush: primeiro mandato (2001-2005) e segundo mandato iniciado em 2006 _____	120
Tabela 8 - Nomes importantes do governo George W. Bush que deixaram o governo desde 2006 _____	120
Tabela 9 - Um recorte dos votos de George W. Bush (em porcentagem de votos) __	121
Tabela 10 - A disputa de 2004 entre John Kerry (Democrata) e George W. Bush (Republicano) _____	122
Tabela 11 - Distribuição do eleitorado que votou guiado por valores em 2004 _____	124
Tabela 12 - A identificação do eleitorado em 2004 _____	124
Tabela 13 - Maiores porcentagens de eleitores evangélicos nos EUA _____	126

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Comparação entre as guerras do Vietnã e do Iraque quanto às baixas americanas em combate por mês** _____ 81
- Gráfico 2 – Comparação entre as guerras do Vietnã e do Iraque quanto às baixas americanas em combate por ano** _____ 82
- Gráfico 3 – Os gastos militares dos EUA desde 1998 segundo o *Center for Arms Control and Non-Proliferation*** _____ 94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os neoconservadores na <i>Coalition for a Democratic Majority</i> (1972)	32
Quadro 2 – Os neoconservadores no <i>Committee on the Present Danger</i> (1950 -)	33
Quadro 3 – The Claremont Institute	44
Quadro 4 – American Enterprise Institute	45
Quadro 5 – RAND Corporation	46
Quadro 6 – PNAC (Project for the New American Century)	47
Quadro 7 – Relação dos Think Tanks do Lobby de Israel	50
Quadro 8 – Os principais neoconservadores ligados à discussão sobre o estado de Israel	51
Quadro 9 – JINSA (The Jewish Institute for National Security Affairs)	52
Quadro 10 – Hudson Institute	53
Quadro 11 – Hoover Institution	54
Quadro 12 – Pesquisadores visitantes do Hoover Institution	54
Quadro 13 – Heritage Foundation	55
Quadro 14 – Neoconservadores no governo George W. Bush conforme os Think Tanks	56
Quadro 15 – Grande Mídia com articulistas neoconservadores	56
Quadro 16 – Principais publicações neoconservadores	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM - Armas de Destruição em Massa

AEI - American Enterprise Institute

AIDS - Acquired Immune Deficiency Syndrome

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CDM - Coalition for a Democratic Majority

CFR - Council on Foreign Relations

CIA - Central Intelligent Agency

CNN - Cable News Network

CPD - Committee on the Present Danger

EUA - Estados Unidos da América

FMI - Fundo Monetário Internacional

GOP - Grand Old Party [Partido Republicano]

HIV – Human immunodeficiency vírus

JINSA - Jewish Insitute for National Security Affairs

LSD - Lysergic acid diethylamide

KKK - Klu Klux Klan

MBA - Master of Business Administration

NASA - National Aeronautics and Space Administration

NSSR - New School for Social Research

NY – New York

NYT - New York Times

OMC - Organização Mundial do Comércio

ONGs - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OPEC - Organization of the Petroleum Exporting Countries

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PIB - Produto Interno Bruto

PNAC - Project for the New American Century

PRF - Project for Republican Future

RAND - Research and Development

UCLA - University of California, Los Angeles

UNICEF - United Nations Children's Fund

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USAID - US Agency for International Development

WASHINGTON D.C. - Washington District of Columbia

W.T.C - World Trade Center

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo I - A trajetória dos neoconservadores	18
1 - Os intelectuais de Nova York	18
2 - Leo Strauss e os círculos neoconservadores	21
3 - Neoconservadores e o Ethos de Esquerda	29
4 - Uma geração com novas idéias	33
5 - William Kristol e John Podhoretz: filhos de radicais	35
6- O que traz de neo, os neoconservadores?	37
Capítulo II - A organização dos neoconservadores	40
1 - Os neoconservadores e os Think Tanks	40
2 - Entre Nova York e Washington D.C.	42
3 - A presença dos neoconservadores nos principais Think Tanks conservadores dos EUA	44
4 - Fundações e Think Tanks	57
Capítulo III - A influência política dos neoconservadores	61
1 - Ronald Reagan	61
2 - De pai para filho: de George H. W. Bush à George W. Bush	63
3 - A Política Externa dos EUA	64
4 - Pensamento neoconservador e Política Externa	70
4.1 - O Esforço de Irving Kristol	70
4.2 - A Segunda Geração: e a consolidação da política internacional mediada pela crença no poder militar	72
5 - O 11\09\01	73

6- A Guerra do Iraque: afirmação das idéias neoconservadoras	77
7 - Uma aproximação à visão de mundo neoconservadora	83
7.1 - Unipolaridade	83
7.2 – Soft e Hard Power: Europa e EUA	85
7.3 – A Guerra que fortalece e dá sentido	88
8 - George W. Bush e o “Novo” Militarismo Americano	90
9 - Crença no poder das armas	96
Capítulo IV - O Governo George W. Bush (2000 – 2008)	97
1 - As ações de George W. Bush. A trajetória de George W. Bush	97
2 - A Base de apoio de George W. Bush	99
3 - George W. Bush e a Direita Cristã	101
3.1 - A Direita Cristã	101
3.2 Os neoconservadores e a Direita Cristã	104
4 - Os gabinetes e o perfil dos secretários	107
4.1 - Primeiro Mandato (2001-2005)	107
4.2 - Gabinete do Segundo Mandato	108
5 – O Desempenho eleitoral de George W. Bush em 2004	121
6 - O Legado de George W. Bush	126
Conclusão	133
Referências bibliográficas	135

Introdução

O desafio a que nos propomos nesta dissertação está em mostrar ao leitor a influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush, entre 2001 e 2007. Para isso, elaboraremos um mapeamento dos intelectuais, que em sua trajetória caminharam dos chamados *Intelectuais de Nova York*, fortemente arraigados no campo da esquerda americana nos anos de 1930 – 1940, até os chamados neoconservadores. Estes podem ser caracterizados como políticos, funcionários de carreira da Casa Branca e intelectuais dos círculos dos *Think Tanks*¹ de Washington D.C. que revolucionaram a Direita Americana quando re-pensaram os rumos da política externa dos EUA pós-Guerra Fria e re-introduziram na opinião pública, temas como patriotismo, valorização do poder americano e a viabilidade da unipolaridade no Sistema Internacional. A revolução dos neoconservadores na Direita Americana é a chave para entendermos a chamada Nova Direita por atrair o foco das ações do governo para a política externa e para o papel dos EUA no mundo.

Procuraremos demonstrar que, os neoconservadores elaboram estratégias que articulam tanto a opinião pública quanto posições estratégicas para atingirem o poder político no governo da maior potência do mundo: os Estados Unidos da América. Todavia, para que suas estratégias tenham êxito, é necessário que o contexto histórico deste país seja favorável, isto é, que seus ideais sejam coerentes com os anseios e "medos" da sociedade estadunidense.

Para entendermos os desdobramentos do governo de George W. Bush diante da Guerra ao Terrorismo Muçulmano e do esforço em manter a ordem internacional, pela força militar estadunidense, que é caracterizado nos termos de Richard N. Haass² como "xerife relutante do mundo", percebemos que é central percorrer o caminho traçado pelos neoconservadores dentro da Nova Direita. Os marcos da crítica neoconservadora são: o *New Deal* (1930), do *Fair Deal* (1940) e da *Great Society* (1960).

É diante desse quadro que podemos pensar o que fez uma figura como a de George W. Bush chegar à Casa Branca. Um homem antintelectual, que acredita no papel da família, principalmente como chefe de família, o que o coloca como um defensor de posicionamentos

¹ Think Tanks, como melhor apresentaremos na seção II, caracteriza-se por uma reunião de especialistas, intelectuais ou pesquisadores de diferentes áreas, que têm como objetivo elaborar um conhecimento que muitas vezes pode se transformar em um plano de ação política ou ainda de mobilização social para uma causa específica, como por exemplo, um esforço para proibir a prática do aborto. Há grupos na área de segurança ambiental, de tecnologia e de política pública. Encontra-se Think Tanks focados em países ou regiões específicas do mundo, que ganham destaque conforme os interesses dos grupos no poder ou da ideologia vigente na Casa Branca.

² Pesquisador sênior e atual presidente do CFR (Council on Foreign Relations). Cf. Hass (1998).

das tradições e valores cristãos, elementos que criam a imagem de conservador que remete a Reagan e que traz elementos cristãos para a formulação da política externa, um elemento novo. Mas que representou os anseios de uma sociedade preocupada com valores e carente de um plano de ação, depois dos atentados de 11/09/01.

Que ligação, portanto, podemos estabelecer entre a política externa de George W. Bush e os anseios dos neoconservadores? É possível pensar que a reação dos EUA ao terrorismo muçulmano – na concepção de uma Guerra ao Terror, que substitui a Guerra Fria como marco de política externa – foi pensada originalmente nos círculos desta corrente de pensamento?

Talvez o questionamento de partida para entendermos este pensamento e a política externa dos EUA seria: quais a percepção que os EUA com o mundo? Mais do que isso, qual é o mundo em que estamos vivendo? Uma das respostas desses políticos para estas questões é elaborada a partir da crítica à inércia do poder americano pós-Guerra-Fria. Diante desta falta de auto-questionamento, eles criam um plano de ação a partir deste diagnóstico, buscando remodelar a política internacional.

Da nossa perspectiva, o desafio último desse grupo talvez não esteja em pensar os EUA, mas sim em olhar para o mundo e pensar numa ocidentalidade judaico-cristão diante de ameaças que, mesmo globais, atingem o conceito de Ocidente como um todo. Neste sentido, os neoconservadores travam um diálogo com os autores que pensam na centralidade da cultura na política internacional. Este diálogo está nos Campi com professores da escola realista como Samuel Huntington e a Nova Geração da Nova Direita, herdeira dos críticos do liberalismo, como por exemplo, Francis Fukuyama e William Kristol. Este debate aparecerá também na política, na forma ideológica do embate entre a Velha e a Nova Direita, que conheceremos melhor neste trabalho.

Para pensar estas questões, organizamos a dissertação da seguinte forma: na primeira seção caracterizaremos o pensamento neoconservador, a partir do mapeamento dos seus principais atores. Falaremos da trajetória intelectual e social dos primeiros neoconservadores. Para isso, focaremos nossa atenção nos intelectuais de Nova York³ chegando até a germinação da Nova Direita⁴, mostrando a trajetória do pensamento neoconservador neste processo. Na segunda seção, mostraremos como eles organizam suas

³ Os Intelectuais de Nova York são intelectuais europeus refugiados ou fugitivos do nazismo na Europa que foram assimilados pelas universidades americanas, mas principalmente de NY. Dentre elas pode-se destacar a Universidade de Columbia, a City College e a Universidade no Exílio, que depois conhecida como a New School for Social Research.

⁴ A Nova Direita diferenciou-se da tradicional Direita americana principalmente nos anos de 1970 e 1980, por acreditar numa política externa mais expansionista e no âmbito da política doméstica e assimilar elementos do momento histórico, servindo de base para novos atores e novas forças políticas cujo marco de partida foi o governo Reagan e sua retórica religiosa e bélica chegando ao auge com a eleição de George W. Bush em 2000.

idéias através da rede de *Think Tanks* e de revistas como *Weekly Standard* e a *Commentary*. Demonstraremos os objetivos da organização neoconservadora e como eles agem no campo das idéias e da política. Na terceira seção, analisaremos a influência política dos neoconservadores tendo como balizas os governos de Ronald Reagan (1981 – 1989) e George W. Bush (2000 - 2008) fazendo em seguida, na quarta seção, a análise do Governo George W. Bush, de seu gabinete, de sua política externa e de seu legado, procurando mostrar a influência dos neoconservadores no processo decisório deste governo. Na conclusão, buscamos sintetizar nossas idéias sobre a ascensão e influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush.

Capítulo I: A trajetória dos neoconservadores

1 - Os intelectuais de Nova York.

“It was the betrayal of the liberalism (as they saw it) by the left that them turned them into neocons”.

(WOOLDRIDGE, 2004).

A trajetória do pensamento neoconservador começa nos anos de 1930 com a chegada dos refugiados europeus, principalmente alemães, a Nova York entre 1933 e 1939⁵. Boa parte desses refugiados, entre eles muitos intelectuais, foram financiados pela Fundação Rockefeller, tanto no processo de migração como no remanejamento para Universidades estadunidenses. Uma vez estabelecidos estes intelectuais buscaram, em parte, assimilar a cultura americana criando uma intelectualidade americana com formação nas ciências sociais europeias, principalmente alemã e inglesa (KROHN 1993). Uma outra parcela ainda acreditava voltar para a Europa após o nazismo. A maioria dos intelectuais estava inserida no universo do socialismo europeu, porém alguns eram conservadores — como por exemplo Leo Strauss — que também receberam apoio para se estabilizar nos EUA. Mesmo sendo da mesma geração, o “grupo de Nova York”, conhecido como o embrião do neoconservadorismo, formado por intelectuais europeus assimilados principalmente no universo das ciências sociais das Universidades de Nova York, e Leo Strauss, hoje considerado a raiz intelectual e filosófica dos neoconservadores, tiveram trajetórias distintas.

A partir da fundação da *New School for Social Research* (NSSR), em Nova York, é possível perceber a presença da tradição alemã nas ciências sociais. Esta escola, teve em seu corpo docente tanto liberais como intelectuais radicais, dentre os quais podemos destacar: Franz Boas⁶, Harold Laski⁷ e John Dewey. Foi também nos anos de 1930 que os primeiros

⁵ Documentos oficiais mostram dados de um universo de 12 mil intelectuais exilados. (KROHN, 1993).

⁶ Antropólogo, etnólogo referência da antropologia dos EUA, nasceu na Alemanha, de família judaica, trabalhou nas universidades americanas. Viveu de 1858 a 1942.

⁷ Cientista político inglês, economista e teórico. Laski também lecionou em Universidades britânicas, se destacando na London School of Economics Na Inglaterra teve importante papel no partido Trabalhista e na militância socialista britânica. Viveu entre 1893 e 1950.

teóricos das relações internacionais se estabeleceram nos EUA, destacando-se entre eles Erich Hula⁸, John Herz⁹ e Morgenthau¹⁰.

Em 1945, nascia a revista *Commentary* e em 1965, a *The Public Interest*. A primeira ligava-se a Norman Podhoretz e a segunda, a Irving Kristol. Dessas duas revistas fundamentalmente nasceu o pensamento neoconservador. Mas que definição podemos ter do termo *neoconservador*?

Os primeiros a usarem o termo “neoconservador” foram pessoas do partido Democrata referindo-se a ex-colegas que migraram para o partido Republicano, no final da década de 1960. O termo nasce, assim, de forma pejorativa. A alcunha foi, todavia, rapidamente ressignificada e absorvida, ganhando projeção com a definição de Irving Kristol, para o qual os neoconservadores eram os liberais que foram assaltados pela realidade (KRISTOL, 1995). Mais do que dar fama aos neoconservadores, Kristol mostrou que a definição do pensamento neoconservador não se faz no âmbito doméstico dos EUA, mas na política externa. Não se trata de buscar novos adeptos, antes, de superar o pensamento conservador marcado, na política externa, pelo realismo e pela promoção de valores americanos, reinterpretando o internacionalismo de Woodrow Wilson e produzindo uma postura internacional capaz de fundir o poder americano com os princípios americanos.

A supremacia militar americana, algo inédito no mundo, criou, no plano doméstico, uma nova identidade nacional, caracterizada por um destino messiânico, mediante o poder de transformação e de pacificação das forças estadunidenses. Nesse sentido, o pensamento neoconservador define-se como o detentor da solução para os problemas da política externa dos EUA. Nos termos de Max Boot (BOOT, 2002), neoconservador colunista da *Weekly Standard*¹¹, a razão de ser dos neoconservadores é a política externa. O pensamento neoconservador inova, ao, na política externa, transferir o foco da diplomacia para a segurança¹².

Irving Kristol, muitas vezes refletiu sobre a definição de neoconservador. Em sua obra *Neoconservatism: The Autobiography of an Idea* (1995), parte da compreensão de que o neoconservadorismo não é um movimento, mas uma persuasão, ou seja, uma questão de

⁸ Intelectual de origem judaica (austriaca), destacou-se na área de Relações Internacionais. Viveu entre 1900-1984, lecionou nos EUA, fugindo do nazismo. Na NSSR lecionou disciplinas de Relações Internacionais trabalhando posteriormente em outras universidades como Cornell e John Hopkins.

⁹ Viveu entre 1908 e 2006, Herz dedicou sua vida intelectual ao estudo das relações internacionais e do Direito.

¹⁰ Teórico das Relações Internacionais (1904 – 1980). Cf. *Política entre as Nações*. Ed. UNB, 1988.

¹¹ Importante revista dos círculos neoconservadores, criada por William Kristol em 1995.

¹² Em 2005, os EUA gastaram 35 bilhões de dólares com sua diplomacia, enquanto que para a defesa, foram destinados mais de 500 bilhões de dólares. O que nos indica o poder de persuasão desta linha de pensamento.

idéias. Os neoconservadores defenderiam um Estado mais forte, porém com menos impostos; e não seriam nostálgicos como os tradicionais conservadores. Quanto à política externa, podemos destacar quatro pontos centrais. O primeiro consiste no patriotismo, entendido como algo natural, saudável e peculiar aos EUA e a sua história como nação de imigrantes. O segundo consiste na oposição a um governo mundial que produziria a tirania generalizada. Carl Schmidt (apud KRISTOL, 1995) aponta o terceiro fator ao definir o ato de governar como o de “distinguir amigos de inimigos”. Kristol exemplifica isso lembrando a Guerra Fria e a necessidade de se opor em todos os sentidos ao modo de vida soviético. Por fim, o quarto ponto seria a revalorização do interesse nacional. Este mesmo autor argumenta que, pelas dimensões tanto econômicas e territorial quanto culturais dos EUA, a política externa deste país deve estar atenta aos seus interesses ideológicos, o que, por exemplo, poderia explicar a entrada dos EUA na Segunda Guerra bem como, sua atual posição em relação à defesa de Israel.

Contudo, não há concordância sequer sobre a própria existência dos neoconservadores. Em outro momento de sua reflexão, o próprio Kristol, em meados de 2000, questionou a existência de tal pensamento como vigente. Seu argumento era que os neoconservadores teriam sido assimilados pelo movimento conservador – cada vez mais estabelecido na sociedade americana. Para o conservador e ex-Republicano Pat Buchanan¹³, não existiriam neoconservadores, mas sim sionistas defensores de um Império Americano. Michael Lind, que se declara um ex-neoconservador, não acredita em uma política externa neoconservadora; para ele, os neoconservadores seriam apenas políticos profissionais que, pela ignorância e inércia do presidente George W. Bush, conseguiram obter vantagens.

Já o geógrafo marxista David Harvey (2004), segue na mesma linha de relativizar a força de uma persuasão neoconservadora, mostrando que capitalistas como Rupert Murdoch, dono de 175 jornais ao redor do mundo, e George Soros, famoso investidor do mercado financeiro, teriam muito mais peso na política externa dos EUA do que os neoconservadores.

Todavia, a despeito destas diferentes compreensões, podemos entender que uma corrente de pensamento se destacou e se encerra na política dos EUA. O que está em jogo no nosso entendimento, é a intensidade dessa influência. Entendemos que refletir os

¹³ Pat Buchanan quando no partido Republicano trabalhou escrevendo discursos para Nixon e Reagan, nos anos 1990, defendendo o isolacionismo e as liberdades individuais foi pré-candidato a presidência pelo partido Republicano em 1992 e 1996, ano que teve certo êxito polarizando com o então candidato George H. W. Bush e ganhando algumas primárias importantes. Em 2000, polarizando com os neoconservadores tentou, sem obter êxito, derrotar os Republicanos candidatando-se pelo Partido Independente de Ross Perot.

acontecimentos de 11/09/01, bem como a Guerra do Iraque¹⁴ pode nos trazer elementos para compreendermos a existência deste grupo e suas ações.

2 - Leo Strauss e os círculos neoconservadores.

[Strauss] conheceu muitos homens interessantes e passou grande parte de seu tempo conversando com estudantes, mas o cerne de seu ser era o estudo solitário, contínuo e meticuloso das questões por ele consideradas mais importantes. Suas conversas eram resultado de suas atividades, sempre em movimento. A paixão pelo trabalho era interminável, austera, mas plena de alegria; ele dizia não se sentir vivo se não estivesse sempre pensando, e só mesmo coisas muito graves poderiam fazê-lo parar de refletir. Embora fosse bastante educado e generoso com seu tempo, sempre dava a impressão de que tinha coisas mais importantes a fazer. (BLOON, 1990, p. 260).

A população dos EUA cresceu entre 1970 e 1990 a índices próximos aos registrados no começo do século XX.¹⁵ Nessas décadas, houve também grande efervescência cultural e política, marcada, em parte, pela chegada ao poder, de John F. Kennedy, marco de uma nascente geração de idealistas; pela bomba de Hiroshima; pela contracultura dos *beats*; bem como pela cultura *hippies* (consolidada em 1967). Nesse contexto de liberdade, o LSD esteve presente, influenciando não só os *hippies* como também o serviço de inteligência dos EUA¹⁶, além de cientistas e artistas populares como Eric Clapton e Paul McCartney. Já nas décadas de 1960 e 1970, a sociedade estadunidense presenciou profundas transformações como o declínio da prática de rezar nas escolas americanas e a inédita proteção constitucional a prática do aborto e da pornografia. Mudanças estas que fomentaram reações críticas, principalmente entre religiosos e conservadores da época. Estes grupos tentaram barrar tais processos buscando alterar o perfil da Suprema Corte, responsável por parte destas transformações e que é suscetível a pressões políticas.¹⁷

Em 1963, após o assassinato de Kennedy, em Dallas, organizações como a *Students for a Democratic Society* e os Panteras Negras cresciam e levavam suas idéias para as ruas,

¹⁴ Cf. seções 5 e 6 do capítulo III.

¹⁵ Cf. < http://www.census.gov/Press-Release/www/2002/dp_comptables.html>. Acesso em: 10 de fev. 2008.

¹⁶ A CIA (Central Intelligent Agency) levou a sério o estudo do LSD como instrumento de interrogatório e de guerra. (GOFFMAN; JOY, 2007).

¹⁷ Os juizes da Suprema Corte são soberanos, cabendo a eles interpretar a Constituição. Todavia, vale destacar, que o presidente pode indicar ao Congresso nomes para compor a Suprema Corte, quando um juiz morre ou se afasta. O poder de indicação do presidente que confere o poder de alterar o perfil e o equilíbrio ideológico existente nesta casa.

para as prisões e para os Campi. Nestes, principalmente em Harvard, Chicago e no City College, uma jovem geração de intelectuais debatia a contracultura do seu tempo e os principais acontecimentos e desdobramentos das mudanças que ocorriam na URSS e na Europa. Stalin e Trotsky eram símbolos que dividiam estes estudantes em prós ou contras respectivamente, e também eram os principais motivadores dos "embates intelectuais", que marcaram a formação de intelectuais como Seymour Martin Lipset¹⁸, Daniel Bell¹⁹, Nathan Glazer²⁰ e Irving Kristol²¹, principais nomes da primeira geração de neoconservadores.

Os anos de 1960, politicamente, ganharam dois caminhos, sendo um deles o da formação da Nova Esquerda, que chamava a atenção para as conseqüências maléficas do "sucesso americano" e que, partindo da reflexão de intelectuais como C. Wright Mills, tentava dialogar com a esquerda dos anos 30 e 40, fortemente influenciada pelas idéias socialistas. As idéias da Nova Esquerda (inserida na contra-cultura, preocupada com as injustiças sociais e crítica da guerra) eram expressas na revista *New York Review of Books*. Seus militantes escutavam Bob Dylan e tinham esperança de influenciar o Partido Democrata. Em síntese, era uma geração que ansiava por mudanças na sociedade e tinha a seu favor, um contexto onde a liberdade era desejada. Dentre outros nomes da Nova Esquerda, destacamos os de Abbie Hoffman²², Jerry Rubin²³ e Sidney Blumenthal²⁴, nomes que ao mesmo tempo influenciaram e foram influenciados pela contra-cultura.

Por outro lado, haviam aqueles que, marcados pela desilusão com o socialismo europeu, com o liberalismo e com a contracultura, caminhavam em outra direção e se organizavam em revistas como a *Commentary* (1945) e a *The Public Interest* (1965). Homens como os de Irving Kristol, Nathan Glazer e Norman Podhoretz não acreditavam que uma revolução social ou política superaria as desigualdades econômicas, como pensavam seus colegas da Nova Esquerda.

¹⁸ Falecido em 2006, pesquisador sênior do Hoover Institute (Cf. Capítulo II). Lipset foi um importante sociólogo do século XX nos EUA. Lecionando em várias Universidades americanas e no exterior. Seus textos dialogavam com autores da política, principalmente Aristóteles e Tocqueville.

¹⁹ Sociólogo, professor emérito de Harvard. Seus trabalhos ficaram marcados pela reflexão sobre a sociedade pós-industrial em seus aspectos políticos, culturais e ideológicos. Uma de suas obras mais debatidas é *O Fim da Ideologia*, escrito em 1960.

²⁰ Sociólogo, professor da Universidade de Harvard, articulista freqüente das revistas *Commentary*, *The Public Interest* (foi co-editor) e *New Republic*. Como intelectual dedicou-se a estudar e a fazer a crítica das políticas de bem-estar social, principalmente da Great Society. Cf. *The Limits of Social Policy* (1989).

²¹ Considerado o teórico "pai" do neoconservadorismo.

²² Falecido em 1989, Hoffman escreveu sobre a contra-cultura, retratando a descoberta das drogas, o movimento *Hippie* e as transgressões desta época.

²³ Falecido em 1994, militante ativo nos anos de 1960, organizou grupos como "Chicago 7", fundou o Partido da Juventude e escreveu sobre as possibilidades de uma revolução nos EUA. Cf. *Do it! Scenarios of the Revolution* (1970).

²⁴ Sociólogo, foi assessor de Bill Clinton e escreveu um livro sobre os anos deste governo. Como articulista, escreveu para o NYT, Washington Post e The Guardian.

Podemos entender que nascente neoconservadorismo buscava diferenciar-se do conservadorismo firmado pela cruzada de William Buckley²⁵ contra o coletivismo e o secularismo que marcaram a fundação, em 1955, da revista *National Review*, por sua vez, marco do pensamento conservador americano.

Os intelectuais tradicionais do pensamento conservador dos anos de 1950, como Frank Meyer²⁶, Leo Brent Bozell Jr.²⁷ e o próprio William Buckley, não ofereciam à jovem geração de intelectuais, uma saída para suas inquietações. É neste contexto que surgem nomes como Milton Friedman²⁸, Leo Strauss²⁹, Saul Bellow³⁰ e Leonel Trilling³¹ trazendo elementos para se pensar o passado, o liberalismo, o conservadorismo, a identidade judaica e, conseqüentemente, a estadunidense. Leonel Trilling teve um papel central na formação de Norman Podhoretz, sendo o responsável pelo contato deste com Elliot Cohen, o primeiro editor da revista *Commentary*. Trilling também se destacou como crítico do liberalismo, trilha seguida por Allan Bloom. Nesta revista, Cohen propunha reunir intelectuais judeus com o desafio de pensar a cultura americana. Com o mesmo propósito colaboraram: Saul Bellow, Irving Kristol, Nathan Glazer, entre outros.

Por outra via, mas ainda pensando o liberalismo, o autor de *The Road to Serfdom* (1944), Friedrich von Hayek, municiou a crítica ao liberalismo galvanizada por Milton Friedman. Este, em Chicago, nos anos de 1970, não só apontou para as falhas do pensamento progressista, como criou o centro intelectual da economia de livre mercado. Destacando o mau funcionamento dos programas do governo, Friedman, admirador de Roosevelt, apontava críticas que foram fundamentais tanto ao posicionamento de Irving Kristol e de outros jovens intelectuais de Nova York, quanto ao Estado de Bem-Estar Social. Friedman também conseguiu trazer pragmatismo ao pensamento conservador americano, o que foi um marco

²⁵ Sobre o tema ver: *Buckley: The Right Word* (1998), escrito por Samuel S. Vaughan e William F. Buckley Jr.

²⁶ Falecido em 1972, de perfil libertário, fundou a revista *National Review*, a mais importante no espectro conservador americano no século XX.

²⁷ Falecido em 1997, articulista da *National Review*, na política foi um dos principais defensores e apoiadores do Senador Joseph McCarthy e de sua cruzada contra o comunismo nos EUA. Também trabalhou para o senador Barry Goldwater. Nos anos de 1960, fundou uma revista Católica na Espanha, chamada *Triumph*.

²⁸ Economista, falecido em 2006, ganhador do prêmio Nobel de economia, pesquisador do *Hoover Institution*, considerado um dos economistas mais influentes do século XX. Friedman foi uma das referências centrais durante o governo de Ronald Reagan.

²⁹ Conferir seção 2 deste capítulo.

³⁰ Falecido em 2005, próximo ao círculo neoconservador, principalmente a Allan Bloom em Chicago, ganhador do Nobel de literatura (1976). Em um de seus últimos romances, *Ravelstein* (2000), escreveu sobre um professor que lembra Bloom.

³¹ Falecido em 1976, dentro do Grupo de NY escrevia para a *Partisan Review* fazendo crítica literária. Foi uma referência importante na formação dos neoconservadores.

para a transformação da Direita nos EUA, que começava a mudar no jogo político quando Barry Goldwater, então senador pelo Estado do Arizona, lançou-se à Casa Branca, em 1964.³²

A candidatura Goldwater criou uma nova base para o Partido Republicano e mostrou a possibilidade de consolidar um novo conservadorismo político nos EUA. Goldwater ajudou também a divulgar uma visão que não era do *establishment*, semente da Nova Direita, criticando projetos de bem-estar social como o *New Deal* e o *Fair Deal*³³.

Segundo Diamond (1995), o eco gerado pela candidatura Goldwater foi um grande incentivo para Irving Kristol fundar a revista *The Public Interest* em 1965 e para *Think Tanks*, não liberais como o *Heritage Foundation* e o *American Enterprise Institute*³⁴ semear suas doutrinas de conservadorismo moderno revigorando e lapidando suas idéias, escrevendo, debatendo e organizando seminários. Nestes *Think Tanks*, nomes como os de Milton Friedman, Irving Kristol, Jeane Kirkpatrick³⁵, Michael Novak³⁶, Robert Bork e Laurence Silberman³⁷, desencantados com o Partido Republicano pós-Goldwater, encontraram um importante e decisivo espaço para reflexão. Financiados por famílias milionárias como os

³² Nos anos de 1960, a Velha Direita também teve uma sobrevida, marcada na eleição de 1968, pelas representativas candidaturas de George Wallace e do General Curtis LeMay, com apoio da *John Birch Society* (grupo ainda ativo que acreditava que os comunistas da URSS estavam infiltrados no governo dos EUA, fundado em 1958) e do KKK (grupo de cunho racista e extremista que chegou a 4 milhões de associados em 1958). Wallace, como um líder popular, principalmente no final dos anos de 1950 e começo dos anos 1960, foi governador pelo Partido Democrata do Estado do Alabama em 1962, 1970, 1974 e 1982 e candidato à presidência em 1964, 1968, 1972 e 1976, era racista e anti-semita, mas bom comunicador; manteve-se como uma referência para a Velha Direita e influenciou nomes como David Duke e Pat Buchanan. O primeiro chegou a obter 39% de votos (55% entre os homens) na eleição para o governo da Louisiana; o segundo foi um republicano tradicional, escrevia discursos para Nixon e Reagan, concorrente surpresa dentre os Republicanos (ao estilo Robertson em 1988) nas primárias republicanas de 1992 quando foi decisivo para a aceitação da Direita Cristã no Partido Republicano e em 1998, quando buscando os votos dos descontentes, frisou um discurso nacionalista, isolacionista, e anti-Israel e (anti- neoconservadores) afirmando-se como o candidato mais conservador e mais preocupado com os temas e questões morais. Em 2000, saiu do Partido Republicano e perdeu força política.

³³ Goldwater, principal incentivo para Ronald Reagan (motivado por Goldwater, Reagan buscou a Casa Branca 20 anos depois), perdeu para Lyndon Johnson (democrata do Texas que obteve 61% dos votos).

³⁴ Durante esta experiência no AEI, alguns livros importantes para a época foram escritos, tais como: *The Spirit of Democratic Capitalism*, de Michael Novak; *Capitalismo e Liberdade*, de Milton Friedman e *The way the world works*, de Midge Decter.

³⁵ Falecida em 2006, foi professora de Ciência Política em várias Universidades, destacando-se em Georgetown. Foi embaixadora dos EUA na ONU durante a primeira gestão de Ronald Reagan, seguindo por vários cargos na Casa Branca na área de Defesa e Política Externa. Pesquisadora influente, transita entre os seguintes Think Tanks : AEI, JINSA, PNAC, CFR, Center for Security Policy, Committee for the Liberation of Iraq, Ethics and Public Policy Center, Foundation for the Defense of Democracies, Freedom House e International Republican Institute.

³⁶ Novak, teólogo, intelectual e professor com passagem por várias Universidades. Foi um importante debatedor das idéias de Leo Strauss numa perspectiva católica, discutindo também em seus textos a relação entre capitalismo e democracia e entre cultura e religião. Pesquisador do AEI. Cf. <http://www.michaelnovak.net>. Acessado em 03/03/08.

³⁷ Juiz, foi próximo ao governo Reagan, trabalhou na pesquisa independente sobre a situação do Iraque em 2003 e via Clarence Thomas (juiz da Suprema Corte) aproximou-se de George W. Bush. Membro da Sociedade Federalista.

Richardson, Coors, Schaife e Rockefeller³⁸ estes jovens intelectuais tiveram a tranquilidade necessária para desenvolver suas idéias e projetos. Irving Kristol escolheu o Estado de Bem-Estar Social e o liberalismo³⁹, como alvo de suas críticas; Norman Podhoretz escolheu a Nova Esquerda como alvo, e outros como Leo Strauss, James Q. Wilson (advogando pela regeneração moral da sociedade) e Gertrude Himmelfarb⁴⁰, centravam-se na crítica à Nova Era, enquanto Alan Bloom fazia a crítica à Universidade, num contexto marcado pela onda *Black Power* e pela discussão do multiculturalismo.

Um dos grandes nomes desta geração que formou a primeira geração dos neoconservadores foi Leo Strauss. Sua trajetória começou na *New School for Social Research* (NSSR), onde lecionou entre 1938 e 1943. Posteriormente muda-se para Chicago e trabalha na Universidade de mesmo nome, entre 1949 e 1967. Este período pode ser considerado o mais fértil de seus trabalhos. Strauss ainda passou pela escola *Claremont Men's College* (1968-1969) e pela *Saint John's College* (1970). Se por um lado, o “Grupo de Nova York” caminhava para o jornalismo político sem perder o gosto literário e filosófico, por outro, Leo Strauss buscava um diagnóstico para a crise do Ocidente e da modernidade⁴¹. Para ele, a crise do Ocidente era também a crise da filosofia política. Entendia que era necessário desprender-se das certezas e para explorar as dificuldades teóricas. Acreditava ser preciso elaborar uma história da filosofia política.⁴²

Como podemos perceber, a raiz acadêmica dos neoconservadores esteve em Nova York, germinada na fundação da *University in Exile*, em 1933, que depois mudou seu nome para *New School for Social Research*. Nela estiveram intelectuais exilados principalmente da Alemanha nazista. O movimento neoconservador, em sua origem, seguiu as trilhas de Strauss, por isso, encontrou na Universidade de Chicago um abrigo.⁴³ Foi nesta universidade, que este

³⁸ Ver tabelas 1, 2 e 3, capítulo II.

³⁹ A crítica ao liberalismo é feita dentro da tradição straussiana, cuja teoria política liberal, por focar no indivíduo e em sua liberdade, subestima a moral e rejeita as “leis naturais” (entendidas por Strauss como aquelas que o homem semeia, mas cujo poder (das leis naturais) encontra-se exterior a ele), levando, inevitavelmente, ao niilismo. Em outras palavras, a sociedade liberal se desenvolve necessariamente num vácuo moral. Não por menos, a crítica ao liberalismo foi lapidada quando, nos anos de 1960, ao lado de nomes como Milton Himmelfarb, Daniel Bell e Nathan Glazer, os neoconservadores foram estudar a filosofia de Maimônides, um dos principais teóricos para Leo Strauss.

⁴⁰ Historiadora, PhD pela Universidade de Chicago, pesquisadora do AEI, casada com Irving Kristol, destacou-se estudando a moralidade na Sociedade Vitoriana bem como, por seus ensaios sobre a cultura e os valores modernos.

⁴¹ É importante frisarmos que há grande diferenças entre os chamados “Straussianos” e os neoconservadores; uma delas é apontada, por exemplo, por Daniel W. Drezner: “Os neoconservadores são fundamentalmente otimistas sobre o futuro, os Straussianos não.” (DREZNER, 2003)

⁴² No esforço para sistematizar a filosofia política, Strauss teve como principais parceiros: Joseph Cropsey e Harry V. Jaffa.

⁴³ Em 1944, Strauss consegue a cidadania estadunidense, e entre 1949 e 1969, leciona filosofia política nessa Universidade.

intelectual formou seus famosos círculos de estudantes, de onde sairiam os principais neoconservadores. Dentre os neoconservadores mais acadêmicos que tiveram contato direto com Leo Strauss e depois continuaram a estudar seus temas ou seu próprio pensamento, destacamos: Walter Berns⁴⁴, Allan Bloom⁴⁵, Joseph Cropsey⁴⁶, Martin Diamond, Paul Eidelberg, Harry Jaffa⁴⁷, Ralph Lerner⁴⁸, Harvey Mansfield⁴⁹, Roger Masters⁵⁰ e Herbert Storing⁵¹.

Conceituar os neoconservadores, como vimos, não é uma tarefa fácil já que não estamos lidando com um grupo homogêneo ou partidário. Algumas vezes, nomes que são colocados dentro do quadro de neoconservadores não se reconhecem como tais. Para alguns autores (MEIER, 2006 e DRURY, 2006), seriam neoconservadores aqueles que se guiam pelas idéias de Leo Strauss. O que lhes confeririam uma imagem de elitistas que, quando no poder, mostrar-se-iam hostis à democracia. No pensamento straussiano a elite, quando bem preparada seria capacitada para reconhecer o melhor caminho e, por isso, deveria guiar a sociedade.

Leo Strauss, foi a principal referência para Allan Bloom, que por sua vez, é uma figura importante na continuidade dos estudos de Strauss e pivô do círculo dos neoconservadores da Universidade de Chicago. Bloom (1987), estudando a cultura e a história dos Estados Unidos, entende que a liberdade advinda da democracia liberal abria caminho para o que entendia ser os problemas centrais da sociedade moderna: a crise do liberalismo e seus riscos de niilismo e de totalitarismo. Dentre os primeiros discípulos do círculo formado em torno de Leo Strauss que saíram da academia e foram para a política e, posteriormente, ajudaram a formar o movimento neoconservador, quem se destaca é Harry Jaffe, que trabalhou na campanha de Barry Goldwater em 1964.⁵²

⁴⁴ Autor de livros sobre a Constituição Americana e sobre o patriotismo e perspectiva filosófica, Berns é pesquisador do Think Tank American Enterprise Institute.

⁴⁵ Tornou-se professor em Chicago formando outros intelectuais neoconservadores.

⁴⁶ Importante parceiro intelectual de Leo Strauss, organizou com ele o Dicionário de Filosofia Política em meados dos anos de 1960.

⁴⁷ Neoconservador com trânsito nos principais Think Tanks de sustentação de George W. Bush. Cf. capítulo II desta dissertação.

⁴⁸ Professor da Universidade de Chicago, Lerner teve contato com Strauss na pós-graduação quando estudou os hebreus na Idade Média.

⁴⁹ Professor de Harvard. Teve papel importante na formação da segunda geração de neoconservadores.

⁵⁰ Formado em Harvard, estudou Rousseau no doutorado, em Chicago onde teve contato com Strauss e com Cropsey. Atualmente é professor em Dartmouth College onde dedica-se ao estudo do comportamento humano. Oferece disciplinas centradas em Rousseau e Maquiavel.

⁵¹ Falecido em 1997, dedicou-se ao estudo dos Federalistas destacando-se ao trabalhar com os anti-federalistas (publicou 7 volumes reunindo e analisando este movimento), estudou em Chicago e depois lecionou na Universidade de Virginia.

⁵² Goldwater, nesta eleição, perdeu para Lyndon Johnson.

O olhar de Leo Strauss sobre os EUA era imbuído por sua experiência pessoal com o nazismo. Por entender que a democracia, em nome da massa, foi o sustentáculo de um regime avassalador como o nazismo, ele não encarava a ideologia democrática liberal dos EUA como o caminho mais certo para a política. Compartilhando dessa visão negativa, mas buscando a transformação, a primeira geração do círculo de estudiosos formada por Strauss, composta por Irving Kristol, Daniel Bell, Seymour Martin Lipset e Nathan Glazer, caminhou para a política formando, a exemplo de seu mestre, outros círculos de reflexão sobre os caminhos para a sociedade estadunidense. Revistas como a *Commentary*, *The Public Interest* e da *Time*, onde Daniel Bell foi editor foram os resultados destas reflexões.

De uma maneira até contraditória, o intelectual e reconhecido professor Leo Strauss, ao mesmo tempo em que partia da racionalidade dentro da discussão sobre a filosofia e o papel da sociedade, em seus círculos de reflexão, trabalhava a valorização da fé e dos dogmas, no limite, apresentava uma discussão entre o caráter e a virtude. O cerne das preocupações de Leo Strauss está na problemática teológico-política da filosofia, que na modernidade seria agravada pelos riscos do niilismo e do hedonismo (MEIER, 2006; DRURY, 2006). Pelos círculos de Strauss passaram nomes como Harvey Mansfield (posteriormente professor em Harvard) e Allan Bloom (posteriormente professor em Chicago). Já na chamada segunda geração, ou seja, aquela cujos professores foram alunos de Strauss, Mansfield foi professor de William Kristol, Francis Fukuyama, Jeremy Rabkin, Arthur M. Melzer, Alan Keyer e Robert P. Kraynak. Já com Bloom, em Chicago, estiveram Saul Bellow e Francis Fukuyama.

É possível dizer que os straussianos acreditam no poder das idéias, na capacidade de persuasão de seus argumentos e de seu raciocínio. Olham para o capitalismo dentro do problema da modernidade⁵³ e discutem, entre outros temas, a relação entre a razão e a revelação (da moral religiosa) e entre a sociedade e a justiça. São questões filosóficas, acadêmicas que motivaram estes intelectuais, que, conseqüentemente, nutriram um grupo (os neoconservadores) com arcabouço teórico decisivo para pensar o poder e a sociedade, mas fundamentalmente, os inspiraram a transformar o *status quo* dos EUA, entendido como predominantemente liberal, estadista e influenciado pela contra-cultura.

Straussianos, neoconservadores, novos Republicanos, Republicanos tradicionais (como o próprio clã Bush) e a última peça da Nova Direita, a Direita Cristã, podem ser pensados por esta perspectiva anti-establishment, *anti-status quo*, mesmo que, as vezes, ainda se mostrem elitistas e conservadores.

⁵³ Problemas que vão da democracia ao niilismo.

Para melhor visualização da expansão e organização dos círculos neoconservadores, vejamos o organograma abaixo.

Organograma 1: Os círculos neoconservadores.



3 - Neoconservadores e o Ethos de Esquerda⁵⁴

Um dos pontos mais alaridos quando discutimos o pensamento neoconservador e sua trajetória, é a polêmica sobre sua origem no campo da esquerda. Neoconservadores, como Irving Kristol, reconhecem esta origem, mas isto ainda não é um ponto de consenso. Contudo, como tentaremos mostrar nesta seção, está é uma discussão importante para um grupo que está no centro das discussões, mais que isto, na própria edificação da Nova Direita americana. Entender este processo significa perceber a origem das idéias que norteiam as ações dos neoconservadores.

Desde os tempos da *City College* em Nova York, nos anos de 1940, alguns nomes importantes do neoconservadorismo e do chamado Grupo de Nova York travavam estreito contato e debate com os socialistas, principalmente trotskistas europeus ou imigrantes recém-chegados aos EUA. Irving Kristol, Daniel Bell e Nathan Glazer, que nesta época tinham sua imagem construída como “radicais”, foram os que mais se destacaram nesse sentido.

Em 1950, acontece o *Congress for Cultural Freedom* cuja principal bandeira era combater o totalitarismo tanto de esquerda quanto de direita. Este Congresso contava com a participação de Raymond Aron⁵⁵, John Dewey⁵⁶ e Karl Jaspers⁵⁷, intelectuais de vários países, além de Daniel Bell, Sidney Hook⁵⁸ e outros nomes do Grupo de NY. Uma das principais publicações deste Congresso: a revista *Encounter* ficou a cargo de Irving Kristol. O evento chamou atenção da Central Intelligence Agency (CIA) que entendia que ali pudesse haver apoiadores do regime soviético. A CIA investigou a *Encounter* e a *Quadrant*, outra revista ligada ao grupo e publicada na Austrália. Não apresentou maiores conclusões sobre a veracidade desta hipótese.

Se considerarmos o momento político dos anos de 1970, a aproximação do Grupo de NY com o partido Democrata já era grande. Esse partido estava à esquerda do espectro político tradicional americano. Em 1972, muitos dos que depois seriam chamados de

⁵⁴ O que entendemos por Ethos diz respeito a um modo de ser, um “espírito”, uma disposição interior de cunho moral e emocional que caracteriza sentimentos e atitudes.

⁵⁵ Sociólogo, cientista político, intelectual com importantes contribuições para a Teoria de Relações Internacionais, para a Ciência Política e para a Sociologia.

⁵⁶ Importante filósofo (1859 – 1952), uma das referências do pragmatismo americano.

⁵⁷ Filósofo alemão (1883 – 1969), teve importante papel na Alemanha escrevendo sobre as condições de governo num contexto de nação dividida.

⁵⁸ Filósofo, falecido em 1989, um dos intelectuais de NY, dedicou-se ao estudo de Marx, e a militância socialista. Visitou a URSS e fez contato com Trotsky. Nos anos de 1930, rompeu com a militância socialista e engajou-se no *Committee for Cultural Freedom*, passando a ter uma postura crítica em relação a nascente Nova Esquerda americana.

neoconservadores estavam engajados na campanha Democrata de George McGovern, juntamente com outros nomes ligados à esquerda, como por exemplo, Gloria Steinem⁵⁹, Gore Vidal⁶⁰, Howard Zinn⁶¹ e Dick Gregory⁶². McGovern era um senador que trabalhava também na ONU e mostrava-se contrário à guerra do Vietnã. Como estratégia de campanha formou-se a *Coalition for a Democratic Majority* (CDM) que, de certa forma, acabou dividindo e mudando os rumos do partido Democrata e dos neoconservadores. Um dos principais articuladores políticos, o senador Henry “Scoop” Jackson (1912-1983) e seu assessor Ben Wattenberg⁶³, atraiu o Grupo de NY para uma postura mais crítica em relação à política externa dos EUA, propunha uma política mais dura em relação à URSS. Dentre os principais nomes da CDM destacamos Bayard Rustin (militante dos direitos humanos), Midge Decter (co-editora da revista *Commentary*), Jeane Kirkpatrick, Richard Pipes, Seymour Lipset, Samuel Huntington e Nathan Glazer.

A participação na *Coalition for a Democratic Majority* (CDM) e, principalmente o contato com o senador Henry “Scoop” Jackson, incentivaram os neoconservadores a trabalharem junto à opinião pública contra a estratégia da *Detenté* que, apoiada por Nixon, mudava os rumos da Guerra Fria, ao defender a criação do estado de Israel. Assim, os neoconservadores apoiaram a criação do *Committee on the Present Danger* (CPD)⁶⁴, de cunho bipartidário, militarista e anticomunista, que foi muito atuante durante o governo Jimmy Carter e, posteriormente, serviu de base para a formação do gabinete de Ronald Reagan para a área de segurança⁶⁵. Em 1976, estavam à frente do CPD Eugene Rostow (1913-2002), um Democrata, Paul Nitze (1907-1994) e Charles Tyroler II, este por sua vez, ligado a George H. W. Bush e aos Republicanos. Autorizado por Ronald Reagan, George H. W. Bush, então na CIA, montou o famoso “Team B”, para estudar a Guerra Fria e as estratégias de segurança

⁵⁹ Ícone do movimento feminista americano. Fundadora da revista Ms. Militou contra a pornografia nos anos de 1970. Cf. <http://www.swapcampaign.co.uk/>. Acessado em 03/03/08.

⁶⁰ Autor de muitas obras, Gore Vidal mantém uma postura de crítica e de reflexão em relação a sociedade americana e sua projeção de poder.

⁶¹ Historiador, militante dos direitos civis, seus textos discutem teorias de esquerda como o marxismo e o anarquismo. Zinn foi uma referência importante para o movimento contra as guerras nos anos de 1960. Cf. *A People's History of the United States* (2003).

⁶² Como ator negro, atuava como uma forma de militar pelos direitos civis. Gregory foi pioneiro como ator e comediante negro, fazendo sucesso em nível nacional. Cf. <http://www.dickgregory.com/>. Acessado em 03/03/08.

⁶³ Na política começou trabalhando com Lyndon Jonshon, depois se juntou ao senador Jackson. Foi um dos fundadores da *Coalition for a Democratic Majority*, pesquisador da AEI, articulista de revistas e jornais.

⁶⁴ Foi criado nos anos de 1950, e ainda existe, mas ao longo deste tempo alternou momentos mais ativos e momentos reclusos. Os picos de atividade foram: a década de 1950, o final da década de 1970 (com Ronald Reagan entre seus membros) e a partir de 2004.

⁶⁵ Alguns casos: Kenneth L Adelman tornou-se o representante dos EUA na ONU; John F. Lehman, secretário da Marinha; Michael Novak, comissão de direitos humanos da ONU, e Richard Perle, assistente na secretaria de Defesa.

para os EUA. Richard Pipes e Paul Nitze lideraram o time de Bush que foi decisivo no governo Reagan.

Nessa trajetória do *Congress for Cultural Freedom* aos cargos liderados pelo *Team B* no governo Reagan, os neoconservadores mantiveram suas críticas em relação ao Estado de Bem-Estar Social e às políticas afirmativas feitas principalmente nas revistas *Commentary* e *The Public Interest*⁶⁶. Perceberam, porém, que para derrotar o totalitarismo soviético, era preciso também derrotar o liberalismo que, por sua vez, tornava-se cada vez mais sedutor para os Democratas. A partir disso, entenderam que o caminho tinha que ser com os Republicanos e a estratégia do governo não poderia ser passiva, deveria ser centrada em três pilares: renovação e revalorização da força militar, conservadorismo social e cortes na economia. Pilares esses identificados em Reagan e na Nova Direita nascente, organizada na órbita do partido Republicano. Ao contrário do que previa Jeane Kirkpatrick quando liderou a CDM, com o governo Reagan emergiu uma nova maioria republicana que, entre os neoconservadores, representou novas e distintas formas de organização e de pensar o poder. Uma dessas novas formas de organização foi liderada por Midge Decter no *Committee for the Free World*, contando com nomes como Donald Rumsfeld, William Berrett, Jeane Kirkpatrick, Irving Kristol, Seymour Martin Lipset e Richard Allen. A outra, na *Hoover Institution*⁶⁷, em 1981, contava com William Bennett, Sidney Hook, Michael Ledeen, Josua Muravick e Norman Podhoretz.

A origem na esquerda, de alguns nomes tidos como neoconservadores não se separa de um perfil não igualitário⁶⁸, raiz da crítica do grupo ao Estado de Bem-Estar Social. Trata-se de ser pró-direitos civis, mas contra políticas afirmativas; com este perfil e trajetória ou em diálogo com a esquerda, destacamos Irving Kristol, James Q. Wilson⁶⁹, Nathan Glazer, Daniel Bell, Michael Novak e Sidney Hook.

⁶⁶ Para os neoconservadores, o Estado deve ser forte, um Estado de Bem-Estar Social é forte, mas não no sentido moral. Dar subsídio às pessoas, segundo entende os neoconservadores, justifica-se em momentos de crise, como foi, por exemplo, na década de 1930, mas não deveria ser a política permanente do Estado.

⁶⁷ Para Easton (2000), os oito anos que Kristol passou em Londres foram decisivos para sua guinada, estudando principalmente intelectuais conservadores. Foi nesse período que Kristol amadureceu algumas de suas teses sobre o poder e sobre o papel do intelectual na sociedade americana.

⁶⁸ Podemos entender o termo igualitarismo como “uma doutrina, atitude daqueles que visam estabelecer a igualdade absoluta em matéria política, social, cívica; teoria que sustenta a igualdade absoluta dos homens.” (HOUAISS, 2006).

⁶⁹ Intelectual importante do espectro conservador americano, professor emérito da UCLA, desde dos anos de 1970. Transitou entre vários postos da Casa Branca sendo condecorado por George W. Bush com o *Medal of Freedom* (principal condecoração dada a civis, criada em 1945 pelo governo Truman), pesquisador da RAND, AEI e CFR.

No quadro abaixo temos a sistematização dos neoconservadores e democratas que formaram a *Colition for a Democratic Majority*, momento central na trajetória dos neoconservadores que, em seguida, caminhariam para o Partido Republicano.

Quadro 1: Os Neoconservadores na *Coalition for a Democratic Majority* (1972)

Coalition for a Democratic Majority
Midge Decter
Henry “Scoop” Jackson
Jeane Kirkpatrick
Irving Kristol
Daniel Patrick Moynihan
Ben J Wattenberg
James Woolsey

No próximo quadro, temos os neoconservadores e os políticos que participaram ou que ainda participam do *Committee on the Present Danger*, organização que foi importante na trajetória dos neoconservadores na área de Segurança e Defesa. Este Comitê teve destaque no governo Reagan, nos desdobramentos da Guerra Fria e voltou a ganhar importância após os atentados de 11/09/01.

Quadro 2 – Os neoconservadores no Committee on the Present Danger (1950 -)

Committee on the Present Danger
Kenneth L. Adelman
Richard Vincent Allen
William Joseph Casey
Midge Decter
Frank J. Gaffney, Jr.
Victor Davis Hanson
Jeane Kirkpatrick
John F. Lehman, Jr.
Paul Henry Nitze
Richard Norman Perle
Norman Podhoretz
Eugene Victor Debs Rostow
Richard Mellon Scaife
Donald Henry Rumsfeld
Robert James Woolsey, Jr.

4 - Uma Geração com novas idéias.

“A nação indispensável tem a missão de tornar o mundo semelhante à América para a segurança da América” (LEO, 2006, p.43).

Os neoconservadores são um dos pilares tanto do que denominamos como Nova Direita, quanto da ascensão de George W. Bush. Independentemente do partido político que está no poder, esse grupo formula sua visão de mundo⁷⁰, sem necessariamente, buscar popularidade ou seguidores para suas idéias.

A trajetória dos neoconservadores divide-se em dois momentos. O primeiro é marcado principalmente pelos nomes de Irving Kristol, Allan Bloom, Albert Wohlstetter, Norman Podhoretz que, como imigrantes, ou filhos destes, pensaram os contextos que levaram a ascensão do nazi-fascismo e à Segunda Guerra Mundial, vivenciaram o *New Deal*, fundaram seus espaços de debate e discussão – como, por exemplo, a revista *The Public Interest* em 1965 – e caminharam para a Universidade, como foi o caso de Bloom (Universidade de Chicago); para a área de segurança, como Wohlstetter, de influência decisiva no projeto

⁷⁰ Cf. Seção 7 capítulo III.

Guerra nas Estrelas do Pentágono; ou ainda para o debate público, como Podhoretz na revista *Commentary*; e Kristol em *The Public Interest*.

Num segundo momento, temos uma nova geração, conhecida como Baby-Boom⁷¹, que dentro dos principais Campi americanos nos anos de 1960 e 1970, realizaram grandes embates teóricos, caminhando muitos deles posteriormente para a política, entre os quais William Kristol, filho de Irving Kristol, um dos co-fundadores do PNAC (*Project for the New American Century*), Grover Glenn Norquist, que desde seus tempos como universitário em Harvard, até os dias atuais, como congressista lidera uma cruzada anti-impostos, David McIntosh hoje também congressista, formado em Yale, e por fim, Paul Wolfowitz, peça central na política externa do primeiro mandato de George W. Bush.

Outros nomes da nova geração seriam: Francis Fukuyama⁷², Ralph Reed⁷³, Stephen Rosen⁷⁴, Jeremy Rabkin⁷⁵ e Arthur Melzer⁷⁶, David McIntosh⁷⁷, Groover Norquist⁷⁸ e Clint Bolick⁷⁹.

Esta Nova Geração voltou-se nos anos de 1970 contra o *stablishment* liberal que classifica os conservadores como egoístas, racistas, elitistas quando não fascistas. Com uma postura crítica e, ao mesmo tempo com uma formação elitista, os jovens conservadores desta época conseguiram primeiro conquistar espaço nas Universidades, para depois, a partir dos anos de 1980 e 1990, avançaram vencendo a esquerda liberal no campo em que ela era mais forte, na mídia, nos Think Tanks e nas eleições. A Nova Direita que se concretizou com George W. Bush soube derrotar o *stablishment* da contra-cultura e criar um novo *mainstream*

⁷¹ Denominação que caracteriza a geração nascida pós-II Guerra, período marcado pela prosperidade econômica e por grandes mudanças culturais nos EUA.

⁷² Nasceu em Chicago, estudou em Cornell e em Harvard onde teve contato com professores como Harvey Mansfield, Samuel Huntington e Allan Bloom. Entre os colegas destacamos: Paul Wolfowitz, Steven Weinberg e Douglas Feith. Fukuyama participou da PNAC e do governo George W. Bush. Tentou se diferenciar dos neoconservadores em suas produções mais recentes. Fukuyama atualmente é professor da Universidade John Hopkins em Washington D.C.

⁷³ Articulador político, foi uma das peças mais importante na articulação entre a Direita Cristã e o Partido Republicano.

⁷⁴ Professor em Harvard, pesquisador da área militar, fez parte da articulação da PNAC.

⁷⁵ Professor em Cornell, pesquisador da AEI, Rabkin destaca-se como crítica das organizações e dos tratados internacionais.

⁷⁶ Professor na Universidade de Michigan, seu tema de pesquisa dos últimos anos tem sido a democracia moderna, seus descontos e seus conflitos. Seu doutorado em Harvard teve orientação de Mansfield.

⁷⁷ Em Yale, David McIntosh liderou alguns colegas para, como conservadores, deixarem de ser segregados nos debates. Para isso fundou, com Steven G. Calabresi, Peter D. Keisler e Lee Liberman, a Sociedade Federalista, que rapidamente se expandiu para Chicago e Harvard, formando uma resistência ao liberalismo, principalmente nos cursos de direito.

⁷⁸ Norquist representa a nova geração de libertários dentro do Partido Republicano. Defensor do direito a posse de armas, se destacou defendendo em escala nacional uma política de corte de impostos. Trabalhou próximo ao governo W. Bush, articulando com os governadores formas de cortar impostos.

⁷⁹ Também de perspectiva libertaria, Bolick como advogado militou contra as ações afirmativas e fez carreira defendendo crianças sem acesso a educação, seus críticos, porém o acusam de lutar pelo fim da escola pública. É pesquisador do Hoover Institute.

conservador. Neste sentido George W. Bush era um verdadeiro conservador (como veremos no capítulo IV) disposto a cortar impostos, a retornar a vertente linha dura na política externa, repensando uma sistema de defesa anti-mísseis, com coragem para dizer não à organizações e acordos internacionais como a ONU e ao Protocolo de Kyoto, bem como capaz de colocar em seus gabinetes políticos de vertente libertária⁸⁰, cristã e neoconservadora.

5 - William Kristol e John Podhoretz: filhos de radicais

William Kristol, filho de Irving Kristol e Gertrude Himmelfarb, estudou em Harvard entre 1973 e 1978, onde um de seus principais professores, Harvey C. Mansfield. Kristol, trabalhando com seu pai no *Institute for Educational Affair*, aproxima-se da Sociedade Federalista⁸¹, tendo ambos em mente que 40% do eleitorado americano poderia ser conservador.

Buscando este eleitorado, em 1993, William Kristol liderou, em parceria com David Tell e Daniel Casse, o *Project for Republican Future* (PRF)⁸², que buscava resgatar a nação de uma elite liberal liderada por William Clinton e Al Gore. Em 1997, William Kristol funda o PNAC (*Project for the New American Century*) e David MacIntosh aproxima-se do *Hudson Institute*, ambos figuras centrais na “Revolução Republicana”, que levou George W. Bush ao poder e os Republicanos de volta ao controle das duas casas do Congresso.

Se a geração de Irving Kristol, Daniel Bell e Nathan Glazer viram os liberais influenciarem a Guerra Fria e tentaram, pela ação do Estado, formar uma nova classe média, seus filhos viram os Republicanos, que com Reagan se reagruparam e se fortaleceram, sucumbirem novamente aos liberais, os quais nos Campi nos anos de 1960, eram majoritários

⁸⁰ O termo libertário, como utilizo refere-se a vertente tradicional política dos EUA pautada pela defesa das liberdades individuais, militância contra impostos, defesa do livre-mercado e da livre-iniciativa e desconfiança por princípio de toda autoridade ou governo. Os Libertários são uma corrente do Partido Republicano bem como um Partido político independente. Cf. <http://www.lp.org/>, acessado em 09/03/08. Cf. também DOHERTY, Brian. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*. Public Affairs, 2001.

⁸¹ A Sociedade Federalista foi criada nas escolas de direito de Yale e Harvard e Chicago nos anos de 1980 com o objetivo de fazer frente à tradição liberal do direito presente nestas escolas. As idéias, inicialmente restrita ao universo acadêmico, avançaram para o campo político recrutando juizes que defendem a leitura literal das leis em detrimento daqueles que “interpretam a lei”. Três membros da Suprema Corte são ligados a Sociedade Federalista: Clarence Thomas, Samuel Alito e Antonin Scalia. Cf. <http://www.fed-soc.org/>. Acessado em 05/05/08

⁸² O PRF foi também decisivo para Kristol liderar um movimento pró-Impeachment a partir do escândalo Mônica Lewinsky, que abalou a segunda gestão de Clinton.

nas organizações estudantis, e tinham voltado ao poder com William Clinton. Irving Kristol em seu tempo estudou os clássicos conservadores na *Hoover Institution* e fortaleceu a revista *The Public Interest*; William Kristol, na nova geração, passou pela fundação do PNAC e da revista *The Weekly Standard*. Irving Kristol foi forte apoiador de Ronald Reagan, William de George W. Bush.

Outro exemplo de família neoconservadora encontramos nos Podhoretz. John Podhoretz, filho do casal Norman Podhoretz e Midge Decter, ambos ligados aos neoconservadores. Midge Decter é pesquisadora do PNAC e da *Heritage Foundation*. Norman Podhoretz é um dos intelectuais do Grupo de NY, pesquisador do CFR (Council on Foreign Relations), da *Hudson Institution* e do PNAC, por muitos anos editor da Revista *Commentary* (1960-1995) e peça central na área de segurança do governo Reagan. Neste governo, organizou e trabalhou no *Comitte for the Present Danger* e entre 1981 e 1987 foi assessor especial da Agência de Informação do Pentágono. Norman Podhoretz alavancou uma nova maioria republicana ao colaborar na guinada militar dos EUA nos anos de 1980 e deu novo fôlego aos *Think Tanks* conservadores de Nova York e Washington D.C.

Já Midge Decter, por sua vez, dirigia com Donald Rumsfeld o *Committee for the Free World*, também de viés anticomunista e que reuniu, entre outros nomes, William Bennett, Sidney Hook, Michael Ledeen e Joshua Muravck. Tanto Norman Podhoretz como Midge Decter foram importantes nos anos de 1980 por liderarem um debate diferenciando os neoconservadores e os paleoconservadores⁸³. O embate ocorreu principalmente pela *Commentary*, no campo neoconservador, e pela *Chronicles*, por parte de intelectuais como Russell Kirk⁸⁴ e outros principalmente ligados ao *Cato Institute*⁸⁵. Por parte dos neoconservadores, foram também atuantes William Bennettt, Irving Kristol e Elliott Abrams.

John Podhoretz formou-se em Chicago e, como William Kristol, entrou logo na política. Desde os anos de 1980, escreve sobre cinema e cultura em publicações conservadoras como *The Weekly Standard*. Especializou-se na elaboração de discursos para presidentes e organizou a White House Writers Group, para todos os escritores de discurso da Casa Branca. John Podhoretz escreveu discursos para Ronald Reagan, George H. W. Bush e foi assistente especial de William Bennett. Durante o governo de William Clinton, escreveu o

⁸³ Denominação dada ao conservadorismo mais antigo, isolacionista e contra o Estado.

⁸⁴ Kirk, falecido em 1994, foi uma referência importante para os conservadores dos EUA, articulista da *National Review*, nos anos de 1950, escreveu *The Conservative Mind*, obra considerada um marco para o pensamento conservador.

⁸⁵ Think Tank libertário com sede em Washington D.C, foi fundado com dinheiro da fortuna da família Bradley por Edward H. Crane e Charles De Ganahl Koch, conta entre seus membros ilustres, Rupert Murdoch. Cf. <http://www.cato.org/>. Acessado em 03/03/08.

livro *Hell of a Ride* que pretende ser uma história dos bastidores do poder entre 1989 e 1993. No governo George W. Bush, John Podhoretz escreveu o livro *Bush Country: How George W. Bush Became the First Great Leader of the 21st Century - While Driving Liberals Insane*, em que não faltam elogios aos conservadores e críticas aos liberais⁸⁶. Nessa mesma trilha lançou, em 2006, o livro *Can She Be Stopped?*, no qual prevê um embate entre Hillary Clinton e Rudy Giuliani pela sucessão de George W. Bush, com vitória de Hillary.

William Kristol e John Podhoretz dentro da trajetória política dos neoconservadores estiveram para George W. Bush tal como Norman Podhoretz e Iving Kristol estiveram para Ronald Reagan.

6- O que traz de neo, os neoconservadores ?

Partindo da reflexão de Edmund Burke (1789), podemos entender o clássico pensamento conservador como sendo elitista, suspeito em relação ao Estado, como aquele que valoriza mais a liberdade do que a equidade com doses generosas de patriotismo, hierarquia e ceticismo em relação ao progresso. Avançando, podemos entender que a concepção clássica de “direita” está relacionada ao conjunto de forças que valoriza a ordem em detrimento da justiça social, que aceita, e às vezes defende, o capitalismo. Portanto, como podemos pensar os neoconservadores inseridos no que já definimos como “Nova Direita” ?

Tentaremos nesta seção diferenciar os neoconservadores – que foram e são decisivos como força política e como arcabouço de idéias para as mudanças trazidas por George W. Bush, principalmente na política externa – de outras correntes políticas, filosóficas dos EUA como os conservadores, liberais, neoliberais, nacionalistas e realistas.

O pensamento liberal de Hayek, Friedman e o pensamento conservador de William F. Buckley foram dominantes nos EUA, tendo seu marco nos anos de 1960, no governo de Lyndon Johnson e na Universidade de Harvard como centro intelectual. Com a Grande Depressão dos anos de 1930 e posterior chegada de Ronald Reagan ao poder, os valores conservadores passaram a ser dominantes na política e na sociedade dos EUA. O

⁸⁶ Liberais e Conservadores aqui, como ao longo de todo texto, referem-se a denominação aplicada no jogo político dos EUA, que associa os Democratas aos liberais e os Republicanos aos Conservadores. Os liberais são defensores do livre-mercado, das saídas multilaterais da não intervenção e preocupados com os investimentos em educação e saúde. Já os conservadores tradicionalmente defendem as tradições e o *status quo* e seriam isolacionista, preocupados com a Defesa e com a Moralidade.

conservadorismo ascendente somado à proliferação de *Think Tanks*⁸⁷, formou um exército de intelectuais conservadores, criando as condições necessárias para um movimento de direita, que presa valores conservadores, influenciou tanto membros do partido Democrata como do Republicano. Neste sentido, podemos entender que este campo de forças foi vitorioso nas últimas nove eleições nos EUA.

O pensamento conservador americano tinha como principal referência a revista editada por William F. Buckley – *National Review* – organizava-se em grupos como a *John Birch Society*⁸⁸, dialogava com grupos católicos e protestantes e tinha em Barry Goldwater⁸⁹ um ícone que seria um divisor de águas para a Direita americana. A defesa do isolacionismo da política externa, desconfiança e enfrentamento quanto ao tamanho do Estado e quanto a carga tributária, bem como a defesa de uma sociedade com papéis e classes bem definidas (como defendida por grupos como o KKK⁹⁰ e o Eagle Forum⁹¹) caracterizava, em linhas gerais, os conservadores nos EUA.

A associação imediata dos neoconservadores com a idéia clássica de conservadorismo não é adequada. Os neoconservadores partem da tese de que é preciso uma postura internacional ofensiva, mudando assim, os rumos da política internacional; reconhecem que a direita americana não é mais a mesma, ou seja, o *status quo* hoje não é mais o mesmo de vinte anos atrás. Tenta-se também sistematizar esta relação dos neoconservadores com o conservadorismo numa espécie de síntese entre o realismo da teoria das relações internacionais, na forma de olhar para as coisas, e o idealismo, da tradição americana que estaria presente sob a forma de ação.

Os neoconservadores são internacionalistas, unilateralistas se necessário, buscam organizarem-se para influenciar e fazer parte do governo. Dialogam estrategicamente com grupos evangélicos e cristãos pró-Israel (como, por exemplo, Pat Robertson⁹² e os grupos

⁸⁷ Cf. Capítulo II.

⁸⁸ Grupo fundado em 1958, popular durante a Guerra Fria. Ainda vigente, hoje com pouca força. Eles acreditavam que os soviéticos estavam infiltrados no governo americano. Cf. www.jbs.org. Acessado em 03/03/2008.

⁸⁹ Foi candidato pelo Partido Republicano em 1964, faleceu em 1998, aos 89 anos. Sua candidatura uniu, até então de forma inédita os conservadores e depois dela, os conservadores cresceram em mobilização política e social.

⁹⁰ Ku Klux Klan, grupo hoje considerado de extrema direita, mas que no passado teve milhares de membros. Trata-se de uma organização de cunho semi-secreto, que defende a supremacia dos brancos e ódio aos não brancos. Cf. www.kkk.com/. Acessado em 03/03/08.

⁹¹ Grupo fundado por Phyllis Schlafly, um dos pioneiros na mobilização popular contra o aborto e contra a Emenda dos Direitos Iguais. Cf. www.eagleforum.org/. Acessado em 03/03/08.

⁹² Pat Robertson foi um pastor evangélico importante principalmente nos anos de 1980, pioneiro como tele-evangelista. Candidatou-se a presidência perdendo para George H. W. Bush nas primárias, mas conseguindo levar ao Partido Republicano uma agenda conservadora e religiosa que ficou conhecida como Direita Cristã, influente até os dias de hoje.

remanescentes da Maioria Moral organizados por Jerry Falwell (falecido em 2007) e tem seus próprios Think Tanks e revistas, como veremos mais detalhadamente no capítulo II desta dissertação. Os neoconservadores não são neoliberais por identificarem justamente o liberalismo como principal problema a ser enfrentado na sociedade americana e também não se enquadram numa classificação de “nacionalismo”⁹³ pois tem como foco a política externa e por pensarem no papel dos EUA no Sistema Internacional e na sua transformação.

No partido Republicano, onde tudo começou com Harry V. Jaffa⁹⁴, os já assim conhecidos “neocons” aceitaram trabalhar no governo Ronald Reagan, onde encontram apoio nos Republicanos que trabalhavam na Defesa entre os quais destacamos George H. W Bush, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz. Em posições estratégicas e de decisão dentro do governo, os neoconservadores passaram a pensar dois temas centrais: a segurança internacional e a política externa dos EUA⁹⁵, diferenciando-se assim dos conservadores, mais preocupados com a política doméstica e dos neoliberais, focados na economia.

A experiência de governo desse grupo, nos anos de 1980, durante a gestão Reagan, os colocou em posição privilegiada de tomada de decisão e conseguiu construir redes entre o grupo e as instituições, permitindo-lhe acesso a relatórios e a informações privilegiadas bem como ao conhecimento dos círculos mais poderosos da política. Isso lhe possibilitou, além de montar uma vasta rede de revistas e jornais, organizar *Think Tanks*⁹⁶ na capital dos EUA e principalmente em Nova York afirmando-se como alternativa ideológica e política. Dentre os Think Tanks impulsionados pela experiência dos neoconservadores em Washington nos anos de 1980, destacamos: *Institute for Educational Affairs* e *The Project for the New American Century* (PNAC); outros já estabelecidos ganharam força, como o *American Enterprise Institute* (AEI), *Hudson Institute*, *Claremont Institute*, *Heritage Foundation* e *Hoover Institution*. Esta organização diferencia-se ao combater e dialogar com a mídia dos Think Tanks conservadores liberais e defensores de uma política externa realista, como por exemplo: *Cato Institute*, *Brookings Institute*, *Commonwealth Institute*⁹⁷ e *Carnegie Endowment for International Peace*⁹⁸.

⁹³ JUDIS (2004), classifica Condolezza Rice, Dick Cheney e Donald Rumsfeld como as influências nacionalistas de George W. Bush em seu primeiro mandato.

⁹⁴ Pesquisador do Claremont Institute, trabalhou com Barry Goldwater, estudou com Leo Strauss na NSS. Como acadêmico especializou-se em História americana, ganhando destaque com suas reflexões sobre Abraham Lincoln. Entre os neoconservadores de perfil straussiano, Jaffa foi o primeiro a transitar pelo partido Republicano. Cf. <http://www.claremont.org/>. Acessado em 03/03/08.

⁹⁵ Cf. conferir seção 10, capítulo III.

⁹⁶ Cf. Capítulo II.

⁹⁷ Cf. <http://www.comw.org/>. Acessado em 03/04/07

⁹⁸ Cf. <http://www.carnegieendowment.org/>. Acessado em 8/02/08.

Capítulo II - A organização dos neoconservadores

1- Os neoconservadores e os Think Tanks.

“A Think Tank is like a University without students.”

(KIRKPATRICK apud MURRAY, 2006).

Os *Think Tanks* hoje entendidos como um braço político das diferentes correntes ideológicas presentes no jogo político estadunidense, são muito populares e influentes, tiveram uma trajetória de ascensão rápida e uma forma de organização nova e eficiente. Os *Think Tanks* se projetam num vácuo deixado dentro do processo decisório. Por falta de conhecimento específico sobre certos temas de valor nacional e pela exigência por operações em vários cenários diferentes, os governos recorrem a especialistas que, transitam entre diferentes grupos de interesses e de força política.

Esses grupos não são homogêneos; há aqueles de perfil mais elitista e seletivo como, por exemplo, o *Council on Foreign Relations* (CFR) fundado em 1921, em Nova York, e muito próximo ao poder desde então; por outro lado, há grupos com foco mais social e acadêmico como o *The Brookings Institution*⁹⁹, de 1917, ou o *Hoover Institution*, ligado à Universidade de Stanford. Outros *Think Tanks* apresentam preocupações e vínculos restritos como a RAND (1947), ligada às forças armadas, ou a JINSA (1976), cujo foco está nas relações EUA - Israel.

Os *Think Tanks* ganharam impulso com a ascensão de nomes como John M. Olin e Smith Richardson (conferir Tabela 1, 2 e 3 deste capítulo), que nos primeiros decênios do século XX, depois de um enriquecimento meteórico com empresas de petróleo e da construção civil, criaram suas fundações e por elas, financiaram os primeiros *Think Tanks*¹⁰⁰. A Relação entre os *Think Tanks* e o poder mostrou-se sempre muito eficiente; a CFR, uma das primeiras, desde os anos de 1960, mostra-se influente no processo decisório. Fato evidente quando notamos que quase cem por cento dos secretários: Tesouro, Defesa, Estado e os

⁹⁹ Think Tank tradicional e influencia de Washington D.C, considerado de centro – esquerda ou liberal na denominação americana. Cf. <<http://www.brookings.edu/>>. Acessado em 03/03/08.

¹⁰⁰ Cf.: <<http://www.jmof.org/> e <http://www.rockfound.org/>>. Acessado em 03/03/08.

diretores da CIA são ligados ao grupo. Há casos também em que o próprio presidente é membro desses grupos – como, por exemplo, Nixon e Clinton¹⁰¹.

Toda decisão passa por um cálculo quanto a finalidades e quanto a causalidades. Nos termos de Duroselle (2000), decidir é em parte, moldar o futuro; e quando pensamos numa equipe decisória, inevitavelmente caímos no campo dos peritos. Pensando dessa forma, podemos entender como em momentos decisivos da política externa dos EUA no século XX, *Think Tanks* como a CFR, o *Hoover Institution* e a PNAC foram tão presentes. Há alguns marcos na relação entre a Casa Branca e os *Think Tanks* que devemos destacar: o governo Ronald Reagan (1981-1989), Bill Clinton (1993-2001) e George W. Bush (2000- 2008).

No governo Reagan (1981–1989) destaca-se a participação do *Hoover Institution*, *Think Tanks* fundado em 1919 por Herbert Hoover, inserido na discussão sobre o neoliberalismo (com a decisiva presença do economista Milton Friedman) e o comunismo. Outro *Think Tanks* de destaque neste governo foi a *Heritage Foudation*, grupo fundado em 1973, defendendo bandeiras que posteriormente foram abraçadas pelo governo Reagan como: governo limitado, valorização da livre iniciativa, e atenção aos valores tradicionais americanos e da necessidade de um projeto nacional forte de defesa¹⁰². Dentre os dois gabinetes de Reagan e estes dois *Think Tanks* podemos destacar como peças centrais do governo: James A. Baker III (secretário do Tesouro), William F. Smith (advogado geral da União), Edwin Meese III (advogado geral), Caspar W. Weinberger (Secretário de defesa) e William J. Bennett (Secretário da Educação) e Richard V. Allen (assessor de Segurança).

No governo Clinton destacamos a atuação novamente do CFR, que entre o primeiro e o segundo escalão colocou cerca de 100 nomes no quadro deste governo, dentre os quais destacamos: Warren M. Cristopher (secretário de Estado), Madeleine Albright (secretária de Estado), Lawrence H. Summers (secretário do Tesouro), Les Aspin (secretário de Defesa), William S. Cohen (secretário de Defesa) Ronald H Brown (falecido em 1996, secretário de Comércio), William M. Daley (secretário de Comércio), Donna E. Shalala (Secretária da Saúde), Togo D. West Jr (secretário para assuntos ligados aos Veteranos).

No governo George W. Bush, destacamos a presença de *Think Tanks* conservadores, cristãos, e aqueles mais próximos às idéias neoconservadoras. O PNAC (*Project for the New American Century*), criado em 1996, e que teve um papel crítico durante o governo Clinton, destacou-se com apontamentos sobre o Oriente Médio e mais especificamente sobre o Iraque,

¹⁰¹ Cf. SALBUCHI (2003).

¹⁰² A *Heritage Foudation*, antes da posse de Reagan, entregou-lhe um documento elaborado por 200 pesquisadores, intitulado *Mandate for Leadership*. Que pretendia ser uma referência política para o governo.

que foram de extrema relevância para a resposta de George W. Bush ao 11\09\01. Dentre os grupos conservadores destacamos o AEI (*American Enterprise Institute*), fundado em 1943, do qual participam o vice-presidente Richard Cheney, o assessor de segurança Richard Perle, John Bolton (ONU), Eliot Cohen e dez outros assessores da Casa Branca.

Nesse capítulo conheceremos como alguns pesquisadores desses Think Tanks transitam entre esses grupos e, mais especificamente, veremos como os neoconservadores projetam, através dessas instituições, suas idéias para os EUA e, conseqüentemente, para o mundo.

2 - Entre Nova Yorque e Washington D.C.

Em Nova Yorque – centro de efervescência cultural e intelectual na primeira metade do século XX – misturavam-se libertários, moralistas tradicionais, socialistas europeus e anticomunistas.

Nos anos de 1980, durante a administração Reagan, os neoconservadores deixam o campo da discussão e das opiniões políticas para adotarem uma postura mais ativa politicamente e internacionalista. É neste momento que novos *Think Tanks* são criados, e políticos próximos aos neoconservadores e ao partido Republicano passam a figurar entre os principais *Think Tanks* da capital administrativa dos EUA. Os primeiros nomes a percorrem a ponte entre a opinião pública e a política partidária e de governo foram: Irving Kristol, Daniel Bell, Nathan Glazer e Seymour Martin Lipset. Em Nova Yorque esses intelectuais eram os editores e os principais colaboradores das revistas *The Public Interest* e *Commentary*, cujas principais preocupações giravam na órbita da análise e crítica ao Estado de Bem-Estar Social, do nascimento da “Nova Esquerda” e das insatisfações com as gestões Democratas na Casa Branca.

Irving Kristol reforçou o *American Enterprise Institute*, Daniel Bell que já era da CFR passou a lecionar na Universidade de Columbia e associou-se ao *Hoover Institution*; Lipset reforçou também o *Hoover Institution*, Francis Fukuyama, aluno de Bloom, que já participava da RAND e da CFR, também mudou-se para Washington; e Norman Podhoretz, um dos editores da revista *Commentary*, passa a reforçar os quadros do *Hudson Institution* (1961). Neste primeiro momento os neoconservadores entravam em contato com o mundo da política de Washington D.C, em parte pelos *Think Tanks* e em parte como assessores do Democrata Henry “Scoop” Jackson (senador entre 1953 e 1983).

Paralelamente a ascensão política dos neoconservadores com o governo Reagan, Irving Kristol, guiado por preocupações econômicas, funda em Nova York o *Institute for Educational Affairs* (1978) e Norman Podhoretz termina de escrever o livro *The Present Danger* (1980), que foi uma influência decisiva para a política de segurança deste governo, como também, influenciou toda uma geração de políticos e intelectuais na órbita do poder.

Os neoconservadores nessa época transitaram entre Nova York e Washington D.C. e foram decisivos para o crescimento e consolidação dos *Think Tanks* como o *American Enterprise Institution* (que na década de 1970 viu seu quadro de pesquisadores saltar de 200 para 600 membros e seu orçamento dobrar, chegando a 10 milhões de dólares em dez anos) e o *Hoover Institution* que, reforçados por nomes como os de William Bennett, Sidney Hook, Michael Ledden, Joshua Muravchik (também pesquisador do AEI) e Norman Podhoretz, serviram de base para a formação da política externa e da política econômica do governo Reagan.

Após o governo Reagan (1981 – 1989) e a Guerra Fria (1944-1991) a Direita nos EUA é reorganizada, os neoconservadores – peça central neste processo – passam a década de noventa buscando soluções e cenários para um novo século que poderia ser marcado pela consolidação do poder americano. Foi nesses termos que nasceu o PNAC, financiado pelo bilionário Richard Scaife e fundado em 1992 por dois jovens conservadores: Robert Kagan e William Kristol (filho de Irving Kristol). O PNAC dinamizou o mundo dos *Think Tanks* por conseguir, ao mesmo tempo, re-organizar os Republicanos e concentrar boa parte dos neoconservadores, formando a base do que seria o primeiro gabinete do governo George W. Bush.

Nos anos de 1990, estavam no PNAC e depois entraram para o governo de George W. Bush: Elliott Abrams (assessor do departamento de Estado do primeiro governo W. Bush), John Bolton (ONU), Francis Fukuyama (Conselho de Bioética), Lewis Libby (assessor de Cheney), Richard Perle (assessor de segurança), Paul Wolfowitz (Banco Mundial, até 2007) e Robert Zoellick (Secretário de Estado); dentre os Republicanos destacamos: Jeb Bush (irmão de George W. Bush e governador da Florida), Dick Cheney (vice-presidente), Donald Rumsfeld (secretário de Defesa até 2006), Gary Bauer (parlamentar ligado também à Direita Cristã) e Richard Armitage (ocupou o segundo posto na hierarquia do Departamento de Estado até 2005).

3 - A presença dos neoconservadores nos principais *Think Tanks* conservadores dos EUA.

Os centros analisados a seguir foram selecionados pela sua influência no governo de George W. Bush e pelo trânsito de intelectuais, políticos e pesquisadores ligados – direta ou indiretamente – aos neoconservadores. Traçaremos um breve perfil de cada um deles.

The Claremont Institute

Fundado em 1979, com a preocupação de pensar o futuro dos EUA, tendo como foco a fundação deste país, este *Think Tanks*, conta com a presença de alguns políticos de seu estado de origem, a Califórnia. Encontramos Tom McClintock, amigo de juventude de William Kristol e famoso pela sua “jornada anti-impostos”, e alguns neoconservadores tradicionais como William Bennett. O *Claremont Institute* tem nos últimos anos se aproximado do *Heritage Foundation*. *Think Tank* que conheceremos melhor neste capítulo.

Quadro 3: The Claremont Institute

The Claremont Institute – Principais Pesquisadores
John Eastman
Mark Helprin
William Voegeli
Brian T. Kennedy

American Enterprise Institute (AEI)

Fundado em 1943, com forte teor anti-socialista, foi no decênio 1970-1980, que este *Think Tank* cresceu tanto em número como em importância. O AEI foi o abrigo de neoconservadores importantes como: Gertrude Himmelfarb (esposa de Irving Kristol e historiadora especialista no período vitoriano), do próprio Irving Kristol, Jeane Kirkpatrick (que por muito anos trabalhou na ONU e uma das responsáveis pela transição dos neoconservadores do partido Democrata para o Republicano), Joshua Muravchik (um dos

pioneiros a trocar os círculos intelectuais de Nova York pelos círculos políticos de Washington D.C.), Michael Novak (considerado um dos mais sérios estudiosos de Leo Strauss, discutindo teologia, filosofia política e política partidária), Richard Perle (sempre próximo aos neoconservadores e figura presente na área de segurança dos EUA).

Quadro 4: American Enterprise Institute

Financiadores	Pesquisadores
	James Q. Wilson
	Irving Kristol
	Lynne Cheney
Fundação Microsoft	Mark Falcoff
Fundação Coors	David Frum
Bradley Foundation	Newt Gingrich
Smith Richardson Foundation	Frederick Kagan
	Charles Murray
	Jeane Kirkpatrick
	Joshua Muravchik
	Michael Ledeen
	Richard Perle
	Ben Wattenberg

RAND Corporation

Fundada em 1948 e sediada na Califórnia, a RAND¹⁰³ tem uma longa história com a segurança e as forças armadas dos EUA. Essa história envolve projetos como o “Guerra nas Estrelas” do governo Reagan e o desenvolvimento da própria Internet. A relação da RAND com os neoconservadores tem sua raiz nos estudos de Albert Wohlstetter que, como matemático, teve uma função decisiva durante a Guerra Fria ao estudar as possibilidades e as estratégias para uma guerra nuclear. Hoje, a RAND é o abrigo para nomes importantes do cenário político contemporâneo, como Francis Fukuyama, Condoleeza Rice e Alan Greenspan (também ligado ao *Hoover Institution*).

¹⁰³ RAND significa Research And Development ou em português: Pesquisa e Desenvolvimento.

Quadro 5 – RAND Corporation

Principais Pesquisadores da RAND
Harold Brown
Robert E. Hunter
Alan Greenspan
Paul O'Neill
Condoleezza Rice
Donald Rumsfeld
Albert Wohlstetter

PNAC: Project for the New American Century

Em 1992, Paul Wolfowitz, que na época estava no Pentágono, William Kristol, naquele momento assessor da Casa Branca, e outros neoconservadores apoiaram as tendências apontadas pelo *Defense Plan Guidance*¹⁰⁴, que em linhas gerais preocupava-se com o papel dos EUA na ordem internacional pós-Guerra Fria e falava de forma objetiva sobre a necessidade dos EUA agirem de forma preventiva e preemptiva, evitando a emergência de novos rivais.

A PNAC passou então a pressionar o governo e a defender de forma aberta uma correspondência entre os gastos militares dos EUA e as novas realidades do mundo pós-Guerra Fria. A bandeira da mudança de regime também é clara e atrelada à necessidade de espalhar e de levar os valores da democracia e da liberdade para regiões e países vistos como hostis. Por fim, a PNAC salienta a responsabilidade americana a partir da nova ordem pós-Guerra Fria; nesse sentido priorizou o Oriente Médio como objeto de estudo e preocupação. Os pesquisadores e políticos ligados a PNAC – ainda durante o governo Clinton – pressionaram o governo exigindo uma postura mais agressiva com o Iraque¹⁰⁵, bem como, a elaboração de um projeto que viabilizasse, para os EUA no século XXI, ter suas forças

¹⁰⁴ Documento sem autor definido que vazou do Pentágono. Foi divulgado pelos grandes meios de comunicação como o *New York Times*, *Newsweek* e *Washington Post*.

¹⁰⁵ Considerada então nação párea que apoiava o terrorismo, abrigaria centros de treinamento terrorista e produziria armas químicas e biológicas, com objetivo de desenvolver também armamento nuclear.

armadas mais fortes. Destacando os Republicanos e neoconservadores na PNAC, montamos o quadro abaixo.

Quadro 6 - PNAC (Project for the New American Century)

Fundadores	Financiadores	Principais Neoconservadores	Outros nomes Importantes	Republicanos Importantes
		Elliott Abrams		
William Kristol	Bradley Foundation	Jeane Kirkpatrick	Peter Beimart	Donald Rumsfeld
		Linda Chavez		
Richard Scaife	John M. Olin Foundation	Paul Wolfowitz	Richard V. Allen	Dick Cheney
		William J. Bennett		
Robert Kagan	Scaife Foundation	Richard Perle	Steve Forbes	Jeb Bush
		Francis Fukuyama		
		Frank Gaffney	John F. Lehman	Dan Quayle

JINSA - The Jewish Institute for National Security Affairs

Nossos amigos americanos nos oferecem dinheiro, armas e conselhos. Pegamos o dinheiro, as armas e recusamos os conselhos.

(Moshe Dayan apud GOMES, 2001).

O JINSA surge nos EUA no contexto da Guerra do *Yom Kippur*. Trata-se de um dos *Think Tanks* mais influentes da gestão W. Bush, uma das peças do que Mearsheimer e Walt (2006) chamaram de Lobby de Israel, que centra suas preocupações na colaboração mútua entre os exércitos de Israel e dos EUA. Para entendermos a relação entre o JINSA e os neoconservadores, devemos fazer antes uma discussão introdutória sobre o sionismo nos EUA.

O sionismo tem uma história muito mais ampla. No final do século XIX marcada pela obra do jornalista austríaco Theodor Herzl, *Judenstaat*, falava-se de um estado judeu dentro dos projetos de expansão colonial imperialista. Segundo Gomes (2001), cogitou-se um estado judeu na Argentina, e a Inglaterra defendia um Estado na África, mas em 1897, no primeiro Congresso Sionista realizado na Basileia, duzentos delegados decidiram por um “lar judeu” na Palestina. Em 1901, liderados por Chaim Weizmann, o movimento sionista criou um fundo

econômico e, em 1917, com apoio dos britânicos, judeus de todas as nacionalidades começaram a migrar para a Palestina, na época uma população formada por quase 80% de pessoas com raízes muçulmana. O anti-semitismo coloca-se, desde o início, como a motivação central para a criação de um estado judeu e a necessária defesa deste estado pelas grandes potências.

Se os EUA eram apenas um coadjuvante nas primeiras movimentações para a criação do estado de Israel, no governo do presidente W. Wilson, em 1924, este Estado ganha novas dimensões a partir do governo Carter, em 1977, momento em que os EUA passam a tomar o Oriente Médio como uma preocupação central, principalmente pela segurança energética. Mas a relação americana com o movimento sionista segue caminhos mais tortuosos. Segundo Gomes (GOMES, 2001, p.53):

A posição de apoio ao sionismo vinha fundamentalmente do Congresso, cujos interesses eleitorais eram prioritários aos interesses da nação, tornando-se objeto de manobras do movimento sionista americano. (Em outras palavras) o apoio a Israel gerou aos EUA perdas materiais e políticas em relação as grandes potências.

O movimento sionista americano tem como marco inicial à criação, em 1939, da *American Zionist Emergency Council*, cujos principais líderes eram: Chaim Weizmann¹⁰⁶, David Bem Gurion¹⁰⁷, e N. Goldman. Em 1943, a partir do *American Council for Judaism*¹⁰⁸, tentou-se desvencilhar a religião judaica do sionismo, estabelecendo que o judaísmo seria uma religião de valores universais, por isso, não faria sentido pensar numa nacionalidade. Idéia que não ganhou força em meio a uma já estabelecida estratégia de propaganda sionista, cujos principais pilares eram, de acordo com Gomes, (2001): 1) sustentação numa suposta profecia bíblica; 2) Utilização da superação dos primeiros judeus na Palestina como exemplo e incentivo; 3) A partir da “história de um drama de um povo”, a causa seria meritória; 4) os judeus como um grupo distinto, por serem vítimas históricas do anti-semitismo, como povo, deveriam, por justiça histórica, ter seu Estado. A propaganda sionista contava com um aparato de mais de 30 publicações, dentre elas, algumas católicas e protestantes que reforçavam a idéia de uma profecia bíblica. A finalidade do movimento sionista nos EUA era a de lidar com a opinião pública para, com isso, impelir os políticos a agir e envolver por outro lado, todos os grupos judeus na causa sionista.

¹⁰⁶ Químico, viveu entre 1874 a 1952, Organizou o grupo Sionista Internacional e foi o primeiro presidente de Israel.

¹⁰⁷ Sobrevivente do Holocausto, militou pelo Estado de Israel, hoje o aeroporto de Tel – Aviv leva seu nome.

¹⁰⁸ Cf.<<http://www.acjna.org/acjna/default.aspx>>. Acessado em 01\03\08

Com o objetivo claro de produzir no Congresso dos EUA resoluções sionistas, a estratégia funcionou bem a ponto de unir Republicanos e Democratas em apoio a suas teses. A movimentação do Congresso produziu nos governos Roosevelt/Truman uma posição internacional delicada e ambígua por, em parte, apoiar as teses sionistas, mas por outro lado, comprometendo também, a escutar os árabes e não apoiar ações sionistas de forma direta na Palestina.

Quando o tema chegou à ONU, alguns defendiam a tese da criação do Estado judeu na Palestina, outros a independência da Palestina. A proposta da ONU foi a de um Estado judeu independente, um Estado árabe independente e a capital, Jerusalém, reconhecida como uma cidade internacional. Segundo Gomes (2001), e outros analistas, a papel dos EUA foi decisivo no âmbito da ONU para uma resolução favorável aos interesses sionistas e, uma vez consolidado o Estado de Israel, as relações entre esta nação e os EUA ganham novas proporções.

O movimento sionista dos EUA transforma-se e avançou, segundo o polêmico artigo de Walt e Mearsheimer (2006), para um lobby pró-Israel liderado por *Think Tanks* como a *JINSA, American – Israel Public Affairs Committee* (Aipoc) e a *Conference of Presidents of Major Jewish Organisations*. Uma das teses defendidas pelos autores era de que: “[...] os EUA têm um problema terrorista em boa parte porque estão intimamente aliados a Israel, e não o contrário” (WALT, MEARSHEIMER, 2006, p. 46). Isso é plausível quando se mistura nos EUA um forte lobby no Congresso, liderado pela Aipoc, com apoio da sempre aguerrida Direita Cristã e presente na grande mídia com respaldo intelectual dos principais *Think Tanks*. Este grande escudo político-ideológico para Walt e Mearsheimer (2006), consegue deslegitimar qualquer crítica a Israel pela acusação de anti-semitismo.

É interessante notarmos que por esta lógica, o movimento sionista ou pró-Israel mudou de uma postura ativa e de união para uma postura defensiva e de defesa do *status quo*. Trajetória parecida com a dos neoconservadores que teriam hoje um papel decisivo na configuração das relações entre EUA e Israel. Nomes ligados aos neoconservadores e com trajetória dentro do Pentágono, como David Wurmser, Paul Wolfowitz, Richard Perle e Douglas Feith tiveram também um papel importante, em parte na Guerra do Iraque e em parte, na ascensão do Likud¹⁰⁹ em Israel. Isso se deu pela posição que ocuparam na Casa Branca, mas também, pela atuação nos *Think Tanks* pró-Israel.

¹⁰⁹ Partido de Israel considerado de Direita que se opõe aos Trabalhistas.

No quadro a abaixo os principais *Think Tanks* que Walt e Mearsheimer (2006), caracterizam como formadores e articuladores do Lobby de Israel.

Quadro 7 – Relação dos Think Tanks do Lobby de Israel

Relação dos Think Tanks que segundo Mearsheimer e Walt (2007) fariam o Lobby pró-Israel
AIPAC ¹¹⁰
CUFI ¹¹¹
Israel Policy Forum ¹¹²
Tikkun Community ¹¹³
Americans for Peace Now ¹¹⁴
JINSA

O papel da JINSA é o de aproximar políticos e intelectuais da área de segurança dos EUA e de Israel. Defendendo o intercâmbio entre militares dos exércitos destes dois países, ela também colabora para uma aproximação entre lideranças políticas dos EUA e de Israel. O foco na questão de segurança que a JINSA defende como ponto de união, não está no combate ao terrorismo, mas no pensamento estratégico e nos pilares conceituais da Guerra ao Terrorismo. Em outras palavras, segundo a JINSA, a prática de guerras preventivas, cujo marco central foi a guerra do *Yom Kippur*, serviria como paradigma para os EUA pensarem seu papel no mundo pós 11\09\01. Segundo Peter Demant, (2006, p.86) para os neoconservadores “os EUA devem fortalecer sua segurança fortalecendo a democracia no exterior, cortando para isso e também em consequência disso o terrorismo”.

Segundo o professor Peter Demant (2006, p. 89): “[...] o lobby é uma indústria que funciona sob o princípio de que um interesse urgente para um pequeno grupo [...] muitas

¹¹⁰ The American Israel Public Affairs Committee. Cf. <http://www.aipac.org/>. Acessado em 03|08.

¹¹¹ Christians United for Israel. Cf. <http://www.cufi.org/site/PageServer>>. Acessado em 03\03|08.

¹¹² Cf.: <http://www.israelpolicyforum.org/>>. Acessado em 03\03|08.

¹¹³ <http://www.tikkun.org/>>. Acessado em 03\03|08.

¹¹⁴ Cf.: <http://www.peacenow.org/>>. Acessado em 03\03|08.

vezes deixa a maioria indiferente”. Diz ainda que, em linhas gerais, a política externa dos EUA é mais aberta do que as de outros países, contudo, *Think Tanks* como a JINSA defendem a idéia que uma relação especial com Israel seria vantajoso para os EUA, na medida em que Israel é uma peça decisiva para os interesses e valores defendidos por aquele país. Ambas as nações compartilham de um rol de preocupações de segurança (Armas de Destruição em Massa, terrorismo, escudo antimísseis balísticos, parceria estratégica, movimentos radicais, armas de alta tecnologia, armas nucleares, financiamento internacional do terrorismo, dentre outros temas) que tornam cada vez, segundo a JINSA, necessário o estreitamento das relações entre Israel e os EUA.

Quadro 8: Os principais neoconservadores ligados a discussão sobre o estado de Israel

Richard Perle
Douglas Feith
Paul Wolfowitz
Elliott Abrams
David Wurmser

Os quadros 8 e 9 nos mostram como, quando comparados, há uma congruência entre os neoconservadores com posições pró-Israel e os neoconservadores pesquisadores da JINSA.

Quadro 9 - JINSA (The Jewish Institute for National Security Affairs)

Principais Pesquisadores
Jeanne Kirkpatrick
Richard Perle
James Woolsey
Dick Cheney
John Bolton
Douglas Feith
David Wurmser

Hudson Institute

O *Hudson Institute* nasceu nos anos de 1960, como uma dissidência da RAND¹¹⁵. Deste *Think Tank* destacamos os pesquisadores: Herman Kahn, Max Singer e Oscar Ruebhausen, todos formados na área de exatas e pesquisadores que trabalharam na RAND sob a coordenação de Samuel Cohen¹¹⁶ e Albert Wohlstetter¹¹⁷. Estes nomes tiveram um papel central durante a Guerra Fria, principalmente estudando mísseis balísticos e criando estratégias para uma guerra nuclear.

Sediada inicialmente em Nova York, o *Hudson Institute* contou nos seus primeiros anos, com a participação de acadêmicos como Daniel Bell e Raymond Aron. Nos anos de 1970, com a participação de Herman Kahn como consultor do Pentágono, no auge da Guerra do Vietnã, afastou-se do perfil intelectual e, a ascensão de Ronald Reagan à Casa Branca, aproximou este *Think Tank* dos grupos conservadores. Esta aproximação também levou a sede do *Think Tank* a mudar-se de Nova York para Washington D.C., aproximando-se da órbita de poder do gabinete de Reagan.

Um dos pontos que diferenciam este *Think Tanks* dos demais grupos conservadores é sua preocupação com o desenvolvimento tecnológico e os recorrentes trabalhos de projeções de cenários futurísticos. O próprio fundador, Herman Kahn escreveu, no final dos anos de 1970, o livro *The Next 200 Years*, projetando o futuro da humanidade em 200 anos. Hoje esta

¹¹⁵ A dissidência pode ser interpretada de várias formas, uma delas é pelo perfil de pesquisa militar que não agradaria aqueles que buscavam uma relação mais próxima com a política.

¹¹⁶ Primeiro editor da *Commentary*.

¹¹⁷ Matemático, viveu entre 1913 e 1997, teve seu auge durante o governo Reagan trabalhando no projeto “Guerra nas Estrelas” de Defesa e de alternativas ao conflito nuclear.

herança ainda se revela presente na forma de crítica àqueles que, por exemplo, defendem um futuro sem grandes plantações ou sem o uso de defensivos agrícolas.

Transitam pelo *Hudson Institute* alguns neoconservadores importantes como Irwin Stelzer, Donald Kagan, I. Lewis "Scooter" Libby e Richard Perle o que o coloca como uma dos Think Tanks mais importantes da pós-Guerra Fria.

Quadro 10 - Hudson Institute

Fundador	Financiadores	Pesquisadores
		Donald Kagan
Herman Kahn (1922 – 1983)	Monsanto	Robert Bork
		Pierre S. du Pont
	Cargill	Joseph Epstein
		Roy Innis
	Sandoz	I. Scooter Libby
		Richard Perle
	Procter & Gamble	Irwin Stelzer
		Richard Weitz

Hoover Institution

Fundada por Herbert Hoover, que trabalhou com Woodrow Wilson no período entre Guerras e depois foi presidente dos EUA entre 1929 e 1933. Segundo Nasser (2005, p.179), Hoover defendia uma maior autonomia para os EUA, atrelando o espírito individualista americano às necessidades da economia internacional. Herbert Hoover, em outras palavras, foi o porta-voz do isolacionismo tradicional. Como um *self-made man* não conseguiu resistir aos abalos da crise das ações de 1929, deixando o governo em 1933, em plena “Grande Depressão”.

Em 1919, Herbert Hoover funda uma biblioteca e um centro de estudos para estudar as “raízes das guerras”, o *Think Tank* então com forte viés acadêmico, pela ligação com a

Universidade de Stanford, apenas muda de rumo quando as idéias de Milton Friedman ganharam corpo no governo Ronald Reagan, que terminado seu mandato, aceitou compor os quadros do *Think Tank*. Desde então este *Think Tank* abrigou Republicanos ascendes como Richard V. Allen (também ligado ao Heritage, PNAC e CFR), Condoleezza Rice, Newt Gingrich, Donald Rumsfeld (também ligado ao PNAC) e intelectuais influentes como Victor Davis Hanson (também ligado a RAND) e Niall Ferguson, ambos historiadores. Dentre os neoconservadores destacamos a presença de Albert Wohlstetter, John Podhoretz, Midge Decter.

Quadro 11 - Hoover Institution

Financiadores	Ex- Chefes de Estado	Pesquisadores
Boeing – McDonell Foundation	Margaret Thatcher	Richard V. Allen
Chrysler Corporation Fund		William James Perry
Exxon Educational Foundation	Ronald Reagan	John B. Taylor
J. P. Morgan Charitable Trust		Condoleezza Rice
Procter & Gamble Fund		Victor Davis Hanson
		Niall Ferguson

Quadro 12 - Pesquisadores Visitantes do Hoover Institution

Pesquisadores Visitantes do Hoover Institution
Peter Barton Wilson
Edwin “Ed” Meese III
Newt Gingrich
Edward Spencer Abraham

Heritage Foundation

Fundada em 1973, por Paul Weyrich¹¹⁸, Edwin Feulner¹¹⁹ e Joseph Coors¹²⁰ e mantida pelas principais fundações dos EUA (Coors, Ford e Brandley), este *Think Tank* é hoje um dos pilares do movimento conservador e um dos responsáveis pela formação de uma Nova Direita. Conta com Republicanos experientes como Richard Allen, mas também com aqueles em ascensão como Grover Norquist.

O *Heritage Foudation* foi decisivo na composição do gabinete de Ronald Reagan e no de George W. Bush. Dentre os neoconservadores que participam deste *Think Tank* destacamos Midge Decter (também participa do Hoover Institution Hudson Institute e PNAC) e John F. Lehman um dos principais nomes da Casa Branca para as operações anti-terrorismo pós 11\09\01.

Quadro 13 - Heritage Foundation

Financiadores	Pesquisadores
	Michael Gerson
	Paul M. Weyrich
Fundação Coors	Steve Forbes
Ford	Grover Norquist
General Motors	Edwin "Ed" Meese III
Exxon – Mobil	John F. Lehman
Fundação Brandley	Michael Johns
	Lawrence Di Rita
	Elaine Chao
	Lewis Paul Bremer III
	Richard V. Allen

¹¹⁸ Um dos principais nomes da Nova Direita. Ator política de destaque durante o governo Reagan.

¹¹⁹ Economista é presidente de honra da Heritage.

¹²⁰ Milionário que financiou boa parte dos *Think Tanks* conservadores nos EUA.

Quadro 14 - Neoconservadores no Governo George W. Bush conforme os *Think Tanks*

Neoconservadores	Cargo que ocupou no Governo	Destino a partir de 2006	Ligação com Think Tanks
Paul Wolfowitz	Secretário de Defesa	Banco Mundial (até 2007)	JINSA / PNAC
Douglas Feith	Terceiro Posto no Pentágono	Harvard e Hoover Institute	JINSA/ CFR
Lewis Libby	Pentágono	Problemas com a Justiça	CFR/ Rand/PNAC e Hudson
John Bolton	Segundo Posto no Dep. de Estado	ONU	JINSA/AEI/CFR/PNAC
Jim Woolsey	Defense Policy Board ¹²¹	AEI / Setor Privado	JINSA/PNAC
Richard Perle	Defense Policy Board	Fox News	JINSA/PNAC/AEI/Hudson
Ken Adelman	Defense Policy Board	—	PNAC/CFR e Rand
Robert Zoellick	Defense Policy Board	Banco Mundial	CFR e PNAC

No quadro acima mostramos a trajetória dos neoconservadores no primeiro governo de George W. Bush, seus destinos no segundo mandato e as respectivas participações em *Think Tanks* conservadores. Como podemos perceber, há uma representatividade grande de neoconservadores dentro deste governo. O que, por sua vez, reforça a hipótese da influência de suas idéias neste governo. Abaixo, no quadro 15, destacamos alguns dos principais meios de comunicação que tem em seus quadros articulistas neoconservadores. Podemos perceber que estes agem dentro meios de comunicação mais conceituados e que atingem a maioria da população estadunidense e, por que não dizer, mundial.

Quadro 15 - Grande Mídia com articulistas neoconservadores

The Wall Street Journal
Fox News
Washington Post
The Economist

¹²¹ Trata-se de um Comitê de assessoria ao Departamento de Defesa.

4 - Fundações e *Think Tanks*

A relação entre as Fundações e os *Think Tanks* do campo neoconservador podem ser entendidas dentro da trajetória da Nova Direita. As Fundações são consequência da necessidade que milionários, enriquecidos no século XX, têm de darem novos sentidos a suas fortunas, fomentando grupos pequenos e específicos, mas que no seu conjunto criam um campo de força novo no espectro ideológico dos EUA. Estes milionários foram assimilados pelas idéias anti-contracultura, pró-valores familiares e num contexto de efervescência religiosa, enxergam a necessidade de re-pensar o conservadorismo e resgatar o partido Republicano como antagonismo aos Democratas, estes, influenciados pela Nova Esquerda e pelo Sindicalismo estadunidense.

Tabela 1 - Think Tanks que foram financiados pela John M. Olin Foundation

Think Tanks financiados pela John M. Olin Foudation
Manhattan Institute
Hudson Institute
Free Congress Foundation
The Center For Equal Opportunity
Eagle Forum
Center for Individual Rights
Heritage Foundation
Hoover Institution
PNAC
Cato Institute
American Enterprise Institute

Fonte: MILLER (2005)

Tabela 2 – Think Tanks que foram financiados pela Bradley Foundation

Think Tanks financiados pela Bradley Foundation
PNAC
Middle East Forum
New Citizenship Project
Institute for Humane Studies
Alexis de Tocqueville Institution
Committee for the Free World
Institute on Religion and Democracy
Citizens for a Sound Economy
Cato Institute
Middle East Media Research Institute
Heartland Institute
Foundation for Individual Rights in Education
Institute for Justice
Hoover Institution
Brookings Institution
Sociedade Federalista
Freedom House
Heritage Foundation
American Enterprise Institute
Alliance Defense Fund

Fonte: Gurda (1992)¹²² e Bradley Foudation <<http://www.bradleyfdn.org/>>. Acesso em: 03/02/2007.

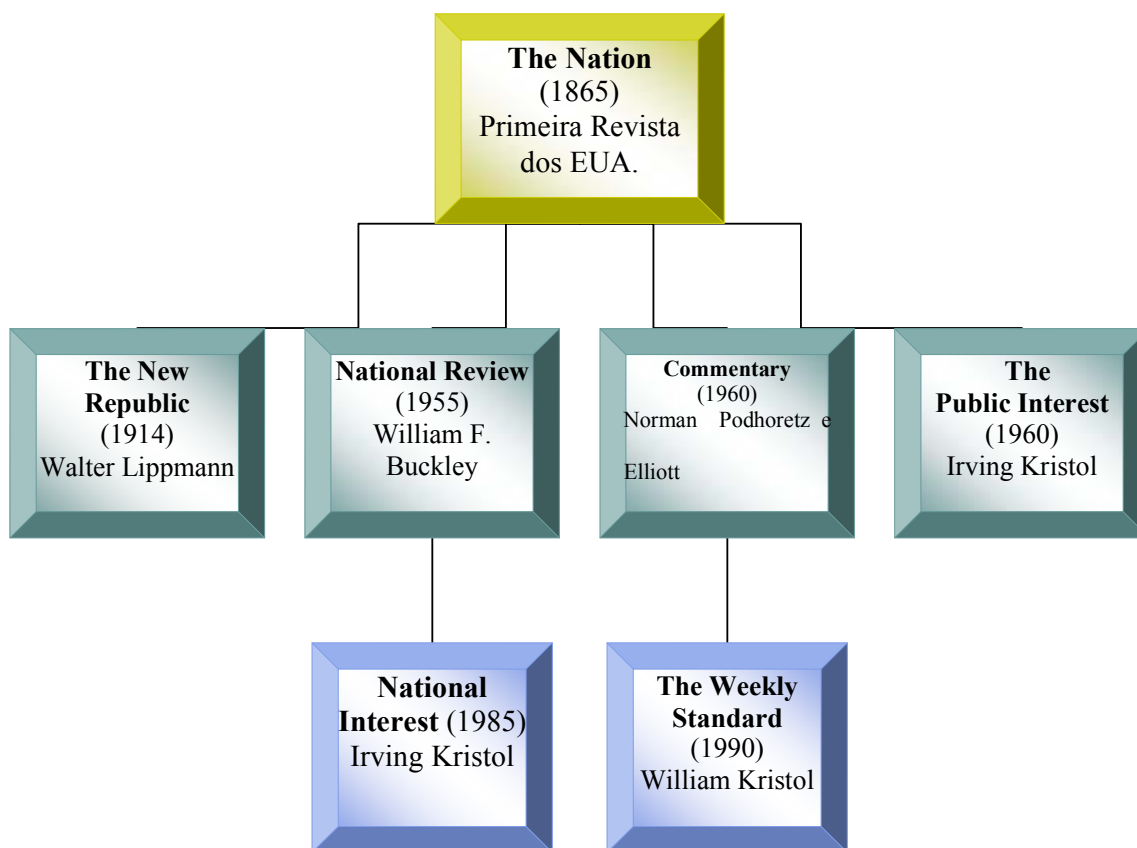
¹²² *The Bradley Legacy: Lynde and Harry Bradley, Their Company, and Their Foundation.* The Lynde and Harry Bradley Foundation, Inc.

Tabela 3 – *Think Tanks* financiados pela Fundação Smith Richardson

Think Tanks financiados pela Smith Richardson Foundation
Council on Foreign Relations
Freedom House
Urban Institute
RAND Corporation
Brookings Institution
American Enterprise Institute
Center for Strategic and International Studies

Fonte: Relatórios da Fundação disponíveis em: <<http://www.srf.org/>>. Acessado em: 20\02\08.

No quadro 16 organizamos as principais publicações neoconservadoras. Destacamos que nossa intenção nesta seção foi demonstrar como este grupo se organizava e qual eram as estratégias de comunicação que utilizavam para transmitirem suas idéias. Nesse sentido, vimos que um dos principais meios de organização e propagação da reflexão elaborada por este grupo de intelectuais são conhecidas como “bancos de cérebros”, isto é, Think Tanks. Institutos de pesquisas que concentram pesquisadores especialistas em diferentes assuntos que podem ser entendidos como essenciais para se pensar os Estados Unidos da América.

Quadro 16- Principais Publicações Neoconservadores

Neste capítulo, propomo-nos fazer um paralelo entre a trajetória do pensamento neoconservador e sua influência nos rumos da política externa dos EUA, tendo como balizas os acontecimentos de 11\09\01 e a Guerra do Iraque de 2003. Para tanto, perpassaremos pela história política dos neoconservadores cujo marco principal foi o governo Reagan. O ponto de chegada será a discussão contemporânea da influência dos neoconservadores no governo George W. Bush. Em relação aos desdobramentos do governo W. Bush, compartilhamos da tese que entende ter ocorrido uma instrumentalização dos atentados terroristas, amplificando o grau de ameaça representado pelo novo grande inimigo, o terrorismo muçulmano, demandando uma nova estratégia de combate que acaba conduzindo o país a um militarismo sem precedentes (BACEVICH, 2005).

1- Ronald Reagan

A base para pensarmos na Nova Direita e o neoconservadorismo é, sem dúvida, o governo Ronald Reagan (1980-1989), momento em que os conservadores se multiplicaram e ao mesmo tempo, se dividiram.

Reagan, um fazendeiro, ator e comentarista esportivo que chegou à presidência pelo partido Republicano aos 69 anos. Sua facilidade de comunicação era reconhecida e expressa desde os tempos em que viajava pelos EUA fazendo propaganda das lâmpadas GE até seus discursos no Congresso como Presidente.

A trajetória de Reagan começa nos anos de 1950, quando militava no partido Democrata, no qual ficou até 1962, ano em que mudou para o partido Republicano e, logo em seguida, engajou-se na campanha conservadora do senador do Arizona, Barry Goldwater (1909-1998). Em 1966, já popular como ator e estabelecido no partido, Reagan foi eleito governador da Califórnia. Seu sucesso e popularidade crescentes o incentivaram a concorrer à presidência, o que teria feito em 1968, caso Nixon não tivesse se antecipado e conquistado a primária republicana. Entre 1968 e 1976 Reagan se fortalece no cenário político como uma opção conservadora. Por isso, não teve grandes dificuldades de vencer as primárias contra Gerald Ford em 1979.

Montada a chapa Ronald Reagan\George H. W. Bush, para as eleições de 1980, os Republicanos enfrentaram e ganharam dos Democratas (que concorreram com a chapa

Carter\Mondale) por uma diferença de oito milhões de votos¹²³. Reagan chega ao poder propondo cortar impostos, repensar os programas estatais de Bem-Estar- Social e fundamentalmente, mudar o status do poder americano na Guerra Fria.

Discursando que o governo, do modo que estava organizado anteriormente não era a solução, mas o problema, Reagan desde o início propôs-se a trabalhar com quatro metas: 1) Cortar impostos; 2) Fazer cortes nos programas de Bem-Estar; 3) Diminuir a interferência do Estado na economia; 4) Mudar os rumos da política externa dos EUA.

A reeleição da chapa Reagan-Bush em 1985 deu-se de forma mais tranqüila. Os Republicanos dessa vez conseguiram 54 milhões de votos contra 35 milhões para a chapa Democrata, composta por Walter Frederick Mondale e Geraldine Anne Ferraro. Se olharmos para os votos no Colégio Eleitoral, Reagan conseguiu 535 votos contra apenas 13 do seu adversário. Dois anos depois, os Republicanos voltaram a controlar o Senado, o que não acontecia desde 1954.

Fortalecido e com ampla sustentação, Reagan colocou em prática sua política de renovação nacional, que ficou mais conhecida como “Reaganomics”. Sustentada principalmente por economistas da Escola de Chicago e do *Think Tank Heritage Foundation*. Dentre as mudanças realizadas ocorreram o corte de impostos, de programas federais e o aumento do orçamento militar. Para Reagan, todos estes fatores eram necessários para atingir uma “paz pela força”, segundo seu lema de campanha, que na prática transformou-se em aumento nos gastos militares. A *Reaganomics* deixou os EUA em grande débito na economia, contudo, sua estratégia de fortalecer política e militarmente aquele país funcionou, conforme atesta Margaret Thatcher: “Ele [Reagan] deixou os EUA mais fortes, maiores do que jamais vimos anteriormente, e nós lhe agradecemos isso” (apud MURRAY, 2006, p. 166).

Com as mudanças governamentais implantadas por Ronald Reagan, podemos dizer que inaugurou-se o caminho que a Nova Direita seguiria desde então até novamente encontrar um nome para o governo que estivesse afinado com seus parâmetros e valores. Podemos dizer que Reagan deixou como legado um perfil mais conservador na Suprema Corte. Em 8 anos ele conseguiu nomear 1\3 dos juízes, também reorganizou a Direita que até então estava num “inevitável declínio” (por não acompanhar as mudanças sociais da época), e possibilitou novas fronteiras para a política externa dos Estados Unidos ao construir as bases para mudanças que aconteceriam posteriormente. Durante o governo Reagan os neoconservadores estiveram presentes tanto em cargos de primeiro e segundo escalão como também no

¹²³ Segundo dados oficiais, foram 43 milhões para Reagan\Bush contra 38 milhões para Carter\Mondale. Cf. Matuz (2005).

Pentágono e no Departamento de Segurança. Pelos *think tanks*, os neoconservadores foram influentes principalmente pelo Heritage Foundation.

2 – De pai para filho: de George H. W. Bush a George W. Bush

Se Reagan era um bom comunicador e um homem simples com traços de uma vida na fazenda, George H. W. Bush chegou a Casa Branca como um político experiente, bem articulado e sobretudo bem formado e preparado em política externa. A eleição de Bush ocorreu na vereda do fenômeno Reagan, que alvoroçou movimentos de base numa atmosfera de ebulição religiosa (principalmente evangélica) e da volta do patriotismo e do orgulho e da crença no poder americano. Bush não era carismático mas tinha um discurso conservador, prometia “não aumentar impostos” e pretendia conduzir os EUA rumo a uma nova ordem mundial. Em seu governo a principal mudança foi justamente os desdobramentos da Guerra Fria seguido do discurso de uma Nova Ordem Mundial.

Na perspectiva dos neoconservadores, o caminho deixado por Reagan foi a pedra fundamental de sua trajetória política. Depois de seu governo, eles tiveram condições de se organizarem e se prepararem para voltarem ao poder em outro momento.

Durante o governo de George H. W. Bush, os neoconservadores não mantiveram a influência que tinham até então, centrando-se na organização de suas idéias e montando uma rede, dentro da “Nova Direita”, de incentivo e de financiamento da “América Conservadora”. Enquanto Republicanos e conservadores tradicionais como Colin Powell, James Baker e Brent Scowcroft ocupavam os principais postos do governo de George H. W. Bush, os neoconservadores e alguns Republicanos ilustres discutiam suas idéias nas redes de *Think Tanks* que apresentamos anteriormente. Propunham, entre outras coisas, uma postura externa mais agressiva, com mais iniciativa; mais gastos militares; mais atenção para os temas da segurança e da defesa e, fundamentalmente, a construção de uma ordem internacional guiada pelos valores dos EUA. Dentre os *Think Tanks* que apresentavam estas propostas destacamos: a PNAC que, em linhas gerais, entende (1) os EUA como uma liderança boa para o mundo; (2) a liderança americana está diretamente relacionada com sua força militar; (3) a necessidade de uma diplomacia mais enérgica e (4) A crença nos princípios morais, entendidos como a necessidade de se estabelecer uma ordem e de buscar segui-la.

Os desdobramentos do fim da Guerra Fria somado a falta de carisma de George H. W. Bush levaram a Casa Branca o democrata William Clinton (1992 – 2000). Clinton foi um marco para a Nova Direita por ser o “inimigo” da segunda geração, liderara por William

Kristol e pelo PNAC. Durante os anos de Clinton a Nova Direita mobilizou-se e preparou-se para voltar ao poder conjuntamente com outro fazendeiro, George W. Bush, novamente um “Bush”. No seu governo a Nova Direita ganhara uma voz inédita, assim como *thinks tanks* como o PNAC.

Do quadro da PNAC, George W. Bush irá buscar posteriormente vários nomes para o gabinete de seu primeiro governo, em 2001, dentre eles Paul Wolfowitz (Defesa), Douglas Feith (Pentágono), James Woolsey, Kenneth Adelman, que trabalharam no governo subordinados a Rumsfeld, Michael Lideen, David Wurmser bem como a Dick Cheney e ao próprio Ronald Rumsfeld. Da AEI, George W. Bush escolheu doze nomes para seu gabinete (cargos de segundo e terceiro escalão), dentre os quais destacamos Richard Perle e Irving Kristol. Com passagem pelo governo e pelo *Hoover Institution* temos Elaine Chao, Kay C. James, Mitch Daniels e Elliott Abrams¹²⁴.

3- Política Externa dos EUA

“American foreign policy may be the most complex subject in the world.” (MEAD, 2005).

Para avançarmos na trajetória política dos neoconservadores nos é caro uma breve abertura para a discussão sobre a política externa dos EUA, razão de ser do pensamento neoconservador.

Há um projeto histórico na política externa dos EUA que podemos considerar pouco variável, trata-se da idéia de construir uma ordem mundial pacífica e democrática com valores comuns e compartilhados num ambiente próspero. Entender a política externa dos Estados Unidos da América requer lidar com um conjunto de elementos. Entre os fatores que influenciam a política externa dos EUA, está o fato das eleições ocorrerem de dois em dois anos (alternadas entre executivo e legislativo), os interesses regionais, bem como as oscilações que possam ocorrer entre Republicanos e Democratas.

A concepção da política externa dos EUA não se limita a documentos, discursos ou, nos termos de Clausewitz (1993), tática (como proceder em batalha), estratégia (racionalização, coordenação militar visando fins e racionalizando meios) e grande estratégia (aplicação do conceito militar para política externa). Os EUA têm um pensamento

¹²⁴ Cf. nosso Capítulo II

messiânico¹²⁵ direcionado sobre a forma de um projeto para pensar o mundo que, por sua vez, envolve não só guerras, mudanças de regimes, mas também questões sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas.

Pensando nessa linha e atentos aos EUA do período pós-Guerra-Fria, percebemos que em certo sentido, estamos lidando com um poder global, que não exatamente tem a necessidade de dominar o mundo. Muito embora, como nos mostra alguns autores (NYE, 2002) a queda ou simplesmente a destruição do poder americano hoje seria ruim para todos.

A política externa dos Estados Unidos da América pode ser entendida pelos termos de Nye (2002), de um jogo entre o *Soft Power*, o poder de convencer os outros daquilo que os EUA querem, e o *Hard Power*, o qual se divide em dois braços sendo um econômico que atrai e repele, e outro militar, que, por sua vez, molda e transforma. Para Mead (2005), *Hard Power* mais *Soft Power* produzem o poder hegemônico que, alimentado pelos valores e pelas idéias dos EUA, conseguiria, pela força, determinar e guiar a agenda internacional. A capacidade de atração da economia americana somada à lógica militar de que, se a supremacia americana for inquestionável, outros pensarão duas vezes antes de concretizar a ameaça, permitem aos EUA sustentarem seu poder pelo Sistema Monetário Internacional e pela idéia de livre comércio. O aspecto militar, nessa lógica, aparece como uma forma de mostrar o poder americano como *inevitável*. Em síntese, no termos de Mead (2005, p.43):

A força militar tem sido parte de uma estratégia maior que combina o poder de moldar, atrair e prender (outras nações) criando assim um novo poder de se relacionar de forma durável e enraizada em instituições fortes. Esta nova estratégia marca os últimos dez anos após a queda da URSS.

Em linhas históricas, podemos delimitar quatro abordagens diferentes para a política externa dos EUA: nacionalista (centrada na economia); internacionalista idealista (centrada no direito internacional e nas organizações internacionais); isolacionista (que busca manter-se distante dos conflitos internacionais) e nacionalista populista (focada na geopolítica e no interesse nacional, às vezes pouco definido). Se pensarmos que os EUA tiveram o tempo necessário para seu amadurecimento em política externa durante a Guerra Fria, é possível dizer que sua política externa contemporânea não segue somente uma linha ideológica e que, apesar do viés internacionalista e idealista que aparentemente ela demonstre ter, o realismo e

¹²⁵ O messianismo americano, vastamente discutido pode, em síntese, ser pensado na idéia dos EUA como a esperança do mundo, com nação exemplar que, por isso poderia guiar as outras nações rumo a um sistema internacional pacífico e próspero para todos.

as linhas gerais do projeto americano não foram plenamente descartados. Nos termos de Pecequillo (2003, p. 240):

O “estilo norte-americano de liderança”, caracterizado pela dupla hegemonia liberal/parceria, permitiu que os EUA não somente construíssem, como sustentassem com o apoio dos seus aliados, a ordem internacional democrática, capitalista e institucionalizada e de caráter cooperativo, identificado como objetivo de sua estratégia.

Nesta leitura, o poder americano poderia ser interpretado como positivo por ser capaz de liderar o mundo, ou como negativo quando se mostra capaz de fazer os EUA quebrarem a cooperação e a multilateralidade das relações internacionais, buscando apenas o domínio pela força militar. Tal oposição pode ser melhor compreendida pelos conceitos de multipolaridade ou hegemonia, sendo a hegemonia, nas palavras de Huntington (1997),¹²⁶ ilusória por não ser aceita por todos; já a multipolaridade, por sua vez, estaria ligado a idéia do mundo dividido em poderes regionais. Segundo Brzezinski (2003)¹²⁷, o melhor quadro para os EUA seriam aquele onde as decisões seriam consensuais mesmo que dominadas pelos EUA. Ainda segundo este autor, o melhor caminho seria o da transição da hegemonia para um mundo liderado pelos americanos e não para o multilateralismo.

Interessaria, neste sentido, aos EUA consolidarem relações com alguns países que podem produzir um equilíbrio regional, como, por exemplo, a Coreia do Sul, a Turquia e o Brasil. Todo interesse que passa pela segurança dos EUA torna-se automaticamente uma questão vital; portanto, desde Roosevelt, o petróleo do Oriente Médio é um interesse vital aos EUA. Por isso a política externa deste está centrada na Eurásia, seja pela relação que esta região tem com a segurança deste país, seja pela questão energética que envolve o petróleo.

Pensando na política externa de George W. Bush, podemos perceber que algumas coisas mudaram em relação à política externa realizada anteriormente pautada pelo equilíbrio de poder e pela ordem bipolar da Guerra Fria. Todavia, alguns pontos permanecem como essenciais, por exemplo, a centralidade do Oriente Médio para a segurança dos EUA e o esforço de evitar que surja no mundo um poder hegemônico hostil aos EUA, marcos da transição pós - Guerra Fria.

As mudanças da política externa de George W. Bush serão apontadas ao longo da nossa dissertação, mas já podemos dizer que o ponto central é a volta, dentro de uma guerra

¹²⁶ Huntington trabalha com a tese de um mundo unimultipolar e defende que os EUA são o primeiro, único e último poder global. Cf. Huntington (1997).

¹²⁷ Brzezinski defende a tese de que a hegemonia americana é ampla, mas não profunda. Cf. Brzezinski (2003).

metafórica como é a Guerra ao Terror, da confiança do governo no poder americano. Esta confiança explica, em parte, o discurso de George W. Bush de 2002, quando ele falou em “eixo do mal” (Coreia do Norte, Irã e Iraque) bem como a estratégia das guerras preventivas e preemptivas utilizadas contra qualquer um que esteja desenvolvendo ou que pretenda desenvolver Armas de Destruição em Massa (ADM).

Os rumos dados por W. Bush à política externa pode ser analisado também a partir de dois marcos históricos e teóricos presentes na história do presidencialismo americano. O legado deixado por Theodore Roosevelt (1901-1909) e por Woodrow Wilson (presidente entre 1913 e 1921). O governo de Wilson tornou-se referência quando se pensa numa comunidade de poder com um quadro mais favorável aos EUA. A partir dele, podemos pensar o poder americano como um espelho que reflete democracia constitucional para o mundo (JUDIS, 2004). Retoma-se a imagem mítica dos EUA como a esperança do mundo e a nação anti-imperialista, capaz de lutar pela liberdade de outros povos pelo fato de em valores como a liberdade e a democracia¹²⁸.

Já Theodore Roosevelt sintetiza a idéia que os EUA não precisam transformar o mundo pela imagem exemplar de si mesmo, mas sim pela suas capacidades industriais, econômicas, militares e culturais superiores ao resto do mundo. As vitórias americanas, nesta perspectiva, seriam fruto não só do exemplo, mas da força e do caráter do povo americano.

Woodrow Wilson era um professor que se acostumou a acreditar no poder e na força da razão¹²⁹. Theodore Roosevelt era um fazendeiro, habituado a caçar, conhecido como *Cowboy of the Dakotas*. Acreditava que, se fosse necessário, os EUA poderiam expandir-se no exterior tal como expandiu no continente americano. Entendia que os EUA poderiam “cuidar da paz mundial” como um xerife que cuida da paz de um vilarejo. Já na perspectiva de Wilson, os EUA poderiam levar e espalhar a democracia e a liberdade para o mundo, tendo como destino, servir a humanidade. Roosevelt era aquele que chamava os amigos para ir a guerra e lutar até vencer; W. Wilson era aquele que acreditava “numa vitória sem vencedores” (JUDIS, 2004).

¹²⁸ Os valores americanos são lidos pelos neoconservadores da mesma forma como W. Wilson (1913-1921), que apresentou seus 14 pontos para a paz mundial, e defendeu no Senado uma política externa para os EUA pautada em valores universais e numa postura internacionalista dentro de uma comunidade de poder. Eis porque muitos aproximam os neoconservadores ao neo-wilsonianos (ou wilsonianos duros), tal aproximação sustenta-se na crença na iniciativa americana, trabalhando num cenário que aceita a idéia de crise, que pode ser permanente, e busca a resolução fundamentalmente pela ação. (MEAD, 2005)

¹²⁹ Segundo Judis (2004), as três principais influências intelectuais de Woodrow Wilson seriam: Edmund Burke, Frederick Jackson e John Bright.

A política externa dos EUA no limiar do século XXI, dialoga com estas duas tradições. Morgenthau, por exemplo, foi um intelectual e político importante para a política externa dos EUA¹³⁰ e era fortemente influenciado pelo pensamento de W. Wilson. Ronald Reagan, por outro lado, nutria uma admiração por Roosevelt. A influência do governo de W. Wilson fez-se presente nas ações desencadeadas pelo governo de Clinton (1993 - 2000), quando este promove a expansão na OMC e da OTAN.

Wilson também foi lembrado no governo de George W. Bush quando em março de 2003, após invadir e ocupar o Iraque, o presidente discursou enfatizando o poder americano de libertar povos e de levar a democracia ao Oriente Médio. Também Colin Powell (Secretário de Estado no primeiro mandato de W. Bush) pode ser considerado um internacionalista wilsoniano.

Com a ascensão dos neoconservadores no governo W. Bush, como por exemplo, Max Boot¹³¹, Thomas Donnelly¹³², William Kristol, Robert Kagan, Charles Krauthammer¹³³ e David Brooks¹³⁴, aumentou-se a crítica ao legado de W. Wilson, entendido por eles como vinculado ao liberalismo dos anos Clinton. Reforçou-se, ainda, o viés “neoimperialista” ou de potência militar imbatível, fruto principalmente do status de “líder em guerra” do presidente George W. Bush após 11\09\01 e fruto das rápidas vitórias declaradas pelos EUA no Afeganistão e no Iraque.

Para George W. Bush os EUA podem transformar o mundo; para W. Wilson, o imperialismo leva a guerra; para os neoconservadores, os EUA podem vencer qualquer guerra, em qualquer lugar contra qualquer inimigo; para Theodore Roosevelt os EUA poderiam ter o papel de balança de poder do Sistema Internacional.

Se, por um lado, os atentados de 11\09\01 projetaram a expectativa no mundo árabe de que os EUA saíam do Oriente Médio, a resposta de George W. Bush foi a guerra. Em seus discursos, W. Bush enfatizava o desafio do momento histórico, afirma que caberia aos EUA

¹³⁰ Morgenthau foi um dos intelectuais centrais do realismo nas Relações Internacionais e uma referência durante as estratégias dos EUA na Guerra Fria

¹³¹ Historiador, nascido em Moscou (1969). Articulista da *The Keekly Standard*, *Los Angeles Times* e *Wall Street Journal*. Nome próximo aos neoconservadores, pesquisador da CFR e da PNAC.

¹³² Pesquisador da PNAC e da AEI, Donnelly tem como tema central a segurança e questões relativas a Defesa e a Operações de Combate.

¹³³ Formado em Ciência Política e Economia, escreve no *Washington Post*, na *Time* e no de *The New Republic*, pesquisador da PNAC, *Nixon Center* e da Foundation for the Defense of Democracies. É comentarista da rede Fox News. No governo George W. Bush trabalhou no conselho de Bioética. Próximo aos neoconservadores, travou um debate público com Fukuyama depois que este escreveu um livro explicando por não mais concordava e nem se considerava um neoconservador.

¹³⁴ Canadense, articulista do *New Iorque Times*, foi editor na *Newsweek* e do *Weekly Standard*. Também já escreveu para revista conservadores como a *National Review*. Brooks tem como principais mentores William Buckley e Milton Friedman. Em 2006, foi professor visitante na Universidade de Duke (Carolina do Norte).

mostrar quem era o mais forte. Nessa resposta americana, o Iraque tornou-se uma peça central, pois se esperava que esse país, ao mudar de regime e se pacificar, seria apenas o primeiro caso de várias mudanças similares que ocorreriam naquela região.

George W. Bush e sua força de sustentação política¹³⁵, que analisaremos neste trabalho, tentaram no vácuo estratégico de uma outra guerra metafórica, a Guerra Fria, repensar e redimensionar o poder americano. A partir de George W. Bush e de sua reação ao 11\09\01, a unipolaridade e a supremacia americana que eram as principais perspectivas de política externa para a pós-Guerra Fria ganharam novas dimensões. Ameaças até então pouco consideradas (como a própria possibilidade de ataque com aviões comerciais sob controle de terroristas suicidas) passaram a ser super dimensionadas.

Os EUA afastaram-se, assim, do direito internacional, passaram a não dar atenção à discussão sobre direitos humanos¹³⁶. Posição perceptível nas ações que aumentou as restrições de entrada e saída de estrangeiros nos EUA, bem como das liberdades civis da sociedade americana. A ideologia formada pela Guerra Fria que durou de 1947 a 1989, passa, com George W. Bush a se imbricar com o paradigma trazido pelo terrorismo muçulmano. O quadro de unipolaridade do Sistema Internacional estava dando espaço à primeira superpotência da história. W. Bush com o afloramento da Guerra ao Terror apostou, respaldado pelos neoconservadores e pela sua base de apoio cristã-conservadora, na segurança militar, reestruturando o Departamento de Defesa, elegendo os Estados do Iraque, Irã e Coréia do Norte como “Eixo do Mal” e dando novo *status* ao terrorismo (agora entendido não como um crime, mas como uma ameaça à segurança nacional) bem como as Armas de Destruição em Massa (um dos motivos de desencadearam a Guerra do Iraque).

A Guerra ao Terror deu a George W. Bush, em seu pico, 70% de aprovação numa guerra entendida como de perfil longo, sem batalhas grandiosas, sem um inimigo com bandeira definida e que, não se rende, exigindo por parte dos EUA paciência no combate e conhecimento maior do mundo e da religião islâmica. Boa parte dos esforços da Guerra ao Terror esta em localizar os terroristas. Esforço que exige investimento em alta tecnologia militar e que, conseqüentemente, torna o combate direto mais raro, isto é, não há troca de tiros, trincheiras ou quartéis-generais terroristas. Para os estadunidenses, os terroristas estão em qualquer lugar e podem agir a qualquer momento. Está sensação de insegurança, serve de apoio às mudanças empreendidas desde Reagan, isto é, o fortalecimento do poder militar e a

¹³⁵ Cf. Seção II, Capítulo IV.

¹³⁶ Segundo Bobbio (2004), direitos humanos pressupõem indivíduos livres e iguais com status paralelo aos Estados no Sistema Internacional.

consolidação, principalmente para o mundo, da imagem dos Estados Unidos da América como um país poderoso. Todavia, essa mesma situação de impotência em relação ao inimigo levou George W. Bush a sua pior aprovação, no segundo mandato, quando 30% da população aprovava seu governo.

4 - Pensamento neoconservador e Política Externa.

"If you ever read a sentence that starts with "neocons believe", there is 99,44% of chance that everything else in that sentence will be untrue."
(DAVID BROOKS, apud BOOT, 2002).

Nesta seção mostraremos o impulso dado por intelectuais e pelas suas respectivas gerações – dentro dos neoconservadores – na influência política dos EUA.

4.1 – O Esforço de Irving Kristol

Irving Kristol foi aquele que mais se esforçou para defender, explicar e argumentar sobre o que seria, ou não seria, o neoconservadorismo. Nesse sentido, sua prioridade foi o embate no âmbito da opinião pública, a partir das seguintes publicações: *Commentary*, *Encounter*, *The National Interest* e *The Public Interest*. Além de Leo Strauss, Kristol reconhece como influência central para os neoconservadores a reflexão de Lionel Trilling (1905 – 1975), professor e escritor de Nova Iorque, além de estudioso de Sigmund Freud e do liberalismo¹³⁷. Kristol foi muito fiel às suas referências acadêmicas, tecendo críticas a *Great Society* de Lyndon Johnson, considerado o grande exemplo das limitações do liberalismo, que, por sinal, o incentivaram a pensar num neoconservadorismo¹³⁸, pois para Kristol “o que há de errado no liberalismo é o liberalismo.” (MURRAY, 2006, p.20).

¹³⁷ A referência a liberalismo é no sentido estadunidense, de esquerda. Para uma discussão filosófica sobre o liberalismo Cf. Leo Strauss, *Liberalismo antigo e moderno*. Ed. Milano. 1979.

¹³⁸ O primeiro que teria usado o termo foi Michael Harrington, veementemente como um insulto. Cf. Stelzer (2004).

Segundo Kristol os problemas da sociedade eram problemas da alma. Nesse sentido foram férteis também seus diálogos com teólogos e straussianos como Reinhold Niebuhr¹³⁹, Michael Novak¹⁴⁰, Mark Gerson e Leon Kass¹⁴¹. Debatendo com a classe média das grandes cidades americanas, principalmente de Nova Iorque e Chicago, suas publicações revolucionaram o conservadorismo americano, centrando-se em dois pontos: a relação entre o niilismo, suas conseqüências e origens na contracultura, e o ataque ao *status quo* conservador que, preso ao liberalismo, não enxergava seus problemas.

Em 1978, depois de um ano como professor na Universidade de Nova Iorque, Irving Kristol lançou o livro *Two Cheers for Capitalism*, que representou para as idéias neoconservadoras uma guinada nas discussões até então focadas na filosofia política, para a política partidária, caminho seguido por Daniel Bell e por Irwin Stelzer. Colocando-se contrárias às idéias e às mudanças sociais dos anos de 1960, principalmente às da contracultura, as publicações de Irving Kristol, antiliberais e com o temor da crescente secularização da sociedade, clamavam por um instinto conservador traído pelos anos sessenta, mas que com clareza moral agiria em nome da coisa certa, ou seja, dos valores mais legítimos (MURRAY, 2006). Nesse sentido é interessante notarmos a admiração de Kristol por Theodor Herzl, jornalista e dramaturgo de Viena, considerado o criador do sionismo político, movimento através do qual conseguiu, pela opinião pública, influenciar o Congresso e, de forma negociada, contudo ativa, criar um estado judeu na Palestina.

O principal inimigo da geração de Kristol, além do niilismo, da secularização e do Estado de Bem-Estar Social que, entendia ser a burocratização de uma boa idéia, era a União Soviética. Tanto para ele como para Podhoretz, a URSS ameaçava o Ocidente mais pelo seu poder de influência intelectual – o Estado de Bem-Estar Social seria um exemplo disso – do que pelas armas ou pelo modo de vida. No embate EUA x URSS, principalmente no momento em que Ronald Reagan, em 1983, discursa sobre um “Império do Mal”, nomes como Jeane Kirkpatrick, Paul Wolfowitz e Richard Perle, que estavam no governo, já se mostravam convencidos de que os EUA saberiam que a melhor solução para o conflito com os soviéticos estaria na ação militar. Essas lições em boa parte saíram dos círculos de Nova Iorque, e Kristol foi um dos co-responsáveis, além de ter sido aquele que abriu muitas portas para

¹³⁹ Teólogo protestante, estudioso da secularização e do protestantismo americano, viveu entre 1892 e 1971 influenciando tanto acadêmicos como políticos em longo de sua vida.

¹⁴⁰ Padre católico, autor de dezenas de livros, pesquisador da AEI e da Fundação Rockefeller, Novak foi embaixador dos EUA na ONU em 1981 e sempre foi um articulista engajado no conservadorismo americano, escrevendo na *National Review*, na *Forbes* e em revistas católicas.

¹⁴¹ Neste sentido é interessante lembrarmos de Heidegger quando nos fala dos homens religiosos que não necessariamente acreditam em Deus.

jovens conservadores que passaram a ocupar postos centrais no processo decisório dos Estados Unidos.

4.2 - A Segunda Geração: e a consolidação da política internacional mediada pela crença no poder militar.

A segunda geração dos neoconservadores foi marcada pelo fim da Guerra Fria e liderada por Charles Krauthammer, Joshua Muravchik e William Kristol (filho de Irving Kristol). A primeira geração organizou-se em Universidades e em publicações nova-iorquinas centradas em *Think Tanks*. Dentre estes destacamos: *The Heritage Foundation* e o *American Enterprise Institute*, tendo este último crescido nos anos de 1970 a ponto de dobrar seu orçamento em 7 anos, indo de 5 milhões em 1970 para 10 milhões em 1977, com presenças importantes como Seymour Martin Lipset (sociólogo com trajetória importante na academia dos EUA, Ben Wattenberg (intelectual, escreveu discursos para Lyndon B. Johnson) Irving Kristol e Joshua Muravchik (intelectual, pesquisador do AEI, escreveu e pesquisou sobre o socialismo) ¹⁴².

Mantendo o espírito de transformar, mais do que preservar a ordem, a segunda geração de neoconservadores reforçou, com a vitória diante dos soviéticos, a tese de que não há, na política internacional, um substituto para o poder, neste caso específico, para o poder militar. Para essa geração “os ideais americanos definem o propósito americano que, por sua vez, é apenas atingido pela superioridade do poder americano” (BACEVICH, 2005, p. 75).

Muravchik trabalhou no Pentágono com Podhoretz nos anos de 1970, William Kristol entrou também para o governo Reagan, trabalhando com William Bennett na pasta de educação, nos anos de 1980, e Krauthammer, eventualmente escrevia discursos para candidatos Democratas nos anos de 1970. Nesta época, fértil para se pensar no poder americano, Krauthammer destacou-se com as teses da unipolaridade e da capacidade americana de criar estabilidade sem precisar, para isso, abdicar de uma postura internacionalista. Em outras palavras, esta geração entendia que paz requer poder e manter a ordem no cenário unilateral requer uma iniciativa internacional forte. Para alguns autores como Bacevich (2005), essas idéias, além de teses neoconservadoras, são também internacionalistas e de viés inspirado em Woodrow Wilson.

¹⁴² Cf. cap. II .

Já nos anos de 1990, a agenda dos neoconservadores tornou-se ainda mais ambiciosa, foi neste momento que William Kristol passou a ganhar destaque, principalmente com a organização do PNAC (*Project for the New American Century*)¹⁴³, em 1997, bem como ao aproximar-se mais do partido Republicano e com os primeiros ensaios de projetos para um futuro governo.

Em síntese, poderíamos dizer que os neoconservadores são intelectuais vindos de uma esquerda anti-soviética, a partir do governo de Ronald Reagan, se consolidam na política como um dos pilares da Nova Direita americana e chegam ao poder colocando suas idéias em prática nas administrações de George W. Bush.

5 - O 11\09\01

O ataque à nossa nação também foi um ataque às idéias que fazem de nós uma nação. Nossa mais profunda convicção nacional é que cada vida é preciosa, porque cada vida é um presente do Criador, que quer que vivamos em liberdade e igualdade. Mais do que qualquer coisa, isto nos separa do inimigo que lutamos. Nós valorizamos a vida. Nossos inimigos não valorizam ninguém, nem mesmo os inocentes, nem mesmo eles próprios. E nós buscaremos a liberdade e a oportunidade que dê sentido e valor à vida.

(George W. Bush em pronunciamento à nação após um ano da data de 11 de setembro de 2001 Apud MARINHO 2006).

“Libertar o Oriente Médio é evitar um outro 11 de setembro.”
(BOOT, 2002).

A reeleição de George W. Bush, em novembro de 2005, produziu na opinião pública internacional, um misto de descrença, decepção e amargura com os sentimentos de medo, pavor e pânico¹⁴⁴. A reeleição foi conquistada pelos Republicanos com grande e decisivo apoio da Direita Cristã e dos neoconservadores. Que já eram conhecidos não só pelos intelectuais que discutiam caminhos para os EUA, mas também conquistavam simpatia da população estadunidense a ponto de serem lembrados em canções de grupos populares como os Rolling Stones¹⁴⁵. Marcavam presença também nos debates políticos dos EUA. Para

¹⁴³ Cf. cap. II.

¹⁴⁴ Entre 2004 e 2006, o anti-americanismo aumentou no mundo, principalmente na Europa. Por outro lado, o patriotismo aumentou nos EUA nesta mesma época e a popularidade do governo W. Bush estava alta dentro dos EUA, mas baixa no exterior. Cf. Pesquisas Gallup e da Pew Research (<http://pewresearch.org/>).

¹⁴⁵ A canção chama-se “Sweet Neo Con” e faz parte do álbum “A Bigger Band”, lançado no início de 2006.

compreendermos melhor esse cenário, onde as idéias neoconservadoras ganham espaço, nos atentaremos aos acontecimentos de 11/09/01.

A relação entre 11\09\01 e os neoconservadores passa, fundamentalmente, pelo “Projeto do Novo Século Americano” desencadeado pelo Think Tank PNAC e pelos trabalhos de Wolfowitz na CIA e no Pentágono quando colabora para a elaboração de documentos centrais para a segurança dos EUA, como por exemplo, o “Reconstruindo as Defesas da América” (2000), no qual as diretrizes da política externa dos EUA para o século XXI foram primariamente esboçadas. Nele previa-se ações mais ostensivas no Oriente Médio e novas formas de combate como guerras preventivas e abertura para ações unilaterais. Discurso que tinha respaldo dos Think Tanks neoconservadores e que produzia eco nos círculos neoconservadores de Nova York e Washington D.C..

Os atentados de 11\09\01¹⁴⁶ aos EUA motivaram ou mesmo, fizeram emergir socialmente, idéias sobre o modo como este país se relaciona com o mundo. Estas, já vinham, há um certo tempo, sendo maturadas desde o governo Reagan. Este cenário favoreceu a ascensão de teses como as colocadas pelos neoconservadores, onde o poder deveria estar associado à potência militar e a imagem que os Estados Unidos da América deveria transmitir para o mundo era a de um país forte em todos os sentidos, isto é, uma potência imbatível. Neste momento, vem à tona a herança de Woodrow Wilson e Theodore Roosevelt, expandir o poder pela guerra torna-se o caminho indica, porque desejado.

Estas idéias foram tomando forma dentro do que ficou conhecido como a guerra contra o terrorismo, este, por sua vez, tornou-se um inimigo invisível, porém onipresente. Tal definição fluída, não por acaso, possibilitou a construção de novas estratégias e novas leituras sobre a guerra. Nesse sentido, conceitos como “guerra preventiva”, ou seja, a guerra que começa com um ataque que visa prevenir o ataque vindo do adversário e que pode também ser entendida como a guerra que viria pelo atacado e, “guerra preemptiva”, isto é, aquela que começa com o ataque que antecede ao ataque imanente ao oponente (MAGNOLI, 2006), são citados, pelos porta-vozes do governo W. Bush, via grande mídia, como soluções necessárias.

O governo George W. Bush, neste contexto com maioria no Congresso, Senado e Suprema Corte, com alta popularidade e ainda, resguardado por documentos e visões de especialistas próximos aos Republicanos e aos neoconservadores, entra em guerra primeiro contra o Afeganistão, depois contra o Iraque. Peter Demant (2005, p.35), historiador

¹⁴⁶ Em 11\09\01 aviões comerciais foram seqüestrados por terroristas e usados como instrumento de ataque em território estadunidense. Dois aviões se chocaram contra as Torres do WTC, um contra o Pentágono e um terceiro caiu na Filadélfia.

especialista em Oriente Médio, ajuda-nos a sintetizar a relação presente entre a ascensão de George W. Bush, os neoconservadores, o 11\09\01 e a “guerra ao terrorismo”:

Desde 11\09\01 a administração Bush vem seguindo uma política externa que associa uma agenda neoconservadora mais ativista ao egoísmo de grande potência estadocentrista tradicional, e que abertamente espera restaurar o predomínio norte-americano além de “convencer” algumas das populações mundiais mais problemáticas aos “valores americanos” e, assim, gradualmente neutralizar as raízes sociais do islamismo violento. Isto resultou em duas grandes guerras por enquanto, assim como uma série de guerras menores com Al Qaeda e grupos associados.

Outros autores de tradição marxista como David Harvey (2004), vão entender este momento da história dos EUA como um rearranjo espaço-temporal, nos termos de Harvey, onde, os EUA estariam rumo a um imperialismo somente sustentado pela força militar e com uma política cujo foco verdadeiro estaria na mudança de regime [dos regimes ditatoriais e totalitários para a democracia liberal ocidental]. O pós 11\09\01, nessa perspectiva, seria uma ação unilateral por parte dos EUA para, fundamentalmente, reorganizar o Oriente Médio, alimentando as necessidades energéticas e as do capital que sustentariam a hegemonia americana.

Ainda sobre tal fato, Willian Kristol (2005), entende que os EUA entraram numa “longa guerra” contra o radicalismo islâmico. Não se trata de intervir no Oriente Médio buscando negócios ou petróleo, mas de afastar tiranos e ditadores que são inimigos da democracia liberal e querem atacar ou enfraquecer os EUA. Para esse intelectual, este seria o momento em que os Estados Unidos da América estaria diante da possibilidade de enfrentamento de “grandes desafios” diante de um “mundo perigoso”.

Podemos, partindo do diagnóstico desse autor, pensar em algumas das características que encontramos em boa parte da “visão de mundo” dos neoconservadores. Podemos perceber três pontos centrais que norteiam o pensamento e ação destes, quando vêem que os EUA estão em perigo e elaboram um diagnóstico pessimista quanto a este fato e uma solução de caráter radical. Pontos que passam pela reflexão sobre a necessidade de ação unilateral e de uma superioridade militar inquestionável. Não seria incoerente dizer que este mundo imaginado pelos neoconservadores: de ameaças, medos, perigos, ditadores e tiranos pode ser visto como o mundo hobbesiano.

Ainda devemos entender que o foco em “Armas de Destruição em Massa” presente no pensamento neoconservador é de longa data, desde os anos da Guerra Fria. Wolfowitz por exemplo, participou do projeto antibalístico do governo Nixon (1969), arquitetado por outro

neoconservador, Albert Wohlstetter, cuja principal preocupação era com a “vulnerabilidade americana” e com os riscos de uma “guerra nuclear”.

Portanto, o quadro que mostramos até aqui para a política externa dos EUA após 11\09\01, também chamada de “Doutrina Bush”, produziu, no sistema internacional, uma onda crescente de unilateralismo. ,Onde houve um afastamento da idéia de balanço de poder, bem como da ONU e dos tratados antimísseis. O que deu nova força ao governo Bush, para por em prática estratégias de preempção, re-valorizando o nacionalismo sempre iminente. Os primeiros sucessos nas frentes de batalha do Afeganistão e do Iraque produziram a sensação que, daquele ponto em diante os EUA avançariam por todo o Oriente Médio, agindo em diferentes frentes de batalha se fosse preciso. Este quadro é, ao mesmo tempo, favorável aos neoconservadores e a George W. Bush no plano doméstico, pois conseguiu construir uma imagem de governo forte e, no plano internacional produziu a impressão de uma nação perigosa.

É possível perceber o impacto destas mudanças em pesquisas de opinião feitas em vários países do mundo, que mostram os EUA como a nação mais perigosa e George W. Bush como símbolo das manifestações anti-EUA e anti-guerra. No plano doméstico, a resposta dele ao terrorismo criou uma imagem de superioridade e de independência em relação ao mundo, ou seja, de uma nação mais rica e capaz de vencer qualquer guerra, mas também aquela que possibilita um modo de vida confortável sendo modelo de sociedade justa, dinâmica, com energia e ambição que, por isso, não precisaria “do resto do mundo”, em síntese: “mais civilizada que o resto” e, portanto com legitimidade para agir¹⁴⁷. Estas afirmações estiveram presentes nos discursos de George W. Bush (MARINHO, 2006) e na percepção internacional em relação aos EUA (PRESTOWITZ, 2004).

Entre o 11\09\01 e o segundo mandato de George W. Bush (2004-2008), Osama Bin Laden – o suposto terrorista mentor dos atentados de 11\09\01 – pode ser entendido como aquele que estaria apontando para a hipocrisia americana, já que conseguiu, diante de tanta “superioridade”, gerar impotência. Nos termos de Imanuel Wallerstein (p. 69, 2002b): “[...] neste sentido, que as Torres Gêmeas constituem uma metáfora perfeita. Elas apontavam para aspirações ilimitadas, anunciavam grandes feitos tecnológicos, eram um luzeiro para o mundo”.

¹⁴⁷ Novas diretrizes para a segurança doméstica foram estabelecidas. Michael Chertoff, então responsável por esta área produziu entre outros documentos, o USA PATRIOTIC ACT, responsável por restringir direitos individuais e estabelecer novas táticas e políticas para a investigação policial doméstica.

6 - A Guerra do Iraque: afirmação das idéias neoconservadoras.

“The Republican and Democratic parties may not be identical but they produce nearly identical results.”

(BACEVICH, 2005).

Alguns nesta Casa e em nosso país não apoiaram a libertação do Iraque. Objeções à guerra muitas vezes decorrem de razões de princípios. Mas vamos ser honestos sobre as conseqüências de deixar Saddam Hussein no poder. O Relatório Kay já identificou várias atividades de programas relacionados com armas de destruição em massa e quantidades significativas de equipamentos que o Iraque escondeu das Nações Unidas. Se não tivéssemos agido, os programas de armas de destruição em massa do ditador teriam continuado até os dias de hoje. Se não tivéssemos agido, as resoluções do Conselho de Segurança sobre o Iraque teriam se revelado ameaças vazias, enfraquecendo as Nações Unidas e encorajando a afronta dos ditadores em todo o mundo. As câmaras de tortura do Iraque ainda estariam cheias de vítimas, aterrorizadas e inocentes.

(George W. Bush em seu discurso sobre o Estado da União em 20\01\2004).

Qual a importância da Guerra do Iraque para pensarmos na influência dos neoconservadores? Uma possível derrota, uma guerra civil no Iraque ou uma saída antecipada das tropas americanas deste país, indicaria uma derrocada da “política externa neoconservadora”? O que podemos afirmar é que as ações das forças armadas dos EUA no Afeganistão (ocorridas em 2002) e Iraque (ocorrida em 2003) levaram aos holofotes um subgrupo do movimento conservador americano, os neoconservadores. Nomes como Francis Fukuyama, William Kristol, Norman Podhoretz e, principalmente Paul Wolfowitz foram acusados pela mídia de convencerem Republicanos como Dick Cheney, Donald Rumsfeld e o próprio presidente George W. Bush de uma guerra que eles já planejavam antes de 11\09\01.¹⁴⁸

Após 11\09\01 os EUA declaram guerra ao terrorismo, uma guerra que poderia ser longa e que atingiria todos os grupos terroristas em alcance global. Nos termos Velasco e Cruz, (2005, p. 258), “[a promessa foi que] não haverá sossego enquanto Estados tirânicos continuarem oprimindo seus povos e ameaçando a paz mundial”. George W. Bush estaria, portanto, agindo no Iraque dentro de sua doutrina já presente em discursos que proferiu na

¹⁴⁸ Segundo relatos de assessores e referências compiladas por Judis (2004), Rumsfeld falou do Iraque na primeira reunião do gabinete de George W. Bush. E na primeira reunião após os ataques de 11\09\01, Paul Wolfowitz teria também falado do Iraque.

ocasião de sua posse, em 29\01\01 onde eram fortes os termos como: “eixo do mal”, “guerra preventiva” e “primazia” dos EUA. Portanto, a motivação para a Guerra do Iraque se insere numa nova postura estratégica que, segundo Velasco e Cruz (2005, p. 261), revela, por parte dos EUA, “uma disposição fãustica de remover obstáculos à realização de seus objetivos, mesmo ao preço de romper o equilíbrio ténue em regiões críticas”.

Com a guerra do Iraque, os EUA almejavam aumentar seu poder militar, todavia, colocaram em xeque sua capacidade de liderança¹⁴⁹. Exemplo disso pode ser encontrado na Europa, quando esta, mesmo sem o aval da ONU, se opõe à investida americana no Iraque o que sinaliza, por sua vez, uma oposição ao interesse americano em matéria de poder e decisão. A liderança americana entendida pelo Departamento de Estado como assentada na democracia, na lei, na paz e nos mercados livres e abertos e, alimentada pelo *soft power* (a cultura, ideologia e as instituições), sofreu nesse processo, um grande abalo.

Para alguns analistas próximos aos neoconservadores, este é o preço tanto da guerra como da vocação americana e, mesmo assim, os EUA continuaram com a imagem de esperança do mundo (MURRAY, 2006). George W. Bush sinaliza para tal interpretação quando faz referência ao “chamado divino” (no discurso do Estado da União de 2004), ou seja, com os acontecimentos de 11\09\01 os EUA estariam mais próximos do ideal de nação que cultivam, do que realmente vivem (KAGAN, 2003). Na leitura neoconservadora, a verdadeira lição do 11\09\01, que também explica a guerra do Iraque, é que os Estados Unidos da América precisam partir e, mais que isto, permanecer na ofensiva. Esta visão, também presente na Casa Branca, serviu como legitimadora das guerras do Afeganistão e do Iraque.

Segundo Michel Hardt (2002) e Victor Davis Hanson (2006b), pode-se chamar de guerras pós-modernas os conflitos com poucas ou nenhuma baixa, com uso de armas inteligentes, uso da robótica em combate, feita no campo virtual e a distâncias seguras, com operações com alto poder de destruição e que teriam êxito total em um curto período de tempo. Este estilo de fazer guerra marcaria o século XXI e seria imaginada principalmente, por países que teriam domínio da tecnologia necessária¹⁵⁰.

Podemos entender que os EUA teriam condições de fazer uma guerra deste porte. Contudo, ao contrário do esperado, a Guerra do Iraque tem sido uma guerra tradicional e não “pós-moderna”. Tendo em vista que o exército profissional dos EUA, em 18 meses sofreu mil

¹⁴⁹ Quando pensamos no poder americano, estamos pensando na força militar dos EUA frente a seus adversários. Quando pensamos na liderança americana pensamos na capacidade da nação de atrair e convencer outras nações mostrando um caminho satisfatório, não só para os EUA, como para todo o Sistema Internacional.

¹⁵⁰ Cf. HANSON (2006a).

baixas; o segundo milhar de mortos ocorreu num intervalo menor de tempo – quatorze meses – e o número de iraquianos mortos, nesse período, passou de trinta mil¹⁵¹. Com a guerra se estendendo por muito tempo, considerando-se como primeira guerra a investida de 1991, podemos contabilizar que as tropas americanas estão no Iraque há mais de quinze anos.¹⁵² Os turnos de combate passam a se repetir aumentando, a cada turno, os riscos de morte. Segundo o jornalista James Dao (2005), “um em cada cinco militares americanos mortos estava cumprindo seu segundo, terceiro, quarto ou quinto turno de serviço no Iraque ou no Afeganistão”.

Victor Davis Hanson (2006a), historiador militar, helenista e próximo à Casa Branca e aos neoconservadores, mostra que a situação do Iraque é normal como qualquer situação de guerra, não aceita a tese de uma “guerra pós-moderna”. Para este autor, os escândalos de tortura nas prisões americanas no Iraque, os ataques suicidas, o grande número de mortos e as crescentes manifestações anti-guerra seriam comuns na história militar. Hanson (2006b), ainda argumenta que em qualquer guerra é de se esperar falhas de inteligência, mas todas as falhas e baixas de uma potência em guerra, não devem ser motivo para sua retirada. Ainda conclui que a situação do Iraque, hoje, não apresenta nada de chocante e, para que a guerra chegue ao fim, é preciso que uma das partes vença. As guerras, segundo esse autor, são necessárias porque historicamente derrotaram o “mal” (como exemplo, o historiador cita o nazismo, o fascismo e o totalitarismo soviético). Analisando os três anos da segunda guerra do Iraque, Hanson (2006a), nos mostra como a operação foi bem sucedida quando comparada aos anos de patrulhamento aéreo ou às políticas guiadas pela ONU para o Iraque. O historiador prevê grandes gastos para o pós-guerra como sendo o único caminho para um governo iraquiano estável e livre. Para ele, a ação militar é uma opção política, e no caso dos EUA, exige sacrifícios. Como podemos ver, e notória a influência das idéias neoconservadoras neste discurso.

Para Normam Podhoretz (apud MORAIS, 2005), o Iraque era uma ameaça indiscutível não só para os EUA como para o mundo. As Armas de Destruição em Massa (ADM) não eram a única nem a principal razão para a ação. O ponto central seria a guerra proclamada ao fascismo islâmico, o que, na leitura deste autor, representaria um “monstro de duas cabeças” (uma cabeça fascista e outra islâmica) que caberia aos EUA derrotar. Sobre a situação no Iraque, Podhoretz ainda conclui; “Em termos históricos, a perda de pouco mais de dois mil americanos não é tão dramática” (apud MORAIS, 2005).

¹⁵¹ Cf. gráficos 1 e 2 deste capítulo.

¹⁵² Considerando desde a primeira operação no Iraque, em janeiro de 1991.

Muitos neoconservadores, como Podhoretz, acreditavam que ocorreria um efeito dominó no Oriente Médio, isto é, derrotando o Iraque outros países “terroristas” cairiam. O que não aconteceu. Todavia, acreditam que é preciso esperar pelos resultados tanto da intervenção americana como do novo governo no Iraque. Enquanto isso não se concretiza, acirram-se os ânimos para uma possível operação no Irã, mostrando que Iraque e Afeganistão não são exceções, mas o quadro “normal” que a “nova” política externa encabeçada por George W. Bush pretende realizar.

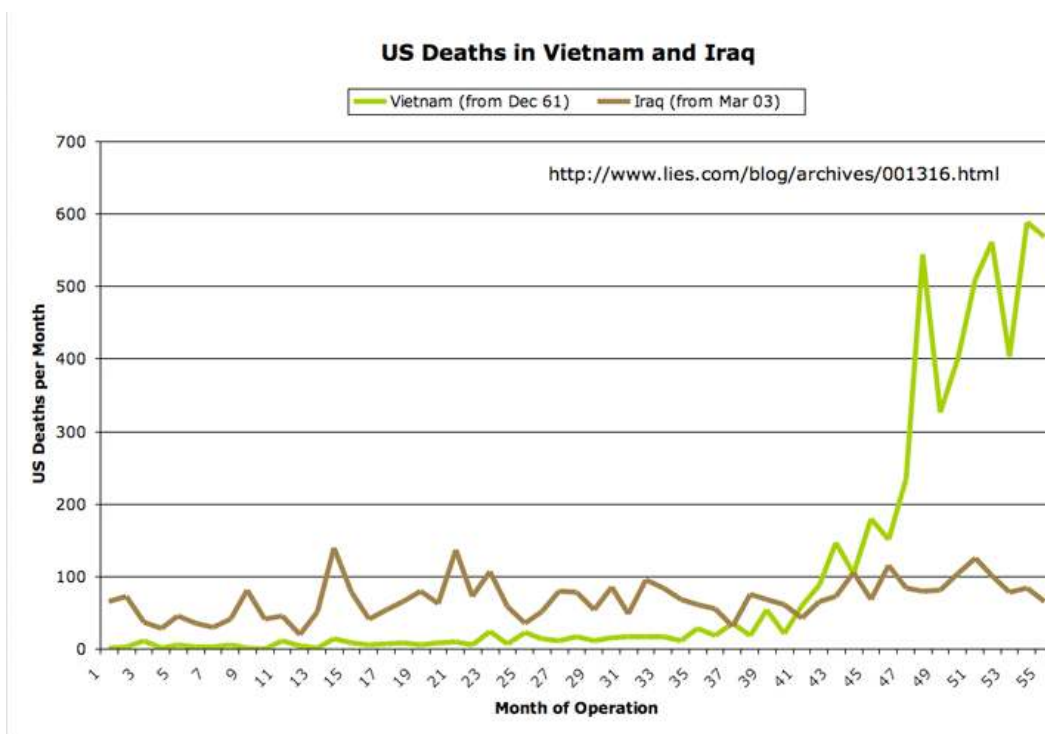
Essa “nova política externa”, que aqui chamamos de “neoconservadora”, tira a importância dos Estados e transferindo-a para grupos subnacionais, como a *Al Qaeda*¹⁵³. As negociações propostas pela ONU não passam por centros de decisão, fazendo com que a diplomacia perca espaço para as forças armadas. Neste quadro, a Guerra do Iraque pode ser lida tanto como projeto de poder, entendido como formas de manter a unipolaridade, quanto como estratégia de ação na política externa dos EUA visando a implementação do tipo de poder americano concebido pelos neoconservadores.

O balanço que podemos fazer da Guerra do Iraque sinaliza para um novo momento dos EUA no Oriente Médio, cujos desafios além de recuperar a influência na região, estendem-se cada vez mais para a Ásia. Num quadro onde, por um lado, o Irã se fortalece e por outro, a China se consolida. Entendemos que para o Iraque, esta guerra produziu um Estado falido, anti-americano, dominado por milícias e com o Islã ocupando o espaço que já foi da Liga Árabe. O que faz-nos pensar se só a força militar e a democracia bastariam para “libertar” ou “pacificar” esta região. De nosso ponto de vista, seria possível uma mudança favorável para o quadro do Iraque se, na negociação com os Estados Unidos, fossem mobilizados outros países, como por exemplo, a Turquia, Arábia Saudita, Irã e Síria. Dessa forma, entendemos que se poderia avançar na discussão da paz nesta região que historicamente foi (e é) tão castigada pela guerra e pela cobiça das grandes potências.

A seguir, apresentamos dois gráficos que nos auxilia a entender o *status* da Guerra do Iraque e o peso que está tem na sociedade americana, questões centrais para entendermos a aceitação das idéias neoconservadoras durante este conflito.

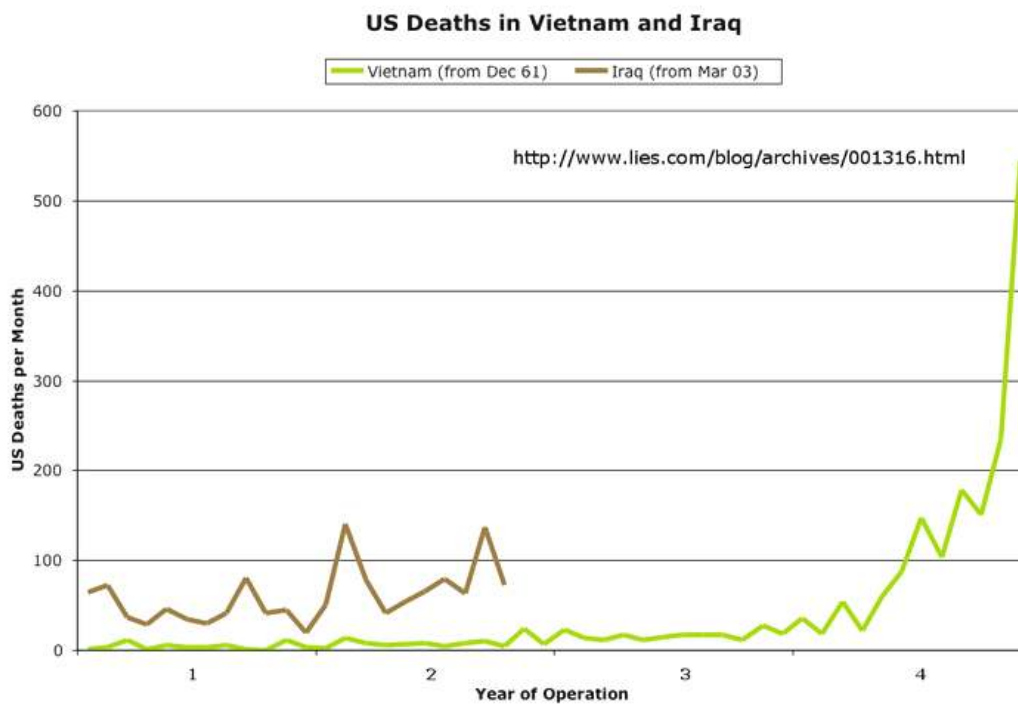
¹⁵³ Apesar da al Qaeda não ter nação e ser o mote da Guerra ao Terror, os neoconservadores também trabalham com as ameaças estatais. Os principais exemplos seriam o caso da China e da Rússia. A primeira pelo crescente domínio em regiões estratégicas da Ásia, atraindo aliados tradicionais dos EUA como o Japão e a Coreia do Sul, bem como seu crescente interesse na recuperação e no desenvolvimento do continente Africano, fornecedor de petróleo e matérias primas para a China. E no caso da Rússia, preocupa a volta do nacionalismo, da falta de democracia e a crescente cooperação militar com a China.

Gráfico 1 – Comparação entre as guerras do Vietnã e do Iraque quanto às baixas americanas em combate por mês.



Fonte: Cnn.com; lies.com e Departamento de Defesa (2007).

Gráfico 2 – Comparação entre as guerras do Vietnã e do Iraque quanto às baixas americanas em combate por ano.



Fonte: Cnn.com.; lies.com e Departamento de Defesa (2007)

Os gráficos 1 e 2 fazem comparação entre a guerra do Vietnã, nos anos de 1960, com a guerra do Iraque no começo do século XXI. Esta comparação é comumente empregada pela mídia, comprando o status de poder dos EUA no limiar do século XXI com o contexto dos anos de 1960. Também, costuma-se comprar Iraque com Vietnã para se discutir o status da guerra, tendo como referência central o número de mortos em conflito. Argumenta-se que Iraque e Vietnã seriam símbolos da decadência americana ou ainda que o Iraque seria o baluarte das Guerras pós-modernas. Da nossa perspectiva, estes gráficos nos ajudam a entender o pensamento neoconservador, objetivo deste trabalho, para o qual a Guerra do Iraque foi central como resposta ao 11\09\01.

7 - Uma aproximação à visão de mundo neoconservadora.

7.1 – Unipolaridade

“Unipolarity is here, but it will not last long.” (KUPCHAN, 2002, p. 17).

Pensando no conceito de unipolaridade, uma leitura possível é aquela que acredita ser a hegemonia americana benevolente e capaz de sustentar-se. A esta, identificaremos como neoconservadora. Outra leitura é aquela que transita, pois sofre influência, pelas correntes teóricas do realismo e do neo-realismo. Por sua vez, esta não acredita na sustentabilidade a médio-longo prazo da hegemonia americana (ou do momento unipolar do Sistema Internacional).

Os argumentos daqueles que não acreditam na sustentação da unipolaridade americana pautam-se pela máxima histórica, segunda a qual “todo império perecerá”, dessa forma, tentam pensar a vida depois da “*Pax Americana*”. Para os neoconservadores, o foco está em trabalhar para a construção do “Século Americano”, projeto que segundo entendem, está em andamento.

Para autores que não confiam nas pretensões imperiais dos EUA, como por exemplo, Charles A. Kupchan (2002) e Joseph Nye (2002), os EUA, hoje, maior potência do mundo, estão investindo no unilateralismo, declinando seu viés internacionalista e acreditando que ameaças como “Osama Bin Laden” são mais importantes do que uma possível volta das rivalidades geopolíticas. Tal postura alimenta, a médio e longo prazo, situações controláveis e cada vez mais favoráveis aos americanos. Os EUA teriam um discurso de “manter a ordem mundial” e uma prática cada vez mais impaciente e, sem tática militar ou política. Tendo poder, mas sem estratégia, os EUA estariam lançados à própria sorte, podendo sofrer as consequências disso¹⁵⁴. O erro americano, para esses autores, estaria em não perceber que a segurança doméstica e o comprometimento exterior andam juntos. Já para os neoconservadores, uma postura mais plural e multilateral na esfera internacional acarretaria em fracasso político.

Para os críticos da unipolaridade caberia aos EUA abandonar o arriscado plano atual de “jogar com as próprias regras”, e passar a adotar uma postura mais pluralista e

¹⁵⁴ Nye (2002), mostra pela metáfora do jogo de xadrez, jogo tradicionalmente associado à política internacional, que os EUA devem entender que o tabuleiro atual é tridimensional, onde eles são hegemônicos apenas numa dimensão (a militar), mas não nas outras duas (comercial e cultural).

internacionalista, dialogando com outras nações e resgatando a discussão de política externa, hoje centralizada nos *Think Tanks* que assessoram políticos e o governo. A política externa (deve ser o) tema por excelência do Congresso.

Defendendo uma postura mais moderada, Zbigniew Brzezinski (2003) confronta os EUA diante de uma estabilidade global e defende que a nação hoje mais poderosa do mundo encontra-se num paradoxo: a escolha entre liderar ou dominar. Ou seja, caminhar para a dominação mundial até acabar com toda e qualquer força hostil ao poder americano, ou escolher o caminho da liderança, onde os EUA seriam a nação mais importante, porque influente, do sistema internacional.

Ao contrário dos grandes impérios do passado, invioláveis aos inimigos externos, como vimos, a situação dos EUA é bem diferente, visto os acontecimentos de 11\09\01. Ser o poder dominante implica numa hegemonia que não traz garantia de segurança.

Para os neoconservadores o caminho tem sido relacionar a segurança interna com a global, num modo de agir ao mesmo tempo pragmático, realista e idealista. Para autores (NEGRI, 2001), com outro ponto de vista, esta postura levaria a um quadro de crise da soberania. Soberania entendida no seu sentido clássica: como o mecanismo, o instrumento que garante a segurança de certo território sob certo governo. Uma outra consequência desta possível crise estaria no fato de as guerras que os EUA fomentava, no plano exterior, agora podem ser trazidas para dentro deste país. Em outras palavras, a nação americana não está mais livre das guerras e hoje mais do que nunca, a segurança dos EUA depende de seus antagonistas. Entre os principais riscos que analistas internacionais (KUPCHAN, 2002) apontam para a ordem unipolar destaca-se os desdobramentos da China como uma potência mundial, e o aumento das agressividades em conflitos locais como, por exemplo, no Paquistão e na Palestina.

7.2 – Soft e Hard Power: Europa e EUA.

As conseqüências da Guerra do Iraque no começo do segundo mandato de W. Bush foram várias, dentre elas destacamos as mudanças nas relações entre EUA e a Europa. A substituição de Colin Powell por Condolezza Rice à frente da secretaria de Estado, em si, pouco muda nessa relação, mas a viagem tanto de Rice¹⁵⁵ como de Bush à Europa (no começo de seu segundo mandato), pode ser entendida como um sinal de mudança importante. Nessa visita Bush falou pouco do Iraque e muito do “Oriente Médio”, sinalizando para um reconhecimento do papel da Europa na agenda de segurança global.

Para alguns analistas como, por exemplo, Joseph S. Nye Jr. e Robert Kagan¹⁵⁶ – este fez carreira no departamento de Estado onde trabalhou entre 1984 e 1988 e é pesquisador do AEI; aquele foi presidente do Conselho Nacional de Inteligência e vice-secretário de Defesa, ambos no governo Clinton – a União Européia vive à sombra do poder militar americano (KAGAN, 2003).

Nye (2002), irá argumentar que apesar de os EUA atingirem um *status* de poder insuperável e historicamente inédito, é fundamental pensar uma política externa para nortear esse poder e que ele não seja somente o isolacionismo ou o *hard power* (poder duro), que apenas alimentam a visão dos EUA como os “vilões do mundo”. O poder, para Nye, é entendido como inseparável da concepção de perigo. Dessa forma, o norte para a política externa americana, em linhas gerais, estaria na boa dosagem entre o *hard power* – a força militar, além da capacidade de ação, de mobilização, de precisão e de inteligência – e o *soft power* (poder brando) – ou seja, o poder de atração ideológica e de atração cultural: a mídia, o cinema, a moda, o comportamento, em suma, tudo aquilo que o *american way of life* pode sintetizar como um comportamento pautado em valores como a democracia, a liberdade, a justiça e as grandes possibilidades. Nye (2002) aponta que, para uma liderança duradoura, os EUA devem estabelecer o diálogo com seus liderados e devem buscar a cooperação, em detrimento do desejo isolacionista.

Se “a potência americana não há de ser eterna” (NYE, 2002, p. 22), não bastam boas intenções, valores e capacidade de ação para a hegemonia norte-americana ser benévola. Nesse sentido, o multilateralismo traz grandes vantagens, como aponta este autor, pode ser

¹⁵⁵ Rice assumiu declarando, entre outras coisas, que “As metas de democracia podem parecer muito distantes para a Bolívia, o Equador e talvez para outros países. Mas construir uma democracia vibrante leva tempo. Não percam as esperanças. Não desistam. Não retrocedam agora.” Em entrevista a Folha de S. Paulo, em 28 de abril de 2005 Rice também tem falado numa “transformational diplomacy” com uma forte dose de “soft power”.

¹⁵⁶ Ambos também são ligados a Think Tanks próximos aos neoconservadores e ao governo de Washington.

um caminho para enfrentar desafios como o terrorismo conservando o poder duro, e expandindo o poder brando. Combinando poder brando e poder duro é possível que os EUA consigam defender seus interesses nacionais bem como os globais, atingindo a meta de “viver num mundo seguro”.

Já Kagan (2003), enfatiza sua posição logo nas linhas iniciais de sua obra *Do Paraíso e do Poder*, no famoso trecho onde considera os EUA como sendo de Marte e a Europa, de Vênus. Para este autor, a Europa, com seus mais de 500 milhões de habitantes e com cerca de 25% do PIB mundial, não prioriza a segurança, não investe no discurso de potência, acreditando ter mais peso a democracia interna conseguida pela “União Européia” do que os gastos militares. Ou seja, no entendimento deste autor, a Europa pretende “ir além do poder”. O pesquisador do AEI carrega no pensamento dicotômico, não só em termos de “Marte x Vênus” ou “poder duro x poder brando”, como também em “Hobbes x Kant”, visão na qual os EUA viveriam num mundo hobbesiano, onde o homem é desconfiado e “lobo do homem”, enquanto os europeus viveriam no mundo da razão, do esclarecimento, do governo mundial e da “paz perpétua”. Kagan (2003), caracteriza os EUA como uma nação com pouca paciência para a diplomacia e que muitas vezes pensa suas políticas sob a lógica do “bem x mal”, de “amigos x inimigos”, que prefere a coerção à sanção e o castigo à persuasão.

Ainda para este autor, os EUA olhariam para o mundo com olhos de quem precisa resolver problemas, eliminar ameaças, com uma tradição de “desejo de poder” já presente nos “pais fundadores”¹⁵⁷, cuja lógica deve ser uma vez poderoso, agir como “poderoso”. Neste quadro, o ideal seria uma Europa com capacidade militar eficiente, mas sob o controle da OTAN.

Entendemos que a importância da OTAN¹⁵⁸ foi um dos motivos que levou W. Bush visitar a Europa no início de seu segundo mandato. Todavia, para líderes europeus como o então chanceler da Alemanha, Gerhard Schröder (1998–2005), a OTAN já não é o principal canal estratégico de comunicação entre Europa e EUA, o que para os EUA seriam um erro de raciocínio. Como George W. Bush, Kagan entende a Europa como uma força “delicada e requintada”, sutil, dissimulada, tolerante e paciente que tende a reagir de forma pacífica,

¹⁵⁷ São eles: George Washington, (1789-1797), Alexander Hamilton, John Adams (1797-1801) e Thomas Jefferson (1801-1809).

¹⁵⁸ A OTAN com o término da Guerra Fria vem sofrendo uma série de modificações e redefinições. Ela nasce em 1949 num contexto de preocupação com a segurança coletiva dentro da política de contenção, operando na lógica do “estando um país membro ameaçado, todos os países membros estão ameaçados”, além do desafio de manter a Alemanha daquela época integrada à Europa. A partir de 1991, surge um novo conceito estratégico marcado pelo fim da ameaça soviética e por uma nova lógica de ação, agora pautada pelo caráter preventivo, buscando produzir estabilidade. A OTAN vê-se frente a questões humanitárias e de direitos humanos, trabalhando crises humanitárias como foi a Guerra dos Balcãs no início do século XXI.

buscando sempre a negociação e a diplomacia, sendo persuasiva e recusando-se a usar a força, focando-se mais nos processos do que nos resultados. Desse modo, como podemos interpretar a visita de a visita de Bush à Europa? Será que ele pretende que os europeus sejam mais parecidos como os americanos? Ou será que ele se sente mais fragilizado e agora busca ouvir mais as “vozes de Bruxelas”? Se voltarmos à discussão de Kagan (2003), veremos que EUA e Europa são fundamentalmente diferentes, todavia, quando pensamos na discussão de Nye (2002), podemos entender que os EUA não podem continuar sozinhos. Com certeza, Bush foi à Europa com o propósito de trazer os europeus para a agenda de segurança internacional dos EUA.

Essa agenda de segurança hoje tem quatro grandes preocupações: possíveis ameaças estrangeiras (principalmente vindas da Ásia e do Oriente Médio); a proliferação das armas de destruição em massa (que motivaram a invasão do Iraque); o terrorismo (principalmente depois de 11\09\01) e os “Estados Delinquentes” (que também aparecem na Doutrina Bush, como “eixo do mal”). Já para a Europa, as preocupações estão direcionadas à: conflitos étnicos, migração, crime organizado, pobreza e degradação ambiental. Kagan sintetiza essa diferença de agenda dizendo que os europeus pensam em *questões* enquanto os americanos, em *ameaças*. É o autor quem nos mostra que:

Os norte-americanos reconhecem mais rapidamente a existência de ameaças, chegando a percebê-las onde outros talvez não percebam nenhuma, pois conseguem imaginar meios de enfrentar tais ameaças (KAGAN, 2003, p. 36).

A agenda estadunidense tem uma forte influência neoconservadora e não deve ser entendida somente como um “contra-ataque” de uma nação violentada ou como uma política de governo “Republicano-texana”, como grande parte da imprensa costuma retratar. Há ainda aqueles que vêem essa agenda como um “retorno à guerra” por parte dos EUA que, desde o final da Guerra Fria formularam uma “Nova Ordem Mundial” para viverem num mundo sem tiranos, sem fome, miséria ou epidemias e, principalmente, sem o risco nuclear que marcou as relações EUA/URSS.(HARVEY, 2004) Nessa “Nova Ordem”, surge como algo “novo” o poder unilateral ¹⁵⁹. Tirado de uma propaganda de cigarros, o slogan “The West and the Rest”

¹⁵⁹ Os trabalhos de Paul Kennedy (1989) e Emir Sader (1995), entre outros, mostram que no século XIX eram cinco as grandes potências mundiais, no século XX foram duas e, no século XXI, caminhamos para hegemonia de uma única potência, os EUA.

¹⁶⁰ talvez seja a melhor síntese desse novo quadro internacional. Os EUA tentam mostrar aos europeus que gastos militares¹⁶¹ e com defesa, bem como, “o poder” ainda são relevantes. Neste sentido, George W. Bush buscou convencer os europeus de que: o Ocidente está ameaçado e a OTAN é o Ocidente. Dessa forma, o objetivo da administração de George W. Bush é mudar a visão européia de que os EUA são unilateralistas e militaristas, mesmo que, para isso, Bush tenha que dar certo crédito ao poder brando europeu, trazendo-o, assim, para seu lado, onde já estiveram por muito tempo.

7.3 – A Guerra que fortalece e dá sentido.

“Philosophy and religion, it seems, belong together – belong more closely together than philosophy and the city.” (STRAUSS apud MEIER, 2006).

Como grupo dotado de uma visão de mundo definida, os neoconservadores conseguem transitar entre o *mainstream* e o *underground* político, bem como, muitas vezes, reunir teoria e prática. Autores como Drury (2006) que frisam a influência de Leo Strauss no pensamento neoconservador, aponta para o fato de que Abram Shulsky (*Director of the Office of Special Plans* – subordinado ao Departamento de Defesa) e Paul Wolfowitz (que estudou com Alan Bloom em Cornell) defenderiam a guerra a partir de uma herança da formação straussiana. Esta formação teria passado aos neoconservadores a lição de que os EUA estariam em decadência moral, fruto principalmente do domínio do liberalismo, e que caberia como missão, resgatar a nação do niilismo aumentando para isso, o patriotismo, que nasceria na união nacional diante de um inimigo. Segundo este raciocínio, faltaria aos EUA, do final do século XX, aquilo que a geração do começo do século teve: religiosidade e guerra. Já que a guerra daria sentido as pessoas, e a religião construiria o senso de dever, obediência e subordinação.

William Kristol, que estudou em Harvard e defendeu seu doutorado sobre Maquiavel – sob orientação de Harvey Mansfield – argumentou que a principal contribuição do autor de *O Príncipe* foi mostrar a importância que o inimigo tem na organização política e para a vida

¹⁶⁰ “O Ocidente e o Resto” (tradução nossa).

¹⁶¹ Paul Kennedy, estudando os gastos militares dos EUA, defende que mesmo gastando 7% do PIB em segurança, ou seja, acima dos gastos atuais em 5% do PIB, os EUA teriam condições de se sustentarem no futuro. Kennedy sobre esta expansão fala em “superexpansão imperial”.

social. Segundo Kristol o principal problema de Maquiavel seria sua pretensão de “falar a verdade”, não ao estilo antigo, pela voz de um personagem secundário e nebuloso, mas inaugurando o estilo moderno, apresentando as idéias em seu nome.

Irving Kristol (1995), em suas memórias discute a relação entre democracia e elite, mostrando que há mais aproximações do que barreiras entre elas. Para o caso americano, por se tratar de uma democracia de massas e, tendo como parâmetro a Guerra Fria, defende o antagonismo entre EUA e URSS a ponto de questionar se, na ausência de um antagonista, tal como os soviéticos, não seria o caso de se inventar um.

Na reflexão de Leo Strauss, propriamente dita, a questão ganha outros contornos. Segundo Meier (2006), a reflexão de Leo Strauss começa defendendo a filosofia como um modo de vida, em conflito com a vida política. Posteriormente este autor mostra que a filosofia está em antagonismo com a revelação e a vida filosófica estaria então, em desacordo com um mundo organizado e explicado a partir da presença de um Deus onipotente e mantido pela fé. Por isso, este filósofo buscou entender este conflito entre a revelação e a razão como o conflito por excelência entre os modernos e os antigos. A relação entre político e teologia envolvendo a filosofia tornou-se o cerne de sua questão intelectual. Strauss, ao seu modo, falava do que Meier (2006) – buscando em Karl Schmitt – identificou como teologia política. Este conceito aproxima teologia da filosofia. Caracteriza-se pela busca da verdade da fé e (que) estaria protegida pela autoridade, pela revelação e pela obediência. A autoridade daria soberania à revelação; a revelação exigiria um discernimento entre o bem e o mal que, por sua vez, exigiria um comportamento obediente.

Em resumo, ao tentarmos encontrar em Leo Strauss justificativas para a guerra, encontramos um nó filosófico-teológico que, em parte, aproxima religião e filosofia e, em parte, mostra que a vida política não é das mais fáceis, principalmente para os filósofos. Quando o ser humano se questiona sobre qual seria o melhor modo de vida, talvez o patriotismo e a ortodoxia poderiam “aliviar” a dor daqueles que precisam escolher entre uma vida guiada pela razão humana ou pelo guia divino, norteados pela revelação. Leo Strauss tentou aproximar as duas escolhas, mas para autores como Drury (2006) sua reflexão, daria margem para pensarmos numa aristocracia governando uma sociedade de massas e se aproximaria da defesa de Platão sobre o rei-filósofo.

8 - George W. Bush e o “novo” militarismo americano.

We are not just any hegemon. We run a uniquely benign imperium. This is not mere self-congratulation; it is a fact manifest in the way others welcome our power.

(KRAUTHAMMER, 2006).

Percebemos nossa vulnerabilidade e vimos sua fonte mais profunda. Isso porque, enquanto regiões inteiras do mundo estiverem mergulhadas em ressentimento e tirania, sujeitas a ideologias que nutrem o ódio e desculpam o assassinato, a violência aumentará, multiplicando-se em poder de destruição, e cruzará as fronteiras mais protegidas, impondo uma ameaça mortal.

(George W. Bush em seu discurso de posse em 20/01/2005).

Como vimos, os neoconservadores têm e já tiveram um grande impacto na política externa dos EUA. Seus pilares ideológicos estiveram no centro da contracultura, defendendo o poder das idéias, combatendo a ideologia soviética, tendo uma posição dúbia em relação ao Estado, ora apoiando medidas para seu fortalecimento, ora buscando sua restrição, dialogando nesse processo com os ideólogos do Estado de Bem-Estar Social e com os liberais.

Os neoconservadores tinham a preocupação de evitar que acontecesse nos EUA o que aconteceu na Europa com a ascensão dos regimes totalitários. Nos anos de 1930 e 1940, os entendiam que o “mal” existia e que ele era “real”. O mal, segundo entendiam os neoconservadores, encarnado na figura carismática de Hitler não teria sido barrado pela diplomacia, pela razão nem pela justiça e teria passado pela democracia. Portanto, a lição aprendida pelos neoconservadores foi a de que nada poderia substituir o poder, especialmente o poder militar, único instrumento que na prática deteve os planos do regime nazista. Focalizando a situação dos EUA, entendem que a missão desse país no mundo não pode ser interrompida, ou seja, não havendo alternativas para a liderança global americana, as tropas estadunidenses não poderão simplesmente retornar para casa. A lógica é que as idéias americanas definem a *missão* que deve ser alcançada mediante o exercício de seu poder.

Partindo da crise e acreditando no poder de ação, que supervaloriza as forças armadas, os neoconservadores vêem-se chamados para a ação. Neste sentido, acreditam que somente a liderança americana poderia mudar o quadro de crise permanente. Uma liderança heróica se preciso. Nesse sentido, podemos entender a aproximação desse grupo com o governo Ronald Reagan. Foi neste governo que eles identificaram uma mudança, uma recuperação do poder

americano que até então estava em declínio. Foi durante a Guerra Fria que os neoconservadores se afirmaram como um grupo coeso com um claro projeto de poder. Apesar da simpatia pelo governo Ronald Reagan, os neoconservadores da revista *Commentary* ainda viam, neste governo, certo grau de continuidade em relação ao governo Carter, salientando a feição política de Reagan em detrimento daquela de um “líder”. Foi somente com George W. Bush e com os abalos sociais do 11\09\01 que os neoconservadores encontraram um líder para seus projetos e o momento propício para suas idéias.

Com o fim da Guerra Fria, tanto os neoconservadores como a elite militar estadunidense, alimentados por longos anos de conflito e tensão militar, viram-se num dilema. Sem a Guerra Fria qual seria o propósito da política externa? Assim, passaram os anos de 1990 em boa parte refletindo sobre esse dilema. Fomentaram críticas ao governo Democrata de Willian Clinton (1993-2001), apontando para erros e a inércia deste governo. Entendiam haver a necessidade de uma agenda mais audaciosa para a política externa americana. Se durante a Guerra Fria, Norman Pohoretz e Irving Kristol foram os que mais se destacaram, neste momento de renascimento da persuasão neoconservadora, foram a vez de Willian Kristol e Paul Wolfowitz. O primeiro com papel ativo na organização da PNAC e o segundo trabalhando no Pentágono com a elaboração do documento *Defense Policy Guidance*¹⁶², em meados de 1991, prevendo guerras preventivas, alertando sobre a necessidade de reordenar o Oriente Médio e cobrando uma postura mais de iniciativa e menos de passividade.

Para Irving Kristol, os EUA têm um poder imperial sem uma autodefinição de Império, e os neoconservadores, para se enquadrarem nessa força imperial, que não se define como Império, defenderiam uma política externa de cunho unilateral e global. Os neoconservadores, portanto, buscariam na política externa um engajamento dos EUA nas questões globais centrados, todavia, no poder militar. Poderíamos assim concluir que a ascensão de George W. Bush, sob forte influência dos neoconservadores, estaria produzindo um novo militarismo?

O historiador estadunidense H. W. Brands (1998), ao estudar a política externa dos EUA, estabelece dois modelos para explicá-la. Uma seria “exemplarista”, ou seja, este país teria um comportamento internacional que serviria de exemplo aos outros países¹⁶³, que, em certo sentido, seria a linha defendida pelos fundadores dos EUA. O segundo modelo explicativo seria o “vindictismo”, em que o país teria a obrigação de impor, se necessário à

¹⁶² Também participaram da elaboração deste documento: I. Lewis Libby, Richard Perle, Douglas Feith, Jeane Kirkpatrick e Eliot Abrams, todos estes que, posteriormente teriam papel de destaque no primeiro mandato de George W. Bush (2001-2005).

¹⁶³ Cf. tabela desta seção.

força, seus valores ao mundo. Partindo desse modelo, este autor classifica George W. Bush como um “vindicatista”.

Os neoconservadores produziram um novo militarismo, na medida em que acreditariam no poder militar como um instrumento de transformação do sistema internacional, que alimenta e aumenta a primazia americana. Este novo militarismo tornou-se vigente na política externa de George W. Bush.

Somando confiança moral com supremacia militar, os neoconservadores, que alimentam a necessidade de se sustentar um Império diante dos constantes desafios postos pela desordem mundial, duvidam da concretude de um cenário multipolar no sistema internacional. Ameaças sérias para eles exigem respostas rápidas e unilaterais. Temas sensíveis como a paz e a democracia também passam a dialogar com o espectro militar que, por sua vez, é entendido – nos termos de Michael Ledden – (mais especificamente no caso da democracia), como o regime que melhor se adequa como um programa inventado e a serviço das forças armadas, capaz de gerar paz e cenários favoráveis aos EUA. Em outras palavras, a força militar levando a democracia geraria paz, e a paz produziria uma ordem favorável aos EUA.

Os gastos militares estadunidenses, hoje ultrapassa a soma dos gastos militares de todos os outros países. Contudo, na análise dos neoconservadores, estes gastos são explicáveis pelo fato do mundo pós-Guerra Fria ser um “mundo mais perigoso” e exigente de mais gastos militares do que antes.

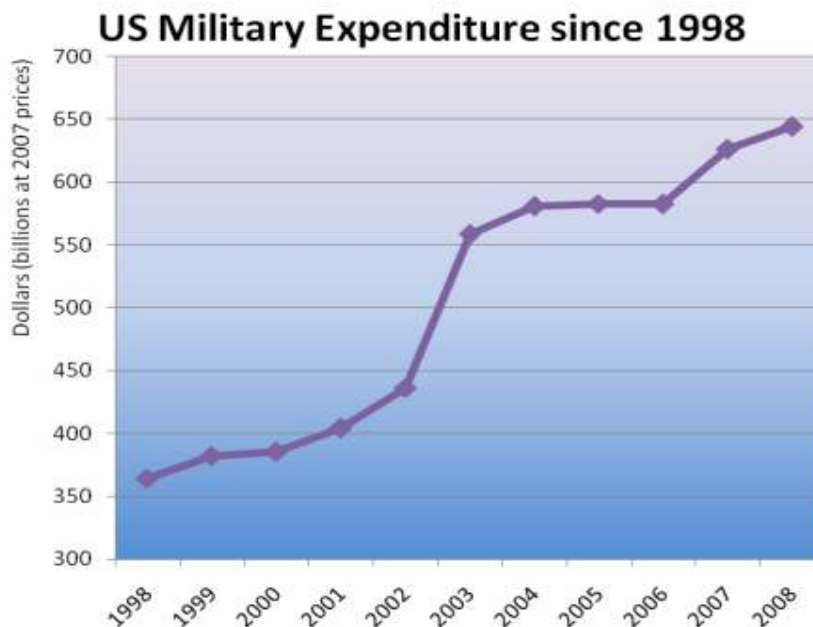
O presidente Dwight Eisenhower (1953-1961), já em seu tempo, alertava para o risco de se formar nos EUA uma elite militar e econômica, resultado de muitos anos de guerra, que levaria o país a uma guerra contínua e paranóica. Já o sociólogo Wright Mills (1965, p.148) reforça esta idéia e nos fala de uma “metafísica militar”, que consiste na crença de que as forças armadas podem resolver todos os problemas. Enquanto os neoconservadores apostam nas forças armadas a fim de promulgar os valores americanos, perpetuar a primazia americana e acreditar que pela guerra os EUA podem salvar o mundo – salvando assim a si mesmo – o resto do mundo se pergunta até quando o uso da força continuará a ser o primeiro e não o último dos recursos.

Trata-se de perguntarmos, nos termos de Brzezinski (2003), com quantas inseguranças os EUA conseguem viver? E interessaria aos EUA sustentar a estabilidade internacional? Os neoconservadores, como vimos, investem na preservação e ampliação da supremacia americana, acreditando na capacidade militar de intervir de forma rápida e decisiva. O ponto central desse modo de pensar a segurança internacional está na relação entre a ameaça e a

capacidade de mobilização das forças. Nos termos de Brzezinski (2003, p. 87): “[...] se a ameaça puder ser personalizada, identificada como o mal ou mesmo estereotipada visualmente, produzindo grande mobilização social e uma longa mobilização, mais fácil será”.

Somente o poder e a força não sustentam a hegemonia americana; como nos mostra Bacevick (2005) os conflitos da unipolaridade, pós-Guerra Fria, são feitos a uma distância segura, enfatizando-se o poder aéreo e investindo na imagem de um soldado feliz, com conforto e com o *american way of life* onde quer que ele esteja servindo. O *american way* do soldado, todavia, pode estar se perdendo como um instrumento a favor do poder americano. A cultura americana sempre foi marcada pela inovação, pelo dinamismo, pela busca do sucesso e sempre andou lado a lado com a hegemonia americana. Portanto, nesta perspectiva não deveria interessar aos EUA o isolamento. Trata-se de se discutir como exercer a hegemonia atingida até o momento. Em outras palavras, como nos mostra Bacevich (2005) e Brzezinski (2002) um futuro mantido por uma alta credibilidade militar, mas com baixa credibilidade política não se sustenta.

Gráfico 3 – Os Gastos militares dos EUA desde 1998 segundo o *Center for Arms Control and Non-Proliferation*



Fonte: Friends Committee on National Legislation, Center for Arms Control and Non-Proliferation¹⁶⁴

O gráfico acima faz um importante diálogo com nossa pesquisa na medida em que mostra o aumento dos gastos militares dos EUA no limiar do século XXI. Este período marca os desdobramentos do fim da Guerra Fria e a influência dos neoconservadores na política externa de George W. Bush (2000 – 2008).

Os dados abaixo nos mostram como as forças armadas dos EUA se destacam, em termos de gastos, dos outros países nos dando elementos para pensarmos no peso do militarismo nas idéias dos neoconservadores para a política externa americana.

¹⁶⁴Cf.<<http://www.armscontrolcenter.org/>>. Acessado em 03/03/08. Conferir também: <http://www.globalissues.org/>>. Acessado em 03/03/08.

Tabela 4 - Comparação dos gastos militares do EUA frente a outros países (dados de 2007).

País	Gastos em Bilhões de US\$
EUA	420.7
China	62.5
Rússia	61.9
Reino Unido	51.1
Japão	44.7
França	41.6
Alemanha	30.2
Índia	22.0
Arábia Saudita	21.3
Coréia do Sul	20.7

Fonte: Center for Arms Control and Non-Proliferation (2007)¹⁶⁵, SHIMABUKURO (2007).

¹⁶⁵ Cf. <<http://www.globalissues.org/Geopolitics/ArmsTrade/Spending.asp>>. Acesso em : 09/03/07.

9 - Crença no poder das armas.

A guerra de Bush é em nome do Bem; daí decorre o eminente perigo, tal qual o paradoxal espelho mágico da bruxa madrasta que não quer ter sua imagem real deflagrada, pois prefere que o outro tenha para si aquilo que lhe é próprio, isto é, sua própria falta de beleza.

(MARINHO, 2006, p.163)

Segundo Bacevich (2005), as forças armadas perderam seus vínculos diretos com a elite política que saiu do exército após o Vietnã. E vem prendendo-se cada vez mais na necessidade de investir em novas armas, e num aparato que permite agir em qualquer lugar, num mundo que concilia guerra com paz.

Os neoconservadores, apesar de carregarem o nome “conservadores”, buscam a transformação, acreditando e influenciando a opinião pública com fim último de fundir o poder americano com os princípios americanos. Por tudo que foi apresentado até aqui, podemos concluir que os neoconservadores criaram o clima intelectual necessário para a emergência do novo militarismo americano. Norteados por Norman Podhoretz (revista *Commentary*) e Irving Kristol (revista *Public Interest*) os neoconservadores defendem a idéia de que os valores americanos são valores universais, logo o campo de ação dos EUA deve ser todo o mundo.

Como vimos, em tal perspectiva, a liderança americana deve ser forte, heróica e exemplar, pautada por valores tradicionais, que fazem frente aos valores da contracultura dos anos de 1960, tais como o casamento heterossexual, a família nuclear, a religião protestante e uma política externa internacionalista e forte. Assim, os neoconservadores desenham, não só um novo rumo para a política externa, mas criam um novo nacionalismo americano pautado na crença do poder de transformação do sistema internacional. Em síntese, para os neoconservadores o antídoto para a crise internacional é a liderança americana.

Capítulo IV - O Governo George W. Bush (2000 – 2008)

“George W. Bush just changed the ‘don’t mess with Texas’ for ‘don’t mess with USA.’” (WOOLDRIDGE, 2004).

“Nestes últimos meses, me senti mais humilde e tive o privilégio de conhecer a verdadeira índole deste país em um momento de teste. Nossos inimigos acreditavam que os Estados Unidos eram um país fraco e materialista, que seríamos destroçados pelo medo e pelo egoísmo. Estavam tão errados quanto são maldosos. O povo americano respondeu de forma magnífica, com coragem e compaixão, força e obstinação. Quando me encontrei com os heróis, abracei as famílias e olhei os rostos cansados dos que trabalhavam no resgate, eu tive grande respeito pelo povo norte-americano.”

(George W. Bush no Discurso sobre o Estado da União em 29/01/2002).

1 – As ações de George W. Bush.

George W. Bush nasceu em 1946, em New Haven, Connecticut. De um clã político, metodista, de início não parecia seguir os passos de seus antepassados (além do pai e do irmão, o avô Prescott Bush também foi político e chegou a senador entre 1952 e 1963 pelo estado de Connecticut); parecia, ao contrário, gostar de uma vida reservada e confortável. Entrou para a Força Aérea no Texas (*Texas Air National Guard*). Não foi para a guerra e cumpriu um programa de treinamento de 53 semanas. Em seguida, na trilha dos negócios do pai, montou sua empresa de exploração de petróleo¹⁶⁶ e assim, enriqueceu. Como um milionário do petróleo, mudou de uma postura desregrada da juventude para a imagem de um adulto religioso e preocupado com a sociedade. Ficou famoso no Texas quando comprou, em 1989, o time de beisebol *Texas Rangers*.

Desde sua primeira campanha, demonstrou grande talento para arrecadar fundos¹⁶⁷. Enfrentando a forte candidatura de Ann Richards pelo governo do Texas, Bush contou principalmente com as estratégias políticas de seu amigo Karl Rove para vencer a eleição com

¹⁶⁶ A Bush Exploration oil company.

¹⁶⁷ Vale destacar que no Texas não há limite para as contribuições eleitorais.

52% dos votos contra 47% de sua adversária. Como governador do Texas (1995), teve um plano de governo marcado por reformas, na educação, na economia e na legislação. Seu governo também foi marcado pelo crescimento no que diz respeito à execução de presos condenados à morte, foram cerca de 152. Por outro lado, as escolas públicas receberam mais dinheiro do governo e grupos religiosos, pela primeira vez, também tiveram o direito de receber dinheiro do Estado para promoverem campanhas sociais.

Logo em 1995, no início do seu governo, George W. Bush conseguiu projetar-se nacionalmente pelo slogan criado por Karl Rove¹⁶⁸, “conservadorismo com compaixão”. Em 1998, sua campanha de reeleição contava com amplo apoio no Estado do Texas e já também se destacava nacionalmente. No dia da eleição, recebeu 68% dos votos no Texas. Sua vitória tranqüila no Texas, somada ao crescente apoio que recebia dentro do Partido Republicano, levou Bush a pensar na presidência. Nas primárias, ele recebeu amplo apoio dos governadores, deputados e senadores e esforçou-se pessoalmente para ter Dick Cheney, um Republicano experiente que já havia trabalhado com vários presidentes e que conta com bom trânsito no setor empresarial, como seu vice (muito embora, uma parcela do *establishment* Republicano preferisse-o como secretário de Defesa).

Enfrentando Al Gore e Joseph Lieberman, Bush e Cheney formaram a quarta chapa presidencial da história dos EUA a ganharem a eleição no Colégio Eleitoral¹⁶⁹, mas perdendo nos votos populares. George W. Bush, que chegou a presidência aos 54 anos, foi o segundo caso em que pai e filho atingiram a posição mais alta na nação; o primeiro foi com John Adams e John Quincy Adams. A coligação Bush\Cheney obteve 50.456.167 votos populares e 271 votos no Colégio Eleitoral contra 50.996.064 e 266 respectivamente, para Gore\Lieberman.

O resultado na eleição de 2000 levou cinco longas semanas para ser declarado, pois a disputa foi acirrada em muitos Estados. Houve contagem e recontagem de votos, num estado em especial, a Flórida (governada pelo irmão de George, Jeb Bush), o problema se estendeu, gerando incertezas quanto a legitimidade da contagem e do processo eleitoral. Bush foi reconhecido como o vitorioso apenas após intervenção da Suprema Corte¹⁷⁰. Com a decisão

¹⁶⁸ Rove nasceu em 1950 e se aproximou de W. Bush no Texas. Especializou-se em campanhas eleitorais, trabalhando com George W. Bush até agosto de 2007 quando afastou-se acusado de participação em um escândalo envolvendo a revelação de informação confidencial para a mídia sobre a identidade de um agente da CIA.

¹⁶⁹ A idéia do Colégio Eleitoral é igualar o peso dos Estados. O Colégio conta com 538 votos; basta atingir 270 para ser escolhido presidente. Quem ganha nos Estados ganha também todos os votos a que este Estado tem direito no colégio eleitoral.

¹⁷⁰ Por 5 votos a 4, a Suprema Corte dos EUA interrompeu a recontagem na Flórida, selando a vitória do candidato Republicano

da vitória republicana na Flórida, Bush obteve os 25 votos do Colégio Eleitoral, que foram decisivos para sua vitória. Nesse estado Bush teve 2.912.790 votos, contra 2.912.253 para Gore (MATUZ, 2005). Al Gore reconheceu a derrota e Bush prometeu um governo de união, Prometia esforço para unir uma nação que saiu das eleições totalmente dividida e confusa.

Bush também pretendia, em seu mandato, mudar a política dos EUA no Oriente Médio. Objetivo acelerado com os atentados de 11\09\01, que marcaram seu governo. Com o 11\09\01, ele tornou-se o “líder da nação”, um presidente em guerra; seus índices de popularidade atingiram marcas históricas, e discursos inflamados diante dos destroços das Torres Gêmeas ganharam projeção mundial. Dentre eles os mais famosos foram os que mencionam o “eixo do mal” composto pela Coréia do Norte, Irã e Iraque, e o discurso “Ou você está conosco ou está contra nós”, que inaugura a Guerra ao Terror.

Nesse primeiro mandato, George W. Bush atacou o Afeganistão, tentando destruir uma suposta rede terrorista que teria patrocinado os atentados de 11\09 – a Al Qaeda – atacou também o Iraque alegando, entre outros motivos, patrocínio a grupos terroristas, existência de armas biológicas, químicas e nucleares, violação dos direitos humanos e desrespeito às zonas de monitoramento aéreo criadas pelos EUA na Guerra do Golfo.

Essa postura de ação e de resposta pela guerra, por parte dos EUA, teve seu auge em 2003, com o início das operações americanas no Iraque. Este também foi o momento segundo aponta alguns analistas (BACEVICH, 2005), que representou o auge da influência neoconservadora no governo George W. Bush, mas, como veremos a seguir, a sustentação do governo Republicano precisou de alguns elementos fundamentais, entre eles está os neoconservadores.

2 - A Base de apoio de George W. Bush.

A base republicana de Bush assenta-se no tripé Direita Cristã, grandes empresários corporativos e militaristas (tanto da área dos negócios quanto das forças armadas), além de um eleitorado confuso quanto aos acontecimentos mundial (WOOLDRIDGE; MICKLETHWAIT, 2004); (MARINHO, 2006). Esse eleitorado é composto majoritariamente por homens de meia idade, brancos, que moram em cidades médias ou pequenas, longe das capitais, e que foram aos locais de votação “presos a valores” (GREEN, 2004); (DIAMOND, 2000). Pode-se dizer que este é um eleitorado que, em alguns aspectos, se identifica com a imagem de George W. Bush (homem simples, “direto”, religioso) e que achou acertada sua resposta ao 11\09\01.

O primeiro componente do tripé do partido Republicano, isto é, a Direita Cristã, trabalhou dentro do primeiro mandato do governo Bush, centrada nos assuntos internos, esforçando-se para mudar o perfil da Corte Suprema de Justiça, para assim, conseguir proibir legal e constitucionalmente assuntos como o aborto, o casamento gay e as pesquisas com células-tronco que, para esse grupo, são de fundamental importância. Já no segundo mandato, a Direita Cristã incentivou o patriotismo, apoiando as guerras que se seguiram ao 11\09\01.

O segundo componente deste tripé seria as grandes corporações e os grandes empresários. Estes se esforçaram para criar, nos EUA, um sistema tributário “pró-ricos”, bem como uma política pró-empresas farmacêuticas. São contrários a ajudas humanitárias e ao perdão de dívidas ou ao afrouxamento de sanções econômicas para países da África e América Latina além de embargo, como, por exemplo, o caso de Cuba.

O terceiro pé do tripé é formado pelos militares. Estes se ocuparam em manter acesa a chama da “ameaça”, buscando justificar a presença americana no Iraque e no Oriente Médio, já pensando em cenários de operação onde os EUA pudessem “avançar” e ao mesmo tempo, se manter, como uma força militar hegemônica indiscutível.

A candidatura também apresentou um apoio especial, os latinos. Bush atraiu estes, que historicamente sempre estiveram mais próximos dos democratas, por seu perfil conservador e religioso. A presença latina nos Estados Unidos vem crescendo constantemente. Os índices mostram que esta já supera a presença dos afro-descendentes com uma porcentagem de 15% contra 13%, respectivamente (HUNTINGTON, 1997). Ou seja, latinos tem se revelado um cobiçado universo eleitoral.

3- George W. Bush e a Direita Cristã

“We are going to stay and stay. If it takes three presidents and six congresses to pass these items, we’re going to be there in the morning, we’re going to be there at night when they turn the lights out. We will be there as long as it takes to set these issues are addressed”. Ralph Reed (EASTON, 2000).

“A predileção a Bush é fundamentalmente constituída por religiosos, preferencialmente os evangélicos protestantes brancos e, melhor ainda, se estes forem conservadores, homofóbicos, portadores de armas, favoráveis à pena capital, patriotas de bandeira em punho, simpatizantes à causa israelita e tementes aos muçulmanos.” (MARINHO, 2006, p. 161).

Os EUA, da metade do século XIX aos nossos dias, viram a consolidação de uma nova força política e de uma nova concepção sobre sua presença internacional. Trata-se, por um lado, da emergência de uma direita formada pela Coalizão Cristã e, por outro, da influência, principalmente na política externa, dos neoconservadores. Nesta seção propomo-nos mostrar como esses dois movimentos distintos se uniram, elegendo e reelegendo George W. Bush, formando uma base de apoio para este governo.

3.1 - A Direita Cristã

A Direita Cristã aparece na Nova Direita estabelecendo uma ligação entre o povo e o candidato. Sua formação não é filosófica, mas fruto dos anos do anticomunismo. Suas principais bandeiras centram-se na família e na hegemonia militar americana. Seus primeiros nomes já se faziam presentes nos anos de 1960 como Phyllis Schlafly¹⁷¹, Paul Weyrich¹⁷², Richard Viguerie¹⁷³ e Robert Billings¹⁷⁴. Outro nome que devemos destacar nos anos de 1980, é o de Tim LaHaye, líder religioso, ativista cristão e escritor de sucesso, que foi decisivo na reeleição de Ronald Reagan e que aproximou a Direita Cristã da elite política republicana. No

¹⁷¹ Ativista cristã-conservadora, autora de vasta obra, foi uma militante importante na história da Direita Cristã ao mobilizar pessoas contra o feminismo e a contra-cultura dos anos de 1960.

¹⁷² Político importante na Direita Cristã, destacou-se na aplicação das malas-diretas e da distribuição de guias em Igrejas com a finalidade mobilizar e fortalecer candidatos apoiados pela Direita Cristã.

¹⁷³ Político conservador, sempre trabalhou na mobilização do eleitorado conservador. Recentemente tem dedicado-se a aglutinar adeptos para o pensamento cristão-conservador a partir de idéias trabalhadas em seu blog. Cf. <<http://conservativehq.com/home>> Acesso em: 02/03/08.

¹⁷⁴ Evangélico, foi um dos co-fundadores da Maioria Moral. Como educador diz ter fundado 400 escolas cristãs, como político foi pré-candidato à Casa Branca em 1976, não obtendo êxito. Faleceu em 1995.

limiar do século XXI, os esforços da Direita Cristã em se organizar politicamente mostraram grande êxito, como por exemplo, a Coalizão Cristã liderada por Ralph Reed¹⁷⁵. No entanto, se considerarmos que a finalidade da mobilização era mudar a constituição americana em temas como direitos civis, casamento e aborto, eles pouco conseguiram avançar.

A Direita apóia-se na defesa da família judaico-cristã e de seus valores. Trata-se de pensar e de olhar para a cultura americana sob as lentes das sagradas escrituras, buscando na política, a ferramenta para a concretização de ideais de nação e de sociedade.

Em números absolutos não passam de 25% do eleitorado hábil a votar. Porém, essa “minoría estatística” de perfil branco, evangélico e rico, que clama por uma “maioría moral”, consegue na hora do voto mostrar-se extremante articulada. Trata-se de pensarmos em uma estrutura de 70 mil igrejas, mais de 200 canais de televisão e 1500 estações de rádio. Programas populares como os de Pat Robertson¹⁷⁶, na televisão, e de James Dobson¹⁷⁷, no rádio, atingem respectivamente um universo de mais de um milhão de telespectadores, em noventa países com mais de 40 línguas diferentes, e cinco milhões de ouvintes por semana. Em 1998, os candidatos da Coalizão Cristã dentro do partido Republicano obtiveram a vitória em 18 Estados, sendo seus votos também muito decisivos em outros 13 Estados. Toda essa influência no âmbito do poder decisório no executivo que vemos hoje é fruto de uma mobilização de quarenta anos, cujos alvos centrais de ataque foram o avanço das mulheres em seus direitos, em geral, e no mercado de trabalho; o avanço nos direitos dos homossexuais que colocou a AIDS como um problema de saúde pública; o avanço da educação sexual nas escolas públicas; as conquistas em relação ao aborto em termos legais; a separação entre religião e escola pública e o aumento da violência na grande mídia.

Esses temas de mobilização e inquietação para uma parcela representativa da sociedade, no início dos anos de 1980, encontram em Jerry Falwell um líder carismático dissidente da Igreja Batista¹⁷⁸ que também cria, em 1986, um movimento aglutinador dessas questões, a Maioría Moral, que cresceu transformando-se, nos anos de 1990, na Coalizão Cristã.

¹⁷⁵ Reed é parte da nova geração da Direita Cristã, engajada na Nova Direita. Foi peça central na pré-candidatura de Robertson em 1992, e na formação da Coalizão Cristã, central para a Revolução Republicana que possibilitou o controle das duas casas durante o governo Clinton. Reed também se destacou na escolha de George W. Bush como o candidato dos Republicanos em 2000.

¹⁷⁶ Nome forte da CBN, Robertson foi uma peça central da Direita Cristã nos anos de 1990 e para o fortalecimento dos evangélicos e conservadores religiosos dentro do Partido Republicano.

¹⁷⁷ Psicólogo evangélico, radialista popular, Dobson sem ser direto em seus apoios políticos consegue indiretamente, mobilizar as pessoas via temas e bandeiras de cunho moral e conservadoras.

¹⁷⁸ Trata-se da Thomas Road Baptist Church, fundada em 1956 (<http://home.trbc.org/> acessado em 03/08/07); Falwell também ganhou notoriedade por sua jornada contra a pornografia nos tribunais.

Com a base construída por Falwell, somando-se a outras figuras carismáticas e populares, como Pat Robertson e James Dobson, e com a adesão de nomes com experiência política, como Gary Bauer (ex-assessor de Reagan) e Ralph Reed, a Coalizão Cristã montou uma estrutura de pressão e lobby. Estão incluídos desde o lobby direto, feito na porta do Congresso¹⁷⁹, os conselhos decisórios de lideranças¹⁸⁰ e o alto poder para arrecadar fundos, até uma vasta rede comunicativa que inclui canais de TV, emissoras de rádios, jornais, editoras, universidades, escolas primárias e secundárias, além de milhares de Igrejas espalhadas pelos EUA. Não apenas George W. Bush se apoiou nessa estrutura e venceu as eleições, como também dela nasceram nomes como Dick Armey¹⁸¹, Tom DeLay¹⁸², Trent Lott¹⁸³, Oliver North, Paul Weyrich e Jesse Helms¹⁸⁴. Todos esses nomes fizeram o que alguns autores chamaram de “revolução republicana” (DIAMOND, 2000), produzindo vitórias parlamentares em um cenário que até então era dominado pelos Democratas.

A revolução republicana sustentada pela Coalizão Cristã foi um ganho que teve um preço. Esperava-se, em troca dos votos e de toda essa estrutura que descrevemos, um comprometimento do governo, no âmbito doméstico, no combate ao aborto e ao homossexualismo; o incentivo à procriação, à autonomia para os pais em relação à educação de seus filhos, o incentivo ao trabalho doméstico para as mulheres e restrições à pornografia e à violência na mídia. Todavia, ao contrário do que apontam os analistas (MARTIN, 1999), a Coalizão Cristã também tem suas bandeiras internacionais e é justamente nesses temas que, a nosso ver, a influência desse grupo torna-se mais sensível no governo de George W. Bush.

A principal dessas bandeiras é em relação a Israel. Sumariamente, a idéia básica é que estar contra Israel é estar contra Deus. A defesa desse Estado reverbera também na forma do apoio à criação de um forte sistema de defesa antimíssil para os EUA e norteia a política externa por valores morais, ou seja, trata-se de decidir a política internacional com base em questões como aborto, contracepção, papel das mulheres na sociedade, liberdade religiosa, educação e valores bíblicos. Em termos práticos, a Coalizão Cristã, forte no Congresso e apoiada por George W. Bush, veta o dinheiro americano para a ONU, alegando que esta

¹⁷⁹ Neste caso a tarefa cabe a “Concerned Women for America” e a “American Family Association”. Como nota vale destacarmos que há outros grupos religiosos que fazem lobby no congresso dos EUA. São eles: The United States Catholic Conference, The American Jewish Congress, The American Muslim Council e The Friends Committee on National Legislation.

¹⁸⁰ Trata-se da Council for National Policy.

¹⁸¹ Político do Texas (republicano) foi peça importante nos anos de 1990 no Congresso, trabalhando no Contrato com a América, documento central para a ascensão posterior de George W. Bush. Dick foi deputado entre 1995 e 2003.

¹⁸² Também do Texas, peça importante da sustentação de Bush no Congresso. Foi líder da maioria em 2003.

¹⁸³ Foi Senador pelo Mississippi entre 1989 e 2007, batista, próximo a Newt Gingrich.

¹⁸⁴ Foi Senador pela Carolina do Norte entre 1973 e 2003.

instituição multilateral é comandada por socialistas, humanistas e feministas que defendem o aborto. Esse organismo internacional na visão da Direita Cristã é contrário à guerra dos EUA ao terrorismo e usa o dinheiro para distribuir contraceptivos.

Dessa forma a Direita Cristã, formada pela Coalizão, pelos Republicanos e liderados por George W. Bush afastou do poder decisório grupos até então poderosos, como o *Council on Foreign Relations* (CFR), a *Trilateral Commission*¹⁸⁵ e até mesmo a Igreja Católica. Em linhas gerais, podemos concluir que o objetivo desse grupo e da “Nova Direita” é o de colocar os valores morais no centro da política dos EUA, re-desenhando assim, sua política doméstica e internacional e mostrando, em última instância, que uma nação pode ter como base a lei bíblica. Não por menos, o filósofo pragmatista Richard Rorty (SOUZA, 1997), enxerga nesse fundamentalismo religioso o risco da emergência de um regime totalitário nos EUA.

3.2 Os Neoconservadores e a Direita Cristã

A Nova Direita que apresentamos aqui como uma base fundamental do governo George W. Bush, formada pela Direita Cristã e pelos neoconservadores, pode parecer uma aliança improvável e pouco fecunda, caso os laços que os unem se limitem a temas táticos associados a simples busca pelo poder. Como vimos os neoconservadores acreditam na cristalização da supremacia militar americana como geradora da identidade nacional, assim como acreditam que os EUA são um modelo de nação para o mundo, por se sustentarem no tripé liberdade, democracia e livre iniciativa.

Os neoconservadores convenceram, não só George W. Bush, mas boa parte da sociedade dos EUA, de que a resposta aos ataques de 11\09\01, ou seja, a ofensiva militar foi e continua sendo a resposta correta. Mostrando-se contrários a tudo que se fez nos anos de 1960 (em termos econômicos, políticos e principalmente culturais), eles propõem novas guerras, novos valores e fundamentalmente, uma nova política externa. Municiados pelas idéias desse grupo e da Direita Cristã, George W. Bush comprometeu-se e passou a sustentar a unipolaridade, mostrou-se mais disposto a intervir no exterior, olhando para o mundo com olhos e com preocupações morais.

Bush é um renascido cristão que governou um dos estados mais moralistas dos EUA, o Texas, e que encontrou na Coalizão Cristã não só votos e dinheiro como também os mesmos valores e as mesmas opiniões que defende quanto a temas como família, sexualidade,

¹⁸⁵ Cf. <http://www.trilateral.org/>. Acessado em 03\03\08.

juventude, criminalidade e educação. Entre a Coalizão e os neoconservadores há concordância de temas tais como a postura dos EUA em relação a Israel, à ONU, ao combate ao terrorismo, à guerra às drogas e ao combate à pornografia. Historicamente, ambos são anti-contracultura (revolução sexual), defendem o controle ou a proibição da violência e da pornografia na mídia, partindo de uma visão moral do mundo, no caso dos neoconservadores em relação à política externa e, no caso da Coalizão, em relação à sociedade. Além disso, neoconservadores e membros da Direita Cristã estão juntos em *Think Tanks* centrais para a sustentação de George W. Bush, tais como os já mencionados¹⁸⁶ AEI, *Claremont Institute*, *Heritage Foundation* e *Hoover Institution*. Vale destacarmos também que Irving Kristol, um dos nomes centrais do movimento neoconservador, escreveu a biografia de Jerry Falwell, um dos pilares da Coalizão Cristã. Outro ponto que merece ser destacado é que, no passado, tanto os evangélicos como os neoconservadores já apoiaram os Democratas, no primeiro caso com Jimmy Carter e no segundo, com o senador Henry “Scoop” Jackson. Entendemos que tanto neoconservadores quanto a Coalizão Cristã pretendem mostrar que a “revolução republicana” veio para ficar. Na tabela a seguir, podemos ter uma visão mais abrangente da ligação entre os neoconservadores e a Direita Cristã, mostrando como ambas tem uma ampla rede de *Think Tanks*.

¹⁸⁶ Conferir capítulo II.

Tabelas 5 - Principais Think Tanks e seus respectivos web sites do movimento neoconservador e da Direita Cristã.

Think Tanks Neoconservadores		Think Tanks da Coalizão Cristã
AEI - American Enterprise Institute		American Family Association
http://www.aeinstitute.org/intro.cfm		http://www.afa.net/
The Committee on the Present Danger		The Family Research Council
http://www.fightingterror.org/		http://www.frc.org/
Hudson Institute		Concerned Women for America
http://www.hudson.org/		http://www.cwfa.org/main.asp
Institute for Educational Affairs		People for the American way
http://www.mediatransparency.org/		http://www.pfaw.org/pfaw/general/
JINSA ¹⁸⁷		Freedom Works
http://www.jinsa.org/home/home.html		http://www.empower.org/
The Project of the New American Century		The Moody Bible Institute
http://www.newamericancentury.org/		http://www.moody.edu/mission.htm
The Claremont Institute		Thomas Road Baptism Church
http://www.claremont.org/		http://home.trbc.org/
The Heritage Foudation		United Way of America
http://www.heritage.org/		http://national.unitedway.org/

¹⁸⁷ The Jewish Institute for National Security Affairs.

4 - Os gabinetes e o perfil dos secretários

Nessa seção conheceremos os gabinetes das duas administrações de George W. Bush na Casa Branca.

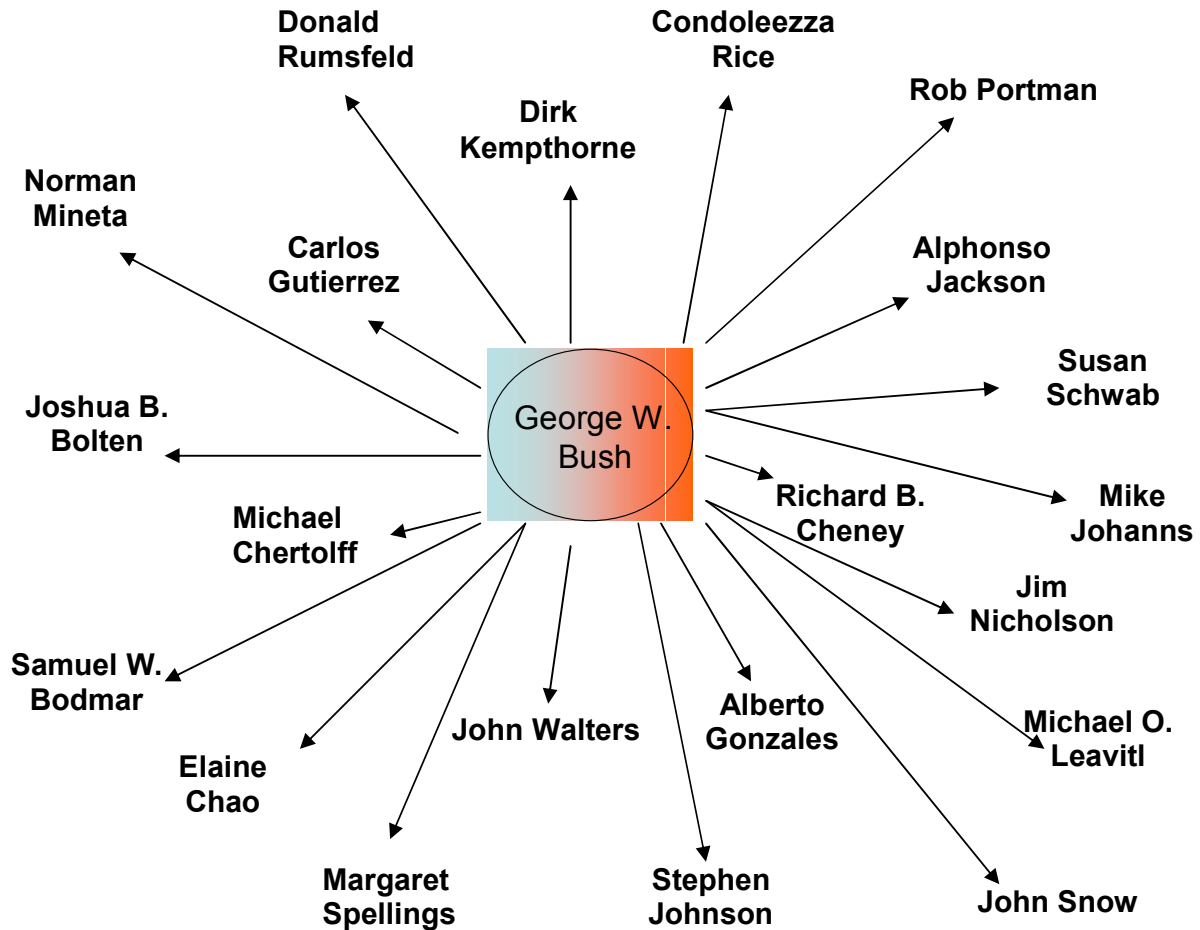
4.1 - Primeiro Mandato (2001-2005)

Na sistematização abaixo, destacamos a formação do gabinete do governo Bush em seu primeiro mandato.

Tabela 6 – Formação do gabinete do governo Bush (primeiro mandato)

Colin Powell	Secretário de Estado
Richard B. Cheney	Vice- Presidente
Paul H. O’Neill	Secretário do Tesouro (até 2003)
John Snow	Secretário do Tesouro (2003 – 2006)
Donald H. Rumsfeld	Secretário de Defesa
John Ashcroft	Advogado Geral
Gale A. Norton	Secretária do Interior
Ann M. Veneman	Secretária de Agricultura
Donald Evans	Secretário de Comércio
Elaine Chao	Secretária do Trabalho
Tommy G. Thompson	<i>Secretary of Health and Human Service</i>
Melquiades “ Mel” Rafael Martinez	Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano (até 2004)
Alphonso Jackson	Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano (2004-2005)
Norman Yoshio Mineta	Secretário de Transporte
Spencer Abraham	Secretário de Energia
Roderick Paige	Secretário de Educação
Anthony J. Principi	Secretário para Assuntos ligados aos Veteranos
Tom Ridge	Secretário de Segurança Interna (criado em 2002)

4.2 - Gabinete do Segundo Mandato



No organograma acima temos o gabinete completo da segunda gestão de George W. Bush, que se iniciou em 2005. A seguir, estabeleceremos um breve perfil de cada um dos membros do gabinete, tanto do primeiro como do segundo mandato.

Richard B. Cheney

Vice-presidente e Republicano ilustre, importante na ligação do governo George W. Bush com os neoconservadores através de três dos principais *Think Tanks* deste grupo, o *American Enterprise Institute* (AEI), o *Project for the New American Century* (PNAC) e o *Jewish Institute for National Security Affairs* (JINSA). Cheney é também influente no setor privado, foi diretor da Halliburton, um dos pivôs da arrecadação da campanha, um bom articulador político, próximo a Condoleezza Rice e a Republicanos também importantes como John Negroponte e Stephen Hadley. Na política, Cheney fez um longo percurso até chegar ao atual cargo, passou pelo Departamento de Defesa em meados dos anos de 1990, foi deputado pelo estado de Wyoming entre 1978 e 1989 e trabalhou no gabinete de Gerald Ford em várias funções na década de 1970.

Paul H.O'Neil

Participou do primeiro gabinete. Foi secretário do desenvolvimento Urbano. Inicialmente indicado para a Segurança, Neil é ligado à Alcoa, conglomerado do setor industrial, onde ocupa um cargo na diretoria; é pesquisador da RAND (Research and Development) e amigo de George W. Bush. Sua participação no governo foi considerada aquém das expectativas. Uma vez fora do governo, passou a ser um crítico da gestão Bush.

Gale A. Norton

Membro do primeiro gabinete. Primeira mulher a ocupar a pasta do interior, à frente da qual esteve entre 2001 e 2006. Norton, apesar de ser republicana, é também ligada ao Partido Libertário, que defende o livre comércio e a não-intervenção do governo na vida social. Entre 1991 e 1999 foi advogada geral do Estado do Colorado, função que a projetou nacionalmente e a qualificou para concorrer ao Senado, todavia, perdeu nas primárias do partido Republicano.

Donald Evans

Foi o secretário do primeiro governo, na pasta de Comércio. Amigo de George W. Bush desde tempos universitários em Houston, saiu do governo por vontade própria em 2005.

Tommy G. Thompson

Foi o secretário da Saúde do primeiro governo, entre 2001 e 2005. Antes de entrar para a administração federal. Foi governador do estado de Wisconsin entre 1987 e 2001.

Roderick Paige

Primeiro afro-descendente secretário da Educação. Participou da primeira administração de George W. Bush. Paige nasceu no Mississippi, mas foi em Nova York que se formou e militou pela educação.

Tom Ridge

Foi o primeiro secretário de Segurança Interna. Antes de assumir essa função, trabalhou como secretário direto de Bush. No passado foi deputado (1983-1995) e governador da Pensilvânia (1995-2001).

Ann Veneman

Secretária da Agricultura do primeiro gabinete. Como mulher foi pioneira no cargo. Deixou o governo em 2005 para atender ao convite de Kofi Annan para dirigir o UNICEF.

Mike Johanns

Republicano de Iowa. Foi governador de Nebraska por duas vezes, ganhando seu primeiro mandato em 1998, por uma pequena margem de oito pontos percentuais. Formado em direito, assumiu a secretaria em 2004, substituindo Ann Veneman e tornou-se o secretário de Agricultura .

Melquíades Rafael Martínez

Nascido em Cuba, veio para os EUA através da Igreja Católica. Martinez é um Republicano conservador da Flórida, que compôs o primeiro gabinete de Bush como secretário do Desenvolvimento Urbano. Deixou o governo em 2005 para assumir uma vaga como senador pelo estado da Flórida.

Edward Spencer Abraham

Ligado à sociedade Federalista e ao *Think Tank Hoover Institution*. Abraham, de ascendência libanesa, após seis anos como senador (1995-2001) pelo estado de Michigan, assumiu a Secretaria de Energia onde ficou até o final do primeiro mandato de George W. Bush. Dentro do partido Republicano, é visto como próximo a Dan Quayle (um republicano importante, pois foi vice de George H. W. Bush).

Anthony Joseph Principi

Foi o secretário para Assuntos de Veteranos de Guerra no primeiro governo de George W. Bush. Veterano da Guerra do Vietnã, funcionário de carreira, trabalhou também com George H. W. Bush.

Dirk Kempthorne

Secretário do Interior que, no segundo mandato de George W. Bush substituiu Gale Norton (primeira mulher a assumir este cargo). É Republicano. Foi senador e governador do Estado de Idaho (estado com 1,4 milhões de habitantes). De longa carreira no serviço público, é visto como uma liderança e um bom entendedor de política. Kempthorne revela-se um conservador no governo George W. Bush, sendo um defensor das posturas anti-ambientalistas.

Carlos Gutierrez

Nascido em Cuba, ex-presidente da *Kellogg Company* (multinacional de produtos alimentícios), empresa onde começou como motorista. Substituiu Donald Evans frente à Secretaria de Comércio. Gutierrez chegou aos EUA com seis anos, refugiando-se em Miami, e depois foi para o México onde estudou negócios. Entrou para a Kellog (empresa do setor alimentício) e posteriormente foi transferido para Michigan. Com menos de 30 anos, chegou ao topo da empresa, de onde saiu em 2005 para assumir a secretaria de Comércio do gabinete de George W. Bush.

Alberto Gonzales

Alberto Gonzales nasceu em San Antonio, no Texas. Substituiu John Ascroft na Justiça. Filiado ao partido Republicano, é o primeiro hispânico a ocupar o cargo de secretário de justiça. Tem uma relação de longa data com George W. Bush. Sendo indicado por este para a Suprema Corte do Texas. De família de imigrantes mexicanos, Gonzales destacou-se nos estudos e entrou para a Força Aérea dos EUA. Posteriormente, em 1975, prosseguiu seus estudos na Academia Militar. Formou-se em Ciências Políticas e depois em Direito, em Harvard. Seu contato com George W. Bush ocorreu no Texas, onde Gonzales trabalhou como advogado de uma firma, da qual posteriormente se tornou sócio, afastando-se a partir do convite do então governador George W. Bush para assumir a Secretaria de Estado. Logo depois, entra para a Suprema Corte do Texas. Gonzales e Bush não só estiveram juntos no governo do Texas como tiveram que dar explicações em casos polêmicos da história recente da política dos EUA; a primeira delas sobre o passado alcoólatra de George W. Bush, e a

segunda sobre a crise da Enron, empresa com a qual Gonzales tinha ligações profissionais. Por fim, destacamos que Gonzales teve grande importância nas medidas do governo dos EUA, que se seguiram aos atentados de 11\09\01, dentre elas as que diminuíram as liberdades civis e aumentaram o poder de investigação da polícia.

Elaine Chao

Republicana, no governo George W. Bush desde 2001. Nasceu na ilha de Taiwan e imigrou para os EUA aos oito anos de idade. Morou em Nova York, onde estudou economia e concluiu um MBA em Harvard. Sua competência rendeu-lhe mais de 26 títulos de homenagem em Universidades mundo afora. Começou sua carreira no Citibank, aceitou trabalhar para a Casa Branca em 1983, entrando para o partido Republicano da Califórnia. Em 1989, a convite de George H. W. Bush, assumiu a secretaria de Transporte. Nos anos de 1990, trabalhou em secretarias do governo ligadas a temas educacionais, culturais e referentes a voluntariado, como por exemplo, o *Peace Corps* e a *United Way of America*. No final dos anos de 1990, entrou para a *Heritage Foudation*. Assumindo em 2001, a Secretaria do Trabalho, cargo onde permaneceu durante o segundo mandato.

Donald Rumsfeld

Republicano linha dura e defensor da Guerra do Iraque e do uso do poder aéreo nos combates envolvendo os EUA, permaneceu no poder até sua renúncia em 09 de novembro de 2006, após a vitória dos Democratas nas eleições legislativas. Político experiente, já foi embaixador, deputado e esteve em vários governos (Eisenhower, Gerald Ford, Nixon, George H. W. Bush e George W. Bush). Com longa experiência, fez uma importante ligação entre as idéias neoconservadoras e o partido Republicano.

Rumsfeld tem uma peculiaridade em relação a esse cargo que já ocupou anteriormente: é o mais velho Secretário da Defesa e foi o mais novo na ocasião em que compôs o gabinete do governo Ford. Filho de imigrantes alemães e de formação militar, além da experiência política, ele também conhece o universo empresarial, tendo trabalhado em empresas farmacêuticas e de biotecnologia. Ligado aos *Think Tanks: Rand Corporation, Hoover Institution* e ao PNAC, de fala direta e muitas vezes polêmica, Rumsfeld foi

considerado o principal mentor do contra-ataque ao 11\09\01, que culminou nas guerras quase simultâneas do Afeganistão e do Iraque. Também foi um dos responsabilizados politicamente, pelos casos de abuso e de tortura, por parte do exército americano, no Iraque e na prisão de Guantánamo. Em 2006, foi substituído pelo ex-diretor da CIA Robert M. Gates (1991 – 1993), que tem uma trajetória ligada a Guerra Fria, pois foi um dos personagens envolvidos no escândalo Irã - Contras¹⁸⁸, o que o impediu de dirigir a CIA por indicação de Ronald Reagan em 1987. Gates também é pesquisador do *Think Tanks Forum for International Policy*.

Condoleezza Rice

Filha de pastor da Igreja Presbiteriana, especialista em Guerra Fria, próxima a George W. Bush ganhou poder e prestígio no segundo mandato, passando de conselheira de Segurança Nacional à Secretária de Estado. Professora de Ciência Política em Stanford (1981– 2000), ligada ao *Think Tanks Hoover Institution*, Rice, como muitos dos seus colegas de gabinete, começou no partido Democrata, tendo na política externa do governo Carter (1977-1981) a razão de sua saída desse partido e da aproximação com os Republicanos. Especializou-se em temas relacionados à União Soviética, o que possibilitou sua entrada ou admissão na pasta de assuntos de segurança do governo George H. W. Bush, sendo assistente para assuntos de segurança e referentes à URSS e à Europa. Tendo êxito, chegou à conselheira direta do presidente para assuntos de segurança. A aproximação com George W. Bush ocorreu antes de sua vitória, em 2000; Rice trabalhou com exclusividade na elaboração de seu programa de governo para a política externa.

Margaret Spellings

Trabalhou como assistente do presidente para assuntos domésticos antes de assumir a Secretaria da Educação. Destacou-se pelo projeto *No Child Left Behind*, de 2001, promessa de campanha que aumentou a flexibilidade em relação às possibilidades educacionais nos EUA e que, de certa forma, reflete a experiência educacional implementada por George W. Bush quando foi governador do Texas. Com um perfil discreto, Margaret tem sido uma peça

¹⁸⁸Escândalo que envolveu a venda de armas americanas para insurgentes iranianos.

importante no gabinete de George W. Bush por trabalhar com educação há mais dez anos (está com ele desde que era governador do Texas). Apesar da grande afinidade, apenas em 2005 assumiu a secretaria da educação, substituindo Roderick Raynor Paige no cargo.

Samuel W. Bodman

Já na casa dos 70 anos, engenheiro químico de Chicago, Bodman também tem experiência no setor financeiro no qual trabalhou como secretário do tesouro e também como professor universitário. Em 2001, foi indicado por George W. Bush como representante na secretaria de Comércio passando para o Tesouro dois anos depois. Em 2004, assumiu a secretaria de energia, cargo onde permaneceu no segundo mandato.

Norman Mineta

Um Democrata na constelação republicana de George W. Bush. Mineta é próximo à comunidade japonesa da Califórnia; deu seus primeiros passos políticos dentro dessa comunidade que viveu momentos difíceis durante a segunda Guerra Mundial. Formado em negócios, alistou-se no exército onde trabalhou na área de inteligência durante as guerras da Coreia e Japão. Como político, foi prefeito de *San Jose* entre 1971 e 1975, ganhando notoriedade por ter sido o primeiro sino-americano a governar uma cidade nos EUA. Com forte apoio do Vale do Silício, nos anos de 1980, Mineta foi eleito deputado, destacando-se na área de transporte e nas relações dos EUA com o pacífico asiático. Em 2000, foi escolhido pelo governo Clinton para assumir a secretaria de comércio. Com a vitória de George W. Bush, naquele mesmo ano, Mineta foi indicado para a Secretaria de Transporte, cargo que aceitou após já tê-lo recusado nos anos de Clinton. Ganhou destaque à frente dessa secretaria quando, em 11\11\01, após os ataques terroristas, suspendeu o tráfego aéreo provocando uma situação caótica nos aeroportos dos EUA.

Michael O. Leavitt

Trata-se do secretário da saúde e dos serviços humanos. Mórmon e filiado ao partido Republicano. Formado em economia e negócios, Leavitt foi eleito governador do estado de Utah em 1992, sendo reeleito em 1996, com recorde de votação, atingindo um terceiro mandato em 2000. Em 2003, foi escolhido por George W. Bush como administrador da Agência de Segurança Ambiental, cargo em que ficou até 2005, assumindo no ano seguinte, a secretaria de Saúde e Serviços Humanos. Leavitt também participou, como conselheiro, na Secretaria de Segurança Doméstica e, hoje, destaca-se no combate à gripe aviária, que considera uma das mais sérias ameaças à segurança dos EUA.

John Snow

Secretário do tesouro americano, desde 2003. Antes de entrar para a política fez uma carreira bem-sucedida na academia, estudando e trabalhando em importantes universidades da área de economia e direito. Nos anos 1970, entrou como assistente na secretaria de transporte no governo Nixon–Ford. No final dos anos 70, com a eleição de Carter, Snow retorna à Universidade e entra no *Think Tanks American Enterprise Institute*. Nos anos de 1980, trabalha no setor ferroviário aproveitando sua experiência no setor de transportes e no governo. Nesses anos, Snow ficou conhecido por ser um dos quatro homens de confiança de Ronald Reagan, que o colocou na Secretaria de Transporte. Nos anos de 1990, mostrou-se influente e aglutinador de forças políticas, montando comitês e elaborando projetos para a economia dos EUA. Em 2003, a convite de George W. Bush, assumiu a Secretaria do Tesouro.

Michael Chertoff

Um dos nomes em ascensão no governo Bush. Experiente na política, trabalhou para os governos de George H. W. Bush e de William Clinton, no qual esteve até 1994. Está à frente da recém-criada Secretaria de Segurança Interna. De perfil conservador, membro da sociedade federalista, filho de rabino, Chertoff comandou o departamento de justiça entre 2001 e 2005. Formado em Harvard, trabalhou na investigação, feita pelo partido Republicano,

dos negócios de Bill e Hilary Clinton em Arkansas. Após o 11\09\01, liderou o interrogatório de cerca de 5000 árabe-americanos. É uma peça central do governo George W. Bush na Guerra ao Terrorismo, sendo um dos co-autores do Ato Patriótico, que fundamenta a Secretaria de Segurança Interna.

Alphonso Jackson

Nasceu no Texas. Está no governo desde 2001, à frente da Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Nos anos de 1980, presidiu a *American Electric Power* - empresa texana de energia. Teve o primeiro contato com George W. Bush quando este era governador do Texas.

Jim Nicholson

Secretário para assuntos relacionados a veteranos de guerra. Esta no cargo desde 2005. Membro do partido Republicano, formado em direito, estudou na academia militar dos EUA, em West Point, Nova York. Serviu no exército por mais de trinta anos, sendo oito deles em combate (Vietnã). Em 1991, afastou-se das forças armadas com a patente de Coronel. Na política, começou sua trajetória no partido Republicano no Colorado, em 1986. No primeiro mandato do governo George W. Bush foi embaixador dos EUA no Vaticano.

Joshua B. Bolten

Chefe de Gabinete, cargo importante de forte viés político, Bolten é filho de agente da CIA, participou ativamente da campanha de George W. Bush nas duas eleições, tendo passado pelo setor privado, onde trabalhou para a Golden Sachs.

Rob Portman

Republicano de Ohio, próximo a Bush. É o diretor do escritório de manejo do orçamento, cargo para o qual foi nomeado em abril de 2006. Foi deputado por Ohio, líder do

Partido Republicano e representante comercial no primeiro governo George W. Bush. No atual cargo, trabalha com Clay Johnson III, nome próximo a George W. Bush, que o acompanha desde o governo do Texas.

Stephen Johnson

Secretário da Agência de Meio Ambiente desde 2005. Trata-se de um funcionário de carreira do setor há 25 anos, tempo durante o qual ocupou vários cargos dentro da Agência.

John Walters

Um dos nomes mais polêmicos do gabinete, à frente da Secretaria de Política e Controle das Drogas, Walters já fez várias declarações polêmicas, algumas delas provocando mal-estar nas relações dos EUA com a América Latina. Próximo aos neoconservadores, grupo com quem dialoga através dos *Think Tanks Hudson Institute* e *New Citizen Project*, escreveu um livro sobre o combate às drogas em co-autoria com o neoconservador William Bennett.

Ed Schafer

Secretário da Agricultura desde outubro de 2007, foi governador da Dakota do Norte (1992-2000). Empresário do setor de alta tecnologia, Schafer é membro do grupo *Americans for Prosperity*, que defende o livre mercado com governo limitado¹⁸⁹.

Michael Mukasey

Substituto de Alberto Gonzáles no Departamento de Justiça, função que assumiu em novembro de 2007. Antes de ir para Washington, Mukasey fez carreira como juiz em Nova York, ocupando por 18 anos, o cargo de juiz da corte deste Estado. Filho de imigrantes russos, de uma família judaica, estudou em escola ortodoxa na juventude, depois estudou direito nas universidades de Columbia e Yale. Trabalhou nas investigações dos atentados do World Trade Center (W.T.C) em 1993. Aproximou-se do partido Republicano a partir de

¹⁸⁹ Cf. <<http://www.americansforprosperity.org/>>. Acesso em: 03 de mar. 2008.

Rudy Giuliani. Fez contato com George W. Bush quando defensor, na opinião pública, o Ato Patriótico de 26\10\2001.

Mary E. Peters

Secretária de Transportes, Peters fez carreira nesta área no Arizona. Posteriormente em Washington, onde trabalhou na administração das estradas federais, passando para Co-Vice *Chairwoman of the National Surface Transportation Policy and Revenue Study Commission*, assumindo a secretaria de transportes no final de setembro de 2006.

Henry M. Paulson Jr.

Secretário do Tesouro desde julho de 2006. Ligado ao Fundo Monetário Internacional (FMI), trabalhou na Goldman Sachs. Desde os tempos de faculdade, tem ligações com grupos cristãos e com ativistas pró-conservação do meio ambiente¹⁹⁰. No gabinete de W. Bush destaca-se por defender posturas de combate ao aquecimento global e por ter bom trânsito no setor financeiro.

Jim Nussle

Diretor do Escritório de Administração e Orçamento desde setembro de 2007. Deputado do partido Republicano (1991-2007) por Iowa, estado em que tentou o cargo de governador em 2006, perdendo para o candidato Democrata, Chet Culver. Advogado e de ascendência dinamarquesa, Nussle, apesar de ter uma trajetória mais próxima aos Democratas, como político sempre defendeu uma bandeira conservadora. Na campanha pela nomeação do candidato Republicano em 2008, Nussle apoiou a candidatura fracassada de Giuliani.

¹⁹⁰ Paulson chegou a doar 100 milhões para um fundo pro-conservação da China.

Susan Schwab

Substituiu Rob Portman na Diretoria do Escritório de Manejo do Orçamento. Cargo que ocupa desde abril de 2006. Schwab teve uma carreira administrativa de sucesso na Motorola. Na política começou trabalhando para o senador John Danforth e posteriormente esteve na Secretaria de Comércio, no governo de George H. W. Bush. Pesquisadora do Think Tanks Council on Foreign Relations (CFR).

Tabela 7 – Perfil comparado quanto a gênero e cor da pele, em porcentagem, entre os gabinetes de George H. W. Bush (1989- 1993) e os gabinetes de George W. Bush: primeiro mandato (2001-2005) e segundo mandato iniciado em 2006.

Presidente	Homen s	mulheres	negros	brancos	latinos	Asiático s
George H. W. Bush (1989-1993)	93	7	7	71	14	0
George W. Bush (2001- 2005)	79	21	14	43	7	14
George W. Bush (2006)	81	19	4.8	76	4.8	9.5

Tabela 8 – Nomes importantes do governo George W. Bush que deixaram o governo desde 2006.

Nome	Cargo
Donald Rumsfeld	Secretário de Estado
Dan Bartlett	Assessor jurídico
Alberto Gonzáles	Advogado geral
Karl Rove	Assessor especial
Tony Snow	Porta-voz
Karen Hughes	Enviada especial aos países muçulmanos

5 - O Desempenho eleitoral de George W. Bush em 2004.

O mandato que começou impopular, terminou batendo recordes de popularidade e George W. Bush buscou a re-eleição contra John Kerry, um candidato liberal, formado pela elite americana, católico e com fortuna pessoal. Os temas morais continuaram decisivos na eleição de 2004, mas perdeu os holofotes para o terrorismo e para a Guerra do Iraque (estes entendidos como os temas centrais para 34% do eleitorado contra 22% que apontavam os temas morais¹⁹¹ como o decisivo para o voto). Quando notamos a associação que os eleitores de cada um dos candidatos fizeram de seu postulante à Casa Branca, temos uma imagem reveladora. Para mais de 90% dos eleitores de Kerry, seu candidato era inteligente e trazia a mudança. Os eleitores de George W. Bush 91% consideram a fé religiosa do candidato, sua principal qualidade como postulante. Portanto, quem votou em George W. Bush em 2004, esperava um presidente religioso e, viam esta religiosidade como um diferencial positivo.

Tabela 9: Um recorte dos votos de George W. Bush (em porcentagem de votos)¹⁹²

Grupos	2000	2004
Hispânicos	35	44
Católicos	47	52
Judeus	19	25
Evangélicos	71	76
Protestantes	56	59
Pessoas com porte de arma	61	63
Pessoas que passaram pelo exército	n\ d	57

Fonte: Pesquisa Nacional feita pela CNN em 2000 e 2004 como o eleitorado logo após votação.¹⁹³

¹⁹¹ Dados do *The Economist* de 23/06/05.

¹⁹² Entre 2000 e 2004 W. Bush aumentou seus votos em 23%.

¹⁹³ <http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>. Acessado em 09/07/04.

Kerry conseguiu manter os votos que Gore conquistou em 2000, entre os protestantes (principalmente entre luteranos e anglicanos). Já George W. Bush conseguiu um avanço grande entre os católicos¹⁹⁴ e protestantes não evangélicos. Mantendo a vitória que já tinha conquistado quatro anos antes entre carismáticos e evangélicos protestantes e não protestantes¹⁹⁵. A vitória de 2004 pode ser analisada, a partir do elemento religioso que foi fundamental para a vitória de W. Bush. Se analisarmos o perfil de quem votou em W. Bush, dois grupos se destacam: o dos evangélicos (que em 2004 representou perto de 40% de todos os votos que Bush recebeu) e o aumento do voto no candidato Republicano na medida em que a pessoa frequenta mais a Igreja (17% do total de votos vieram de pessoas que semanalmente frequentam a Igreja). Analistas apontam o ir a Igreja como o principal diferenciador entre os perfis de quem votou em W. Bush ou em Kerry (PEW RESEARCH CENTER, 2008). Dentre as pessoas que vão mais de uma vez por semana à Igreja, Bush teve 64% dos votos¹⁹⁶. Já a situação oposta aparece nos votos de Kerry, ou seja, entre as pessoas que nunca vão à Igreja, Kerry teve 62%.¹⁹⁷

Tabela 10: A Disputa de 2004 entre John Kerry (Democrata) e George W. Bush (Republicano)

A Disputa de 2004 entre John Kerry (democrata) e George W. Bush (republicano).						
			KERRY			W. BUSH
	peças que					
	passaram pelo		41			57
	exército					
	peças casadas		42			57
	gays/lésbicas		77			23
	ou bissexuais					
	peças com		36			63

¹⁹⁴ Apesar de Kerry ser católico pesou contra ele sua postura pro - escolha em relação ao Aborto.

¹⁹⁵ Segundo dados de julho de 2005 levantados pela revista *The Economist*, a evangelização avançou entre a geração baby-boom, chegando aos latinos (8 milhões) e aos negros (25 milhões).

¹⁹⁶ Resultado parecido também entre as pessoas que dizem rezar diariamente. Neste eleitorado W. Bush teve 61%.

¹⁹⁷ Quando o tema é o aborto, dentre os contrários, em todos os casos, 77% manifestaram apoio a W. Bush contra 22% para Kerry. Mas vale destacar que a maioria da população é favorável ao direito de escolha.

	porte de armas				
	Estudo até pós-graduação		55		44
			Conforme a Religião		
	Protestantes		40		59
	Católicos		47		52
	Judeus		74		25
	Evangélicos		21		78
			Gênero\ raça		
	homens		44		55
	mulheres		51		48
	homens brancos		37		62
	mulheres brancas		55		44
	brancos		41		58
	afro-americanos		58		11
	latinos		53		44
	asiáticos		56		44
			Ocupação territorial		
	Morando nas cidades		54		45
	morando nos subúrbios		47		52
	morando em áreas rurais		42		57

Fonte: CNN <<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

Tabela 11: Distribuição do eleitorado que votou guiado por valores em 2004.

Mulheres	43%
Homens	57%
Branco	87%
Negros	6%
Latinos	7%
Afirmam-se renascidos cristãos	42%
Casados com filhos	35%
Liberais	11%
Moderados	32%
Conservadores	57%
Consideravam a situação do Iraque como boa	66%

Fonte: CNN <<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

Tabela 12: A identificação do eleitorado em 2004.

Se diziam liberais	21%
Se diziam moderados	45%
Se diziam conservadores	34%
Entre o eleitorado liberal, Kerry teve	85%
Entre o eleitorado conservador, Bush teve	85%

Fonte: CNN <<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>>. Acessado em: 26 de fev. 2008.

Outras pesquisas, contudo, chamam atenção para outros aspectos da vida religiosa nos EUA e sua influência eleitoral. Pesquisa da Gallup (2001), mostrou que na década de 1990, houve um declínio da porcentagem de pessoas que se identificaram como cristãos de 86.7% em 1990 para 77% em 2001. Esta mudança soma-se ao fato que em 2001, a mesma pesquisa aponta que cerca de 30 milhões de estadunidenses se declaravam sem religião¹⁹⁸. Pesquisa do

¹⁹⁸Para melhor dimensionarmos este universo vale compararmos com outros grupos como o dos Católicos (50.9 milhões), Batistas (33.8 milhões) ou muçulmanos (1.6 milhões).

*Pew Research Center*¹⁹⁹, feita em 2002, mostrou entre outras coisas que, para 67% das pessoas, os EUA são uma nação cristã; 53% se declaram protestantes, 50% acreditam que os EUA como nação tem a proteção de Deus e para 58% a força da sociedade americana esta na fé religiosa de seu povo. Todos estes dados nos revelam uma nação religiosa. Mas, como vimos até agora, esta nação está passando por um processo de grandes transformações. Cenário que vem sendo orientado também pelas idéias neoconservadoras.

Um outro dado importante é percebemos que há grandes divisões dentro do espectro conservador que apoiou George W. Bush. Estar no centro de um campo de força que vai dos libertários (contrários a qualquer expansão do governo) aos neoconservadores (que querem repensar o papel dos EUA no Sistema Internacional), faz com que o governo tenha uma tarefa difícil: conciliar uma postura conservadora que tem variações em seus aspectos sociais, econômicos e culturais. A força eleitoral do Partido Republicano torna-se assim, algo muito instável e de difícil consenso. Ser conservador na política social pode não agradar aqueles que esperam um governo conservador no campo cultural.

E entre os evangélicos, por mais que temas como o aborto, o casamento gay e a pesquisa com células tronco os mobilizam, e de certa forma os levam aos candidatos Republicanos, há também uma crescente mobilização evangélica puxada por uma nova geração de pastores como Rick Warren e Bill Hybels²⁰⁰ que se preocupam com a fome mundial, o avanço do HIV na África e a destruição do meio ambiente, temas mais próximos aos Democratas.

Uma outra pesquisa de 2007, feita pela Barna Group²⁰¹ mostra que a imagem que os jovens tem em relação aos cristãos em geral é negativa, a associando principalmente a pessoas que julgam as outras (87%), pessoas hipócritas (85%), fora de moda (78%) e politiqueros (75%). Esta pesquisa dialoga com outra feita pela Gallup (2006) que investigou a imagem que os americanos têm de Deus: 44% o associam a uma imagem autoritária, 29% benevolente, 21% como crítico não intervencionista e 24% como majoritariamente distante.

¹⁹⁹ Cf. <http://pewresearch.org/> Acesso em: 12\01\08.

²⁰⁰ Outros nomes da nova geração: Jim Wallis (reverendo de Michigan, militante e articulista de revistas cristãs), Ron Sider (teólogo canadense, radicado nos EUA) foi um dos fundadores e um dos mais ativos militantes do grupo *Evangelicals for Social Action*, que associa evangelização com causas sociais. Cf. <http://www.esa-online.org/Display.asp?Page=home>. (acessado em 09\02\08) e Tony Campolo, pastor evangélico, escritor, foi um dos conselheiros de Clinton durante o escândalo Mônica Lewinsky.

²⁰¹ <http://www.barna.org/> . Acessado em 03/03/08.

Tabela 13: Maiores porcentagens de eleitores evangélicos nos EUA

Iowa	30%
Ohio	27%
Michigan	24%
Florida	23%

Fonte: < <http://www.barna.org/> > Acesso em: 03 de mar. 2008.

Em síntese, o raciocínio de que os Republicanos souberam melhor galvanizar o crescente conservadorismo do eleitorado americano pode ter encontrado seu pico no governo George W. Bush, mas isso não quer dizer que os Republicanos terão o monopólio do voto evangélico nas eleições que virão.

6 - O Legado de George W. Bush

Os estrategistas do Partido Republicano e os analistas políticos dos EUA ligados ao processo eleitoral acreditavam, em idos de 1950, que os Republicanos poderiam construir uma maioria se avançassem entre os católicos conservadores majoritariamente no norte dos EUA e entre os protestantes do sul. Os Republicanos conseguiram a partir de meados dos anos de 1980, formar uma maioria, porém, com outro perfil. A eleição de George W. Bush em 2000 mostrou um novo perfil que posteriormente foi consolidado em 2002 (eleições legislativas) e 2004 (eleições presidenciais). O Novo perfil tem em sua base um eleitorado conservador, porém fortemente influenciado pela onda evangélica que marcou a geração dos *baby-boomers*. Estamos falando de um eleitorado onde 40% é evangélico ou pentecostal ou que define-se como fundamentalista. Esta base sólida de apoio gerou no governo W. Bush (ele próprio um evangélico renascido) políticas específicas e deixaram, após 8 anos de governo, algumas marcas que iremos analisar.

Um aspecto que se destaca dentre as iniciativas do governo W. Bush foi seu apoio, como governo, a organizações religiosas. Trata-se de comunidades religiosas como, por exemplo, *Catholic Charities*²⁰², *Lutheran Services*²⁰³ of America e *Jewish Federations*²⁰⁴ que durante o governo, receberam dinheiro público para prestar serviços seculares. Estes serviços podem ser

²⁰² Cf. <http://www.catholiccharitiesinfo.org/NetCommunity/Page.aspx?srcid=-2>. Acessado em: 09/03/07

²⁰³ Cf. <http://www.lutheranservices.org/>. Acessado em 09/03/07

²⁰⁴ Cf. <http://www.ujc.org/>. Acessado em 03/05/07

ligados à educação, serviço social, combate às drogas, criminalidade e ao treinamento profissional. O governo Bush, principalmente no seu primeiro mandato (2000-2004), colocou os investimentos nas comunidades e grupos religiosos como uma de suas principais estratégias para a política doméstica. Dentro desta iniciativa, uma das mais polêmicas envolveu o combate à gravidez na adolescência. A questão foi polêmica, pois a maior parte dos grupos religiosos financiados acreditava que era errado adolescente fazer sexo. Defendendo que os jovens deveriam ser educados a não fazerem sexo antes da vida adulta²⁰⁵. Um outro ponto é que estes grupos desassociam a incidência da gravidez ao uso de contraceptivos. Em outras palavras, para estes grupos, as pesquisas mostravam que apesar da alta disponibilidade e da popularização dos contraceptivos entre 1970 e 1990, os índices de gravidez na adolescência não diminuíram e também revelaram que 15% das mulheres, em média, que usavam algum tipo de contraceptivo regularmente, acabavam engravidando.

Apesar da iniciativa do governo de apoiar grupos religiosos, e tal política contar com alto apoio popular (segundo a *Pew Reserach Forum*, 70% aprovavam a iniciativa) no caso do problema da gravidez na adolescência, 39% acreditam que as organizações religiosas eram o grupo mais adequado para lidar com o tema, enquanto que ONGs foram escolhidas por 42%. A questão da gravidez na adolescência trouxe a desconfiança que os grupos religiosos poderiam estar misturando questões morais como problemas sociais e de saúde pública. Se por um lado, as organizações religiosas têm legitimidade no cotidiano das pessoas e da comunidade e envolve pessoas comprometidas e motivadas em seus afazeres, por outro lado, estes grupos não dão conta de toda a sociedade e, em alguns temas, o lado religioso e moral se sobrepõe ao social. Na perceptiva do governo não se trata de abraçar uma religião, mas sim, cabe ao governo facilitar todas as formas de auxílio que cheguem às pessoas que estão precisando.

O apoio do governo George W. Bush as iniciativas de fé nos leva a uma outra discussão que também pode ser entendida como uma de suas principais marcas de governo: a relação entre ciência e religião. A base religiosa que elegeu e apoiou ao governo W. Bush vinha de longa data lutando contra a ciência secular ensinada nas escolas públicas. O criacionismo sempre foi uma vertente aceita entre os estadunidenses (em pesquisa realizada pelo instituto Gallup em 2006, 46% dos pesquisados acreditavam no criacionismo) e apesar

²⁰⁵ Os Batistas, por exemplo, criaram o programa “True Love Waits” (o verdadeiro amor espera) em que os jovens são incentivados a esperarem amadurecerem para iniciarem a vida sexual.

de proibido nas Escolas²⁰⁶, alguns grupos continuaram incentivando o criacionismo tentando banir o ensino do evolucionismo.

Durante os anos de 1990, fruto das reflexões de Phillip Johnson²⁰⁷ e de grupos como o *Discovery Institute*²⁰⁸ (sede em Seattle) surgiu uma nova roupagem para a discussão na forma da teoria do *Intelligent design* que se propõe a dialogar com o evolucionismo e com toda a ciência secular mostrando que é possível encontrar marcas do criador em toda biologia, física e astrologia²⁰⁹. Deus teria não só guiado a evolução como teria deixado suas marcas em todo o processo; estas estariam a disposição daqueles (cientistas ou não) que as procuram. O cerne da questão é que a ciência secular não procura os sinais porque não acredita, se acreditasse, acharia-os, pois, os sinais estariam disponíveis para os que procuram; também confirmariam a existência de uma causalidade inteligente nos processos biológicos (DEMBSKI, 1999).

Durante o governo George W. Bush não só o criacionismo e o *Intelligent Design* ganharam destaque como também temas como o ato de rezar nas escolas, o direito dos pais de ensinarem seus filhos em casa e a chamada “sound science²¹⁰”, voltaram a serem discutidos na opinião pública. O Governo W. Bush tanto partindo de temas como evolucionismo, contracepção chegando até a pesquisa genética²¹¹ e as questões de poluição e crise ambiental mostrou-se contrário ao consenso científico. A base conservadora do governo Bush passou a buscar seus próprios especialistas e a financiar suas próprias pesquisas sobre temas como: gravidez na adolescência, teoria da evolução, aquecimento global, aborto, AIDS, câncer e efeitos do tabaco no organismo. Quanto ao meio ambiente, a postura do governo foi norteadada por uma lógica cujo cerne se traduz numa incerteza em relação ao futuro que justificaria a não ação no presente. Na saúde a postura do governo foi a de “esperar por mais pesquisas” para evitar agir sem ter certeza dos efeitos da ação. Em outras palavras, em alguns temas por falta de certeza, o governo George W. Bush não agiu. O principal exemplo desta postura foi quanto à discussão sobre aquecimento global. Quanto a este tema, grupos que financiaram a

²⁰⁶ Cf. *Epperson vs. Arkansas*, 1968 e *Scopes vs. Tennessee*, 1925.

²⁰⁷ Professor de Direito em Berkeley por 30 anos. Johnson escreveu em 1991, o livro *Darwin on Trial* que marca o início da teoria do *Intelligent Design*.

²⁰⁸ Cf. <http://www.discovery.org/>. Acessado em 08/02/08.

²⁰⁹ O *Intelligent Design* une cientistas e PHDs que são também conservadores cristãos buscando assim não só colocar-se como uma alternativa ao evolucionismo mas fundamentalmente a estratégia é dar credibilidade acadêmica a um movimento que nasce no conservadorismo cristão dos anos de 1990.

²¹⁰ Sound Science é a idéia de que, às vezes, sem muita certeza, faz-se muito barulho sobre algo. Os exemplos mais comuns são: o caso do aquecimento global e dos males do cigarro. Argumenta-se que talvez não haja comprovação suficiente de que o aquecimento global seja uma consequência da poluição produzida pelo ser humano ou que fumar cause alguns tipos de câncer. O primeiro a falar em sound science foi o pai de George W. Bush, o ex-presidente George H. W. Bush.

²¹¹ Nesta perspectiva o governo opõe-se a pesquisa com células embrionárias, argumentando, entre outras coisas, que não se pode criar uma vida para em seguida destruí-la; um argumento de fundamento moral.

campanha de W. Bush como, por exemplo, a *Exxon Mobil* não tinham interesse numa legislação mais dura em relação à poluição, financiando como estratégia, grupos como *Marshall Institute*²¹², *Frontiers of Freedom*²¹³ e *Heartland Institute*²¹⁴ que em troca, produziram relatórios e reportagens questionando as conclusões dos relatórios das Nações Unidas sobre o Aquecimento Global (ou quanto a uma crise ambiental).

A conclusão destes grupos, que depois também foi adotada pelo governo, foi que o clima teria variações naturais, portanto não se pode concluir que esteja em curso um aquecimento global causado pelo ser humano. Em outras áreas como, por exemplo, a da nutrição, a mesma lógica se fez presente, o que dificultou o desvencilhamento das empresas de refrigerante e de *fast-food* dos problemas de obesidade da sociedade americana. Em síntese, um dos legados deixados por George W. Bush foi tratar a ciência como uma produtora de incertezas as quais o governo deve ter precaução para adotar.

Uma outra característica da gestão W. Bush foi a importância eleitoral que os evangélicos passaram a ter tanto no Partido Republicano como nas eleições gerais. Os evangélicos cresceram nos EUA focados na conversão e na adesão religiosa e num ambiente de despertar e de renovação da fé²¹⁵. E o pentecostalismo aparece como uma reação à racionalização das Igrejas tradicionais e como consequência das mudanças da sociedade. A evangelização somada ao fundamentalismo cristão (que nasce nos EUA como uma reação às mudanças sociais da década de 1960) como o pentecostalismo das Igrejas protestantes e ao movimento de Renovação Carismática que começou em Pittsburgh em 1967, formou um eleitorado no limiar do século XXI que, em votos, representou cerca de 1/4 do total do eleitorado. Entre as décadas de 1960 e 1990, grupos evangélicos, conservadores e cristãos se organizaram em âmbito local com algumas lideranças nacionais emergindo deste processo, como por exemplo: Jerry Falwell, Pat Robertson e James Dobson. Estes grupos organizados em esfera local, mas com uma interligação que nacionalmente gerava força e visibilidade, ficaram conhecidos como Direita Cristã.

George W. Bush contava com o apoio da Direita Cristã. Para isso se concretizar foram fundamentais os trabalhos de: Ralph Reed (herdeiro da Coalizão Cristã de Pat Robertson), James Dobson (responsável por um dos programas de rádio de maior audiência dos EUA – o *Focus on the Family*²¹⁶) e Richard D. Land (uma liderança entre os batistas do Sul). O

²¹² Cf. <http://www.marshall.org/>. Acessado em 01/02/08.

²¹³ Cf. <http://www.ff.org/>. Acessado em 05/02/08

²¹⁴ Cf. <http://www.heartland.org/>. Acessado em 19/03/07

²¹⁵ Alguns historiadores classificam este momento como o 4º Despertar da história dos EUA.

²¹⁶ Cf. <http://www.family.org/>. Acessado em 22/09/07.

principal alvo da campanha de W. Bush dentro da Direita Cristã foram os evangélicos que responderam com 78% de apoio na eleição, o que significou 3.8 milhões de votos.

Incentivado e apoiado por sua base religiosa e conservadora, George W. Bush deixa um legado importante quando analisamos o perfil que este governo produziu na Suprema Corte. Além de nomear dois nomes, foram dois nomes conservadores e, sobretudo, o presidente escolheu dois jovens juizes: Samuel Alito (nasceu em 1950) e John Roberts (1955). Ambos seguem uma linha que alguns autores classificam como fundamentalista (por ter uma postura mais literal da lei e da constituição) linha que já seria adotada por outros dois juizes: Clarence Thomas (escolhido por George H. W. Bush) e Antonin Scalia (escolhido por Ronald Reagan). São quatro juizes conservadores e militantes num universo de nove magistrados. Eles são jovens e portanto, com chances de permanecem na Suprema Corte por muitos anos. W. Bush deu um passo importante almejando construir uma maioria conservadora capaz, por exemplo, de reverter *Roe v. Wade*²¹⁷ pedra fundamental da mobilização evangélica e um dos pilares da base conservadora cristã que desde Carter trocou os Democratas pelos Republicanos.

Outras marcas importantes na política doméstica foram o enfraquecimento do Congresso e o fortalecimento do Executivo pela popularização dos decretos (*administrative orders*)²¹⁸. Segundo Lins da Silva (2008, p. 46):

Somente no mês de outubro de 2007, Bush assinou decretos sobre segurança de tráfego aéreo, assistência médica a veteranos de guerra, proteção a espécies de peixe consideradas em extinção e imigração, muitas dos quais deveriam ter sido encaminhados ao Congresso na forma de projeto de lei.

Contudo, foi na política externa que George W. Bush deixou suas marcas mais notórias. Ao terminar seu mandato com apenas 33% de aprovação e ver sua conduta na guerra do Iraque reprovada por 70%,²¹⁹ percebemos que sua política cujo marco foi o 11\09\2001 teve sua ascensão e queda ao longo dos oito anos de seu governo. George W. Bush anunciou uma guerra global ao terror 12 horas depois dos atentados de 11/09/01 e o que se seguiu, foi uma revolução na política externa, exacerbando ameaças, restringindo as liberdades civis, os direitos humanos e o direito internacional. O gabinete de W. Bush era composto por duas

²¹⁷ Decisão de 1973 da Suprema Corte que torna legal o aborto em todo o território dos EUA.

²¹⁸ O governo também aumentou o número de documentos considerados secretos ou de segurança nacional. O aumento da investigação por parte do governo sobre sua população foi justificada como uma consequência da “Guerra ao Terror”.

²¹⁹ Em termos diplomáticos o governo W. Bush também fracassou com o Irã, Síria, Palestina e na América Latina.

linhas de pensamento de política externa. Uma delas liderada por Condoleezza Rice formada numa escola realista de política externa, tendo como paradigma a Guerra Fria. Já a segunda linha, liderada por Paul Wolfowitz de viés neoconservador, focava no poder de transformação das forças armadas dos EUA.

A postura de invadir e ocupar o Iraque em março de 2003 produziu na política externa de seu governo uma guinada, que alguns autores classificaram como a consolidação da unipolaridade no pós-Guerra Fria e para outros autores, era a sinalização de um novo imperialismo americano²²⁰. Alguns neoconservadores do governo como Richard Perle e Douglas Feith²²¹ classificaram o momento internacional dos EUA como um “internacionalismo revolucionário”. Os neoconservadores acreditavam que o caminho para os EUA no século XXI seria transformar o mundo, evitando uma política externa nacionalista, isolacionista e de cunho liberal, como se discutia nos anos de 1990. Os neoconservadores, porém evitavam falar num poder imperial buscando contornos como o de “hegemonia benevolente” proposto por William Kristol e Robert Kagan ou retomando Theodor Roosevelt, como fez David Brooks escrevendo sobre *national greatness*.

Até o 11\09\01, a política externa do governo W. Bush esteve a cargo do núcleo Condoleezza Rice, Dick Cheney e Donald Rumsfeld que seguiu uma linha nacionalista-realista. Muitos analistas, pós 11/09/01, lembraram do governo de Andrew Jackson (1829-1837) que combatendo os índios numa luta de expansão e conquista discursou sobre a necessidade de levar a civilização e de expandir a liberdade aos índios, considerados bárbaros (JUDIS, 2004). Em vários momentos, George W. Bush discursou em termos de bem x mal, civilização x barbárie, defendendo que os EUA deveriam responder ao ataque de 11\09\01 buscando os terroristas onde quer que eles estivessem. Para tanto, o primeiro passo foi atacar o Afeganistão, o segundo atacar o Iraque, que na perspectiva do governo poderia uma vez “ocidentalizado” servir de exemplo para as nações árabes do Oriente Médio e também seria um porto seguro para os EUA fazerem frente às iniciativas da *Organization of the Petroleum Exporting Countries* (OPEC)²²² de aumentar o preço do barril de petróleo (ver seção 6 do capítulo III).

A presidência de Bush teve seu pico de aprovação como “presidente em guerra” e o Iraque foi o tema central das eleições de 2004, que deram a re-eleição a George W. Bush. O medo da vulnerabilidade gerado pelos atentados, somado a “invisibilidade do inimigo”

²²⁰ Cf. artigos de Max Boot em Wall Street Journal, 2002.

²²¹ Cf. artigos no AEI e no The Weekly Standard (biênio 03\04)

²²² Cf. <http://www.opec.org/home> Acessado em 09\02\08.

caracterizado apenas como “terrorismo fundamentalista islâmico” e a necessidade de união para enfrentar uma guerra, declarada como “guerra ao terror”, deram a George W. Bush e seu governo maioria nas duas casas do Congresso, alta popularidade a figura do presidente e legitimidade para restringir liberdades civis e para fortalecer o poder do governo como foi o caso a partir da criação da secretaria de Segurança Interna (*Homeland Security*) e o Ato Patriótico que o fundamenta.

Apesar do forte apoio interno o governo W. Bush começou seu segundo mandato com pouca credibilidade nas organizações internacionais, baixo apoio entre os países ricos e índices crescentes de anti-americanismo no mundo todo, principalmente no Oriente Médio e nos países islâmicos da África.

Agindo fora da comunidade internacional, acredita-se que George W. Bush esteja deixando um legado de retorno ao imperialismo comprometendo em médio prazo a habilidade dos EUA de agir no Sistema Internacional criando condições mais favoráveis para o desenvolvimento das nações e dos povos. Segundo Judis (2004, p.207): “Graças ao reviver do imperialismo americano da administração Bush a era do Império avançara no século que se inicia, mas ele também será chamado de era do terror”.

Na perspectiva de Washington a *al Qaeda* e o terrorismo islâmico não são reações ao imperialismo americano; dentro da dicotomia proposta por George W. Bush, seriam bárbaros ameaçando a civilização, inimigos que não aceitam e jamais aceitarão o modo de vida e o sucesso dos EUA²²³. Os neoconservadores do governo resgataram a idéia de que os EUA tem um papel na transformação do mundo, somaram a isso o sentimento de onipotência fruto do fim da Guerra Fria e somado ao sentimento de medo e de ameaça produzidos pelos ataques de 11\09\01 concluíram que os EUA não poderiam se amedrontar, não poderiam recuar, não poderiam se tornar reféns. O único risco neste processo, como escreveu Judis (2004), é dos EUA transformarem-se no mostro que estão caçando.

²²³ Para Philip H. Gordon (2007) a vitória na guerra ao terror vira com uma mudança política fruto dos investimentos na educação e no desenvolvimento econômico e político do Oriente Médio. Para este autor, a *Al-Qaeda* tem dois objetivos claros: forçar uma retirada dos EUA do Oriente Médio e estabelecer um novo califado no mundo muçulmano. Quando ao primeiro objetivo, Gordon acredita que ao utilizar como instrumento ataques suicidas e meios violentos, o grupo não teria o apoio da maioria dos muçulmanos, e segundo pesquisas de opinião feitas no mundo árabe, a idéia de um califado tem pouco apoio. Para Gordon a tendência da guerra ao terror é seguir os rumos que teve a Guerra Fria, transformando-se numa guerra entre duas ideologias distintas e bem definidas, que com o tempo apenas uma irá se manter.

Conclusão

O movimento neoconservador já foi chamado de *persuasão, moda e instinto*. É difícil chegarmos a um consenso sobre este tema, pois até mesmo seus atores não apresentam um discurso homogêneo sobre si mesmos. Talvez essa dificuldade tenha relação com o fato de se tratar de um pensamento multifacetado e, de certa forma, pulverizado, já que os neoconservadores, como vimos, transitam entre governos e *Think Tanks*.

Este fato marca a dificuldade de se fazer um mapeamento e apresentar uma definição do que seja o pensamento neoconservador. Todavia, é evidente que foi o liberalismo, em suas vertentes filosóficas e políticas, que estimulou os intelectuais a moldarem o pensamento neoconservador.

Quando iniciamos esta pesquisa, nos propomos a mostrar a influência dos neoconservadores na política externa de George W. Bush, para isso, buscamos entender a trajetória deste pensamento em sua vertente acadêmica (os Intelectuais de NY), social (movimentos anti-totalitários organizados nos anos de 1970) e política (os *Think Tanks*). Para tanto, mapeamos os principais nomes neoconservadores e suas estratégias de ação (as revistas e *Think Tanks*), exercício que nos levou ao governo de George W. Bush e a concentrarmos nossa atenção no estudo da política externa dos Estados Unidos da América.

Podemos dizer que a política externa de George W. Bush deu nova razão de ser ao pensamento neoconservador. Tal afirmação é perceptível a partir de dois elementos conclusivos desta pesquisa: primeiro, é possível dizer que os neoconservadores acreditam na sustentação da unipolaridade sustentada pela supremacia das forças armadas. Percepção construída pela análise do quadro dos Estados Unidos no limiar do século XXI, ou seja, trata-se de um mundo ameaçado tanto pelo terrorismo muçulmano como pelas ruínas da contracultura dos anos de 1960. Nosso segundo elemento conclusivo condiciona a influência dos neoconservadores no governo de George W. Bush à uma percepção que o neoconservadorismo emergem dentro de um campo de forças maior, a Nova Direita que, em sua gênese, se organiza a partir das transformações da sociedade estadunidense dos anos de 1960. E que caminha nas décadas seguintes remodelando, trazendo novos atores e novas preocupações para a Direita americana. A Nova Direita é a biosfera que deu vida aos neoconservadores. A Direita Cristã é sobretudo, a atmosfera que explica a ascensão e a queda de George W. Bush e de sua política externa.

Ao estudarmos o pensamento neoconservador, nos fica claro que, em última instância,

para eles, somente alimentando o poder americano e os valores presentes na tradicional família judaico-cristã, os Estados Unidos estariam salvos, convicção que traz em seu bojo, a própria salvação da idéia de Ocidente. Um choque de civilizações? Uma nova Guerra Fria? A III Guerra Mundial? De certo podemos constatar a busca do poder americano por transbordar o Sistema Internacional com conseqüências para todos, especialmente para a sociedade estadunidense.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, João Marques. *Os neo-conservadores e a pax americana*. Disponível em <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=33>> Acesso em: 18 set. 2005.

ANDERSON, Benedict. The last empires. *New Left Review*. Londres, v. 193, p. 3-14. 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

_____. Último round . *Margem Esquerda*, São Paulo, n.5, 2004.

ARRANTES, Maria Inez F. *Os EUA e a guerra como instituição: o caso do Irã*. 2004
Dissertação (em Sociologia Política)Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
2004.

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. São Paulo: Ed. UnB, Imprensa Oficial do Estado e IPRI, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

_____. As escalas da turbulência global. *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 5, 2004.

ASH, Timothy Garton. Nada de curvar-se ante gigantes não democráticos. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 15 jan. 2006. Caderno de Política. 2006.

AYERBE, Luis Fernando. *O Ocidente e o “Resto” (A América Latina e o Caribe na cultura do Império)*. CLACSO, Buenos Aires - 2003.

_____. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002.

BACEVICH, Andrew J. *The new american militarism* .Londres. Oxford University Press, 2005.

BAILYN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. São Paulo: Edusc, 1992.

BARBÉ, Esther. *Relaciones Internacionales*. Madrid: Tecnos.

BECK, Ulrich. *O que é globalização ?* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BAUMAN, Z. *Thinking sociologically*. Cambridge: Polity Press, 1990.

BEDIN, Gilmar Antonio. O Realismo Político e as Relações Internacionais, In:, BEDIN et al. *Paradigmas das relações internacionais*. Ijuí. ed. Unijuí, Ijuí . 2004.

BELL, Daniel. *O Fim da Ideologia*. Brasília: UnB, 1960.

BOBBIO, Norberto. *Max Weber, O Poder e Os Clássicos* in: _____. *Teoria Geral da Política*. São Paulo: Ed. Campus, 2000. p. 130-155.

_____. *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

_____. *Estado Governo Sociedade*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *O problema da guerra e as vias da paz*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

BLOCH, Avital H. *El neoconservadorismo en Estados Unidos: una história concisa*. Princeton.

BLOOM, Allan. *The closing of the American mind*. NY: Ed. Thouchstone Book, 1987.

_____. *Gigantes e anões*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1990.

BOOT, Max. What the heck is a Neocon? *WALL STREET JOURNAL*, NY, 30 dez. 2002. 2002.

BRANDS, H.W. *What America owes the world*. Cambridge University Press, 1998.

BRESSER- PEREIRA, SOLA & WILHEIM (ORG). *Sociedade e Estado em Transformação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

_____. O Paradoxo da Esquerda no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.74, p. 25-46, mar. 2006.

BROGGER, Breidlid. *American Culture*. Londres: Ed. Gulliksen and Sirevag, 1998.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *The Choice*. NY: Basic Books, 2003.

BUSH, George W. *Discurso sobre o Estado da União no Congresso dos EUA*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u50926.shtml>> Acesso: 09 mai. 2007.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Ed. UnB, 1982.

CARR, E. H. *Vinte Anos de Crise: 1919-1939*. Brasília: UNB, IPRI; São Paulo: IOESP, 2001.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ed. Cossac & Naif, 2003.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.(1832).

COLOMBO, Sylvia. Sermão pelo bom sucesso das armas da razão. Entrevista com o historiador Robert Darton. *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 11 ago. 2005. Caderno de Política. 2005.

COLTER, Ann. *Slander*. NY: Three Rivers Press, 2002.

DAALDER, Ivo H.; LINDSAY, James M. *American Unbound*. NY: Brooking Institution Press, 2003.

DAO, James. *Soldado vive agonia pela incerteza da volta*. *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 29 set. 2005. Caderno de Política. 2005.

DEMBSKI, William A. *Intelligent Design*. Illinois: InterVarsity Press, 1999.

DEMANT, Peter. A ação norte-americana e a complexidade do Oriente Médio. *Política Externa, São Paulo*, v.13, n.4, maio, 2005.

_____. Com amigos assim, quem precisa de inimigos? *Novos Estudos*, São Paulo. novembro. 2006.

DEUTSCH, Karl. *Política e Governo*. Brasília: Ed. UNB, 1995.

_____. *Análise das relações internacionais*. Brasília: Ed. UNB, 1988.

DISHMAN, Robert B. (Org.) *The State of The Union*. NY: Charles Scribner's Sons editor, 1967.

DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. The Guilford Press, 1995.

_____. *Not by Politics Alone: the Enduring Influence of the Christian Right*. The Guilford Press, 2000.

DREZNER, Daniel W. Et Tu, Kristol ? *The New Republic, Washington D.C*, n. 78, mai. 2003.

DRURY, Shadia B. *Leo Strauss and the American Right*. Vancouver. Palgrave Macmillan, 2006.

DUPAS, Gilberto. *Economia global e exclusão social*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Atores e Poderes na nova ordem global*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império perecerá*. Brasília: UNB, 2000.

EASTON, Nina J. *Gang of Five*. NY: Touchstone Book, 2000.

FERREIRA, Argemiro. Os Estados Unidos, o Iraque e as origens do projeto neoconservador. *Margem Esquerda*, São Paulo, n.6, 2005.

FINGUERUT, Ariel. *O Pensamento Neoconservador e a Política Externa de George W. Bush*: percepções da América Latina a partir das crises do Equador e da Bolívia. 2005, 130 páginas. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

FIORI, Jose Luís. Sobre o Poder Global I. *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 3, 2004.

FONSECA, Gelson Jr. *Relendo um conceito de Jaguaribe* : a permissibilidade no sistema internacional. In: FILHO, Alberto Venâncio; KLABIN, Israel; BARRETO, Vicente (Org.). *Estudos em Homenagem a Hélio Jaguaribe*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FONTES, Carlos. *Contra Bush*. São Paulo: Ed. Rocco, 2004.

FREUD, Sigmund: *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. São Paulo: Ed. Forense, 1970.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

_____. *Nosso Futuro Pós - Humano*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

GALLUP. *Politics and Government*. Disponível em <<http://www.gallup.com/pol>>. Acesso: 02 abr. 2006.

_____. *Pulse of Democracy*. Disponível em:
<http://www.gallup.com/poll/1576/Abortion.aspx> . Acessado em 05\07\01.

GAEBLER, Ted e OSBORNE, David. *Reinventando o Governo*. São Paulo: Mil Comunicações, 1996.

GELLNER, Ernest. *Nacionalismo e democracia*. Brasília: Ed. Unb, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony; LASH, Scott (Org.). *Modernidade Reflexiva*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 73-133.

_____. *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

GILPIN, Robert. *Economia política das relações internacionais*. Brasília: Ed. Unb, 2002.

GOMES, Aura Rejane. *A Questão da Palestina e a Fundação de Israel*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Faculdade de Filosofia Letras Ciências Humanas , Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GORDON, Philip; BETTS Richard. *After the war on Terror*. Foreign Affairs, dez. 2007.

GREEN, John C; ROZELL, Mark J.; WILCOX, Clyde. *The Christian Right in American Politics: marching to the millennium*. Washington D.C: Georgetown University Press, 2003.

GRIFFITHS, Martin. *50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

GUINSBURG, J. (Org.) *A Paz Perpétua: um projeto para hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HASS, Richard N. *The Reluctant Sheriff The United States after the Cold War*. NY: Brookings Inst, 1998.

HANSON, Victor Davis. *Idealism and its discontents*. Disponível em: <<http://www.victorhanson.com/articles>>. Acesso: 30 mar. 2006a.

_____. *What history says about the Iraq war*. Disponível em: <<http://www.victorhanson.com/articles>>. Acesso: 30 mar. 2006b.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2006.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações*. São Paulo: Objetiva, 1997.

IANNI, OCTAVIO. *A era do globalismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

_____. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

JOXE, Alain. *El Imperio Del Caos: Las Repúblicas frente a la Dominación Estadounidense em la Pos guerra Fria*. Cidade de México: Ed. Fondo de Cultura Econômica, 2003.

JUDIS, John B. *The folly of empire*. NY: Ed. Scribner, 2004.

KAGAN, Robert. *Do Paraíso e do Poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. The Benevolent Empire. *Foreign Policy*, Washington D.C. Verão 1998.

KAPSTEIN, Ethan B.; MASTANDUNO, Michael. (Org.) *Unipolar Politics*. NY: Columbia University Press, 1999.

KARNAL, Leandro. Estados Unidos, Liberdade e Cidadania. In: PINSKY, Jaime (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. São Paulo: Ed. Campus, 1989.

KINSSINGER, Henry. *Diplomacia*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 2001.

KRAUTHAMMER, Charles. A fantasia de um ex-neoconservador. O ESTADO DE SÃO PAULO, 2 abr. 2006. Caderno de Política. 2006.

_____. Lott and the Right. *WASHINGTON POST*, 20 dez. 2002. 2006.

_____. The wrong weapons for the Long War. *WASHINGTON POST*, 08 fev. 2006.

KRISTOL, Irving. *Neoconservatism*. NY: The Free Press, 1995.

_____. The Neoconservative Persuasion. *U.S News & World Report*, v. 08, n. 47, p. 55, ago. 2003.

KRISTOL, William. The Long war. *The Insider, Washington D.C*, v.11, n. 24 , jun. 2005. 03\06\2005.

KROHN, Claus- Dieter. *Intellectuals in Exile*. NY. The University of Massachusetts Press, 1993.

KUPCHAN, Charles. *The End of America Era*. NY: Knof, 2002.

WALT, Stephen; MEARSHEIMER, John. O Lobby de Israel. *Novos Estudos*, São Paulo, nov. 2006.

AGGIO, Alberto & LAHUERTA, Milton. *Pensar o século XX: problemas políticos e história nacional na América Latina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

LEFORT, Claude. *Desafios da Escrita Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LEIRNER, Piero de Camargo. *O Sistema da Guerra*.2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEO, Rita di. *America Amarga*. Disponível em: <<http://www.nextbrasil.com.br/nb04.pdf>>. Acesso: 10 abr. 2006.

MARINHO, Kleber Maia. *In The President We Trust: uma análise da concepção religiosa na esfera política dos EUA presente nos discursos de George W. Bush*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

MASUGI, Ken. *Leo Strauss American Gang*. Claremont Institute. Disponível em: <<http://www.claremont.org/writings/000622masugi.html>>. Acesso: 09 mar. 2006.

MANGLANO, Percival.(2003). *Los neoconservadores*. Disponível em: <<http://www.gees.org/pdf/130>>. Acesso: 10 set. 2005.

MAGNOLI, Demétrio. (ORG). *A História da Guerra*. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Abril, 1985.

MARTIN, William. The Cristian Right and American Foreign Policy. *Foreign Policy*, NY. Primavera 1999.

MATUZ, Roger. *The Presidents Fact Book*. NY: Black Dog, 2005.

MEAD, Walter Russell. *Power, Terror, Peace and War*. NY: Vintage Books, 2005.

MEIER, Heinrich. *Leo Strauss ante the Theologico – Political Problem*. NY. Cambridge \university Press. 2006.

MERLE, Marcel. *Sociologia das Relações Internacionais*. Brasília: Ed. UNB,1981.

MERQUIOR, José Guilherme. *Rousseau e Weber*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.

MILLS, Wright. *Imaginação Sociológica*. São Paulo: Jorge Zahar, 1965.

MILLER, John J. *A Gift of Freedom: how the John M. Olin Foundation Changed America*. NY: Encounter Books, 2005.

MORAIS, Márcio Senne de. Bush não mentiu, diz ideólogo conservador. *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 17 nov. 2005. Cadernos de Política.2005.

MORGENTHAU, Hans. *A new foreign policy for the United States*. NY: Ed. Pall Mall, 1969.

_____. *Politics among nations*. NY: Ed. Afred Knopf, 1948.

_____. *Política entre as nações*. São Paulo: Ed. UnB.1988.

MURAVCHIK, Joshua. *Can the Neocons Get Their Groove Back?* *WASHINGTON POST*, Washington D.C, 06 nov. 2006.

MURRAY, Douglas. *Neoconservatism: why we need it?* NY: Ed. Encounter, 2006.

NASSER, Reginaldo Mattar. *O Lugar do Hemisfério na Ordem Mundial: percepções norte-americanas*.2005.Tese (Doutorado em ?) Pontificia Universidade Católica, São Paulo.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais*. São Paulo: Ed. Campus, 2006.

NÚÑEZ & VERA (Coord.). *El conservadorismo en Estados Unidos y Canadá: tendencias y perspectivas hacia el fin del milenio*. Cidade do México: UNAM, 1997.

NYE, Joseph S. Jr. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. NY: Public Affairs, 2004.

_____. *Pode o terrorismo derrotar a democracia?* Disponível em: <<http://www.mundori.com>>. Acesso: 12 out. 2005.

O FERERALISTA e outros textos, Coleção Os Pensadores, Ed. Abril, São Paulo. 1973.

OLIVEN, Ruben George. *A Parte e o Todo*. Ed. Vozes, Petrópolis. 2006.

PAN, Chengxin. Neoconservatism, US-China conflict, and Australia's great and powerful friends' dilemma. *The Pacific Review*, Sidney, v. 19, n. 4, p. 429-448, dez. 2006.

PAOLI, Maria Célia; OLIVEIRA, Francisco de. (Org.) *Os sentidos da democracia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

_____. *Introdução as Relações Internacionais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PEW RESEARCH CENTER. *U.S. Religious Landscape Survey*. Disponível em <<http://pewforum.org/>>. Acesso: 03 mar. 2008.

PRESTOWITZ, Clyde. *Rogue Nation*. NY: Basic Book, 2004.

PRETO, Alessandro Falcão. *O Conceito de Diplomacia presidencial: o papel da presidência da república na formulação de política externa*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PROCÓPIO, Argemiro. *No Olho da águia*. São Paulo: Ed. Alfa- Omega, 2003.

RAPHAEL, Ray. *Mitos sobre a Fundação dos Estados Unidos*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

RÊGO, João. *Poder, Estado e Sociedade em Hobbes e Freud*. Recife: Ed. Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

REVEL, Jean- François. *A obsessão antiamericana*. Rio de Janeiro: Ed. Da UniverCidade, 2003.

REZENDE, Flavio da Cunha. Os leviatãs estão fora do lugar. Revista *DADOS*, Rio de Janeiro, v.39, n.02, 1996.

RIVERO, Oswaldo de. *O mito do desenvolvimento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

ROCHA, Antonio J. R. O sistema político dos EUA: implicações para suas políticas externa e de defesa. *Contexto Internacional*, Cidade, v. 28, n. 1, p. 53-100, jun. 2006.

ROSENAU, James, N. e CZEMPIEL, Ernst-Otto (Org.). *Governança sem governo*. Brasília: Ed. Unb, 2000.

SOUZA, Jose Dalmo de. *Filosofia, Racionalidade, Democracia: os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

SALBUCHI, Adrian. *El Cerebro del Mundo*. Cordoba: Ediciones del Copista, 2003.

SCHILLING, Voltaire. *América*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2006.

SADER, Emir. *Século XX: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1995.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. A necessidade política e a conveniência estratégica de definir “Terrorismo”. *Idéias*, Campinas, Ano 10, n.02, 2003.

_____. *A Política Armada*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. O último ano de Bush e seu legado aos EUA. *Revista Política Externa*, São Paulo, v 16, n. 03, fev. 2008.

SHIMABUKURO, Alessandro. A política de segurança dos Estados Unidos no pós- Guerra Fria. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação “San Tiago Dantas” de Relações Internacionais. PUC – SP, UNESP e UNICAMP. 2007.

SKINNER, Quentin. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SMITH, Anthony D. *Nações e nacionalismo numa era global*. São Paulo: Ed. Celta, 1999.

_____. *A identidade nacional*. Lisboa, Ed. Gradiva, 1997.

STRUSS, Leo e CROPSEY, Joseph. *History of Political Philosophy*. Chicago: Universidade de Chicago, 1972.

STRAUSS, Leo. *Que es filosofia politica?* Madrid: Obras Primas, 1979.

STROH, Guy W. *A Filosofia Americana*. São Paulo: Cultrix, 1972.

STELZER, Irwin (ORG). *Neoconservatism*. London: Atlantic Books, 2004.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1977.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UNB, IPRI; São Paulo: IOESP, 1981.

VAUGHAN, Samuel S.; BUCKLEY, William F. Jr. *The Right Word*. NY: Randon House, 1998.

VELASCO e CRUZ, Sebastião C. *Globalização, Democracia e Ordem Internacional*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

VIOTTI, Paul R.; KAUPPI, Mark V. *International Relations Theory*. London. 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo*. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. *O Capitalismo Histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Os Estados Unidos e o mundo: as torres gêmeas como metáfora. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 46, 2002b.

WALTZ, Kenneth. *Teoria das relações internacionais*. Lisboa: Ed. Gradiva, 2002.

WALZER, Michael. *Guerras Justas e Injustas*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. A política como vocação. In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 55 - 124.

WILSON, James Q. *American Exceptionalism. AEI for Policy Research*. 2006

WIGHT, Martin. *International Theory*. NY: Holmes & Meier, 1972.

_____. *A Política do Poder*. Brasília: Ed. UNB, 2005.

WOODWARD, Bob. *Os Comandantes*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991.

WOOLDRIDGE, Adrian; MICKLETHWAIT, John. *The Right Nation*. Londres: Penguin Books, 2004.

ZITTEL, Claus; NOUR, Soraya. O historiador e o teórico: a historiografia de Hobbes na teoria das relações internacionais. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, p. 229-279, dez. 2003.

ZORGBIBE, Charles. *O pós-Guerra Fria no mundo*. São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.

Sites pesquisados

http://www.census.gov/Press-Release/www/2002/dp_comptables.html. Acesso em: 10 de fev. 2008.

<http://www.michaelnovak.net>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.swapcampaign.co.uk/>. Acessado em: 03 de ma. 2008.

<http://www.dickgregory.com/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.dickgregory.com/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.fed-soc.org/>. Acessado em: 05 de mai. 2008.

<http://www.cato.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

www.jbs.org . Acessado em: 03 de mar. 2008.

www.kkk.com/. Acessado em 03 de mar. 2008.

www.eagleforum.org/. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.claremont.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008

<http://www.comw.org/>. Acessado em: 03 de abr. 2007.

<http://www.carnegieendowment.org/>. Acessado em: 08 de fev. 2008.

<http://www.brookings.edu/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.jmof.org/> . Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.rockfound.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.acjna.org/acjna/default.aspx> . Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.aipac.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.cufi.org/site/PageServer> . Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.israelpolicyforum.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

<http://www.tikkun.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008

<http://www.peacenow.org/>. Acessado em: 03 de mar. 2008

<http://www.bradleyfdn.org/>. Acesso em: 01 de mar. 2008.

<http://www.srf.org/>. Acessado em: 02 de fev. 2008.

<http://pewresearch.org/>. Acesso em: 02 de fev. 2008.

<http://www.victorhanson.com/>. Acessado em: 12 de ago, de 2005.

<http://www.armscontrolcenter.org/>. Acessado em 03 de mar. de 2008.

<http://www.globalissues.org/> . Acessado em 03 de mar. de 2008.

. <http://www.globalissues.org/Geopolitics/ArmsTrade/Spending.asp> . Acessado em 03 de mar. de 2008.

<http://conservativehq.com/home>. Acesso em: 02 de mar. de 2008.

<http://home.trbc.org/>. Acessado em: 03 de mar. de 2008.

<http://www.trilateral.org/>. Acessado em: 03 de mar. de 2008.

<http://www.americansforprosperity.org/>. Acessado em : 03 de mar. de 2008.

<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>. Acessado em: 09 de agosto de 2006.

cnn.com<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

cnn.com<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>. Acessado em: 03 de mar. 2008.

cnn.com<http://edition.cnn.com/ELECTION/2004/pages/results/states/US/P/00/epolls.0.html>. Acessado em: 26 de fev. 2008.

<http://pewresearch.org/> Acesso em: 12 de jan. de 2008.

<http://www.esa-online.org/Display.asp?Page=home>. Acessado em: 09 de fev. de 2008.

<http://www.barna.org/> . Acessado em: 03 de mar. de 2008.

<http://www.barna.org/> Acesso em: 03 de mar. 2008.

<http://www.catholiccharitiesinfo.org/NetCommunity/Page.aspx?srcid=-2>. Acessado em: 09 de março de 2007

<http://www.lutherservices.org/>. Acessado em: 09 de março de 2007.

<http://www.ujc.org/>. Acessado em: 03 de junho de 2007.

<http://www.discovery.org/>. Acessado em: 08 de fev. de 2008.

<http://www.marshall.org/>. Acessado em: 01 de fev. de 2008.

<http://www.ff.org/>. Acessado em: 05 de fev. de 2008

<http://www.heartland.org/>. Acessado em: 19 de mar. de 2007.

<http://www.family.org/>. Acessado em: 22 de out. de 2007.

<http://www.opec.org/home> Acessado em: 09 de fev. de 2008.

<http://www.swapcampaign.co.uk/>. Acessado em: 03/03/08.